

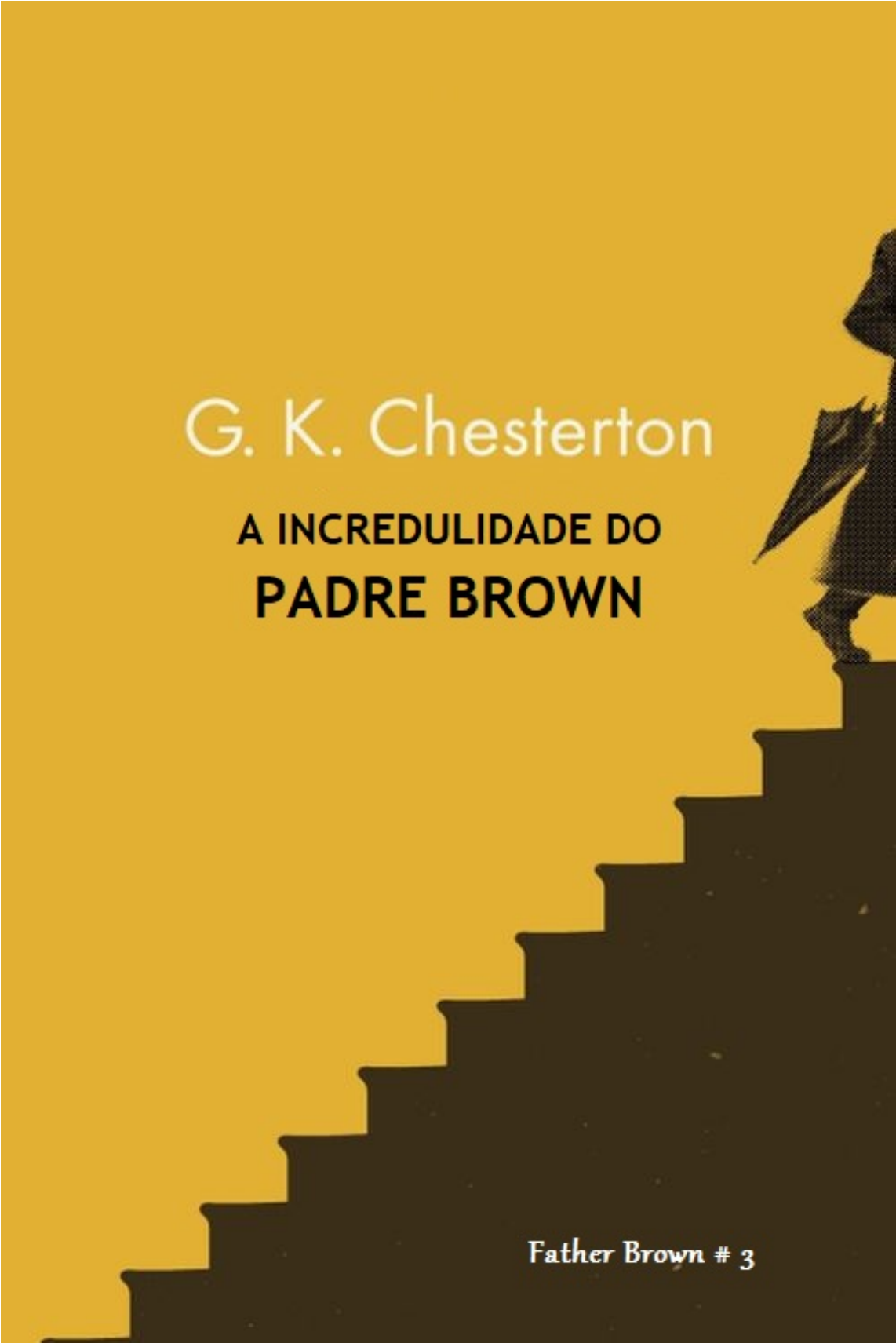
G. K. Chesterton

**A INCREDULIDADE DO
PADRE BROWN**

Father Brown # 3



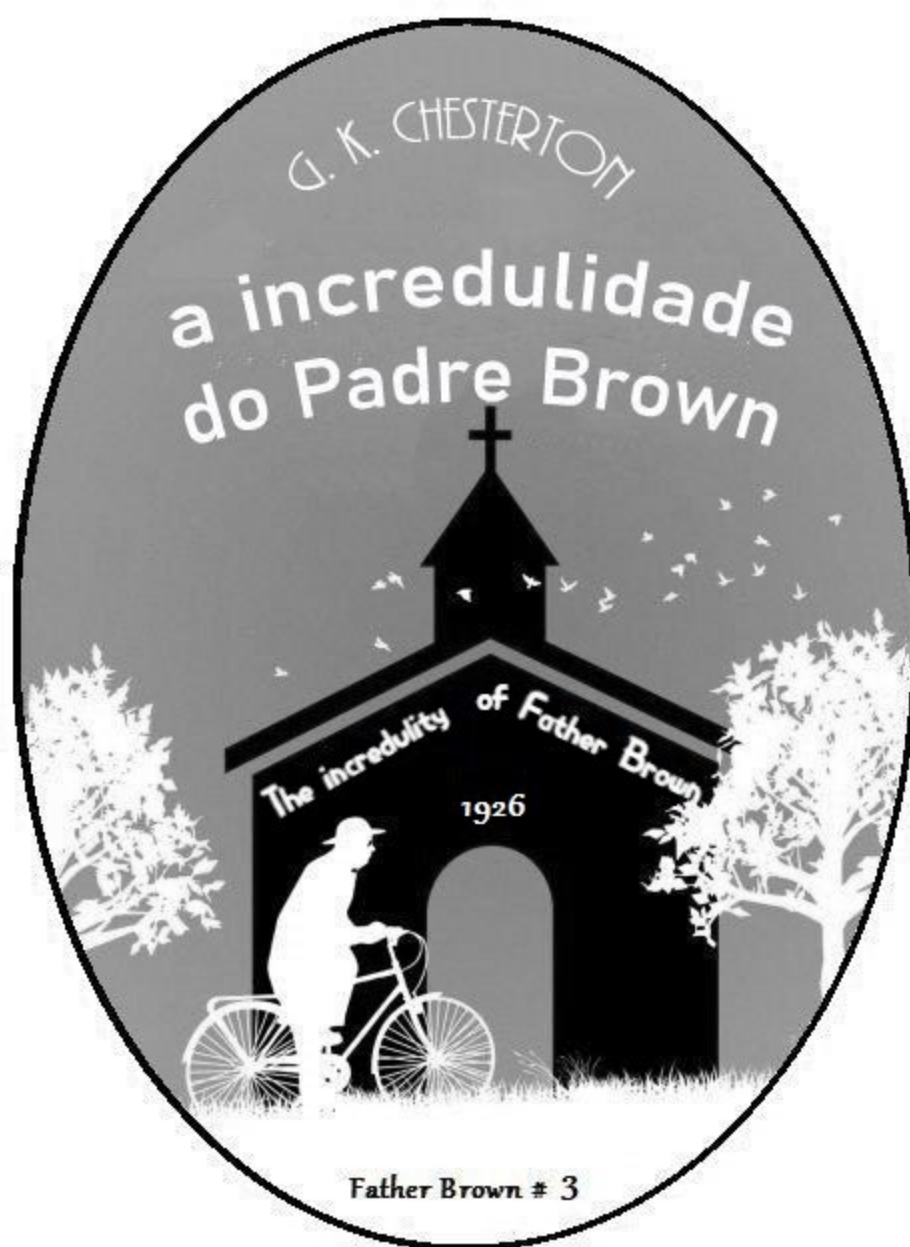




G. K. Chesterton

**A INCRECULIDADE DO
PADRE BROWN**

Father Brown # 3



Clube do Crime

Nº 82

G. K. Chesterton

A incredulidade do Padre Brown

Publicações Europa-América

Título original: *The Incredulity of Father Brown*

Tradução de Maria Isabel Braga

[Capa: estúdios P. E. A.]

Direitos reservados por Publicações Europa-América, Lda.

Editor: Francisco Lyon de Castro

Publicações Europa-América, Lda.

Apartado 8

2726 Mem Martins Codex

Portugal

Edição nº 135582/4620

Execução técnica: Gráfica Europam, Lda., Mira-Sintra • Mem Martins

Depósito legal nº 21808/88

I

A ressurreição do Padre Brown

Houve um breve período durante o qual o padre Brown gozou, ou melhor, não gozou, de algo semelhante à fama. Era ele o tema de sensação dos jornais; foi mesmo assunto de controvérsia nos semanários; as suas façanhas eram contadas com grande interesse e pouca exatidão em muitos clubes e salões, sobretudo na América. Por muito estranho e incrível que pareça a quem o tivesse conhecido, as suas aventuras como detetive foram mesmo tema de contos publicados em revistas.

Coisa estranha, este êxito fugaz foi encontrá-lo no mais obscuro ou, pelo menos, no mais remoto de todos os lugares onde residiu. Tinha sido destacado para exercer o seu ministério, em parte como missionário, em parte como pároco, numa daquelas áreas da costa norte da América do Sul, onde certas fatias de território se encontram ainda precariamente sujeitas aos poderes europeus ou então ameaçam a torto e a direito transformar-se em repúblicas independentes, sob a gigantesca sombra do presidente Monroe. A população era de pele vermelha e morena com manchas cor-de-rosa, ou seja, era hispano-americana e, sobretudo, hispano-índio-americana, mas havia um grande aumento na infiltração de americanos de raça nórdica: ingleses, alemães, *etc.* E os sarilhos parecem terem começado quando um desses visitantes, acabado de chegar e muito irritado por ter perdido uma das suas malas, se aproximou do primeiro edifício que avistou — por sinal a residência da missão, com capela anexa, uma varanda corrida na frente com uma longa fila de postes em redor, à volta dos quais trepavam os troncos enegrecidos da vinha, com as suas folhas avermelhadas pelo outono. Atrás delas, sentados em fila, quase tão rígidos como os troncos, encontrava-se um grupo de seres humanos, de cores em certa medida semelhantes às da vinha. Os seus olhos eram tão negros como os chapéus de aba larga com que se cobriam, ao passo que a pele de muitos deles parecia feita de madeira escura daquelas florestas transatlânticas. Alguns fumavam charuto preto, comprido e fino. Em todo aquele grupo só a

fumaça se movia. O estrangeiro os teria classificado de nativos, embora muitos se sentissem muito orgulhosos do sangue espanhol. Contudo, ninguém saberia fazer distinção entre espanhóis e peles-vermelhas e ele preferia classificá-los todos como nativos.

Era um jornalista de Kansas City, um sujeito magro, de cabelos claros, com um daqueles narizes que Meredith classificaria de aventureiro: quase podíamos imaginar que ele se orientava pelo faro e se movia como a tromba de um papa-formigas. Seu sobrenome era Snaith e os pais, após obscura cogitação, haviam decidido batizá-lo de Saul, fato que ele teve o bom senso de esconder na medida do possível. De fato, acabara por adotar o nome de Paul, o mais parecido, muito embora não o movessem as mesmas razões que inspiraram o apóstolo dos gentios. Antes pelo contrário, dadas as suas opiniões em tal matéria, teria caído melhor o nome do perseguidor, visto que considerava a religião organizada com o desprezo convencional que se adquire mais facilmente com as leituras de Ingersoll do que com as de Voltaire. Mas pelo visto, não foi essa faceta de seu caráter que naquele momento levou a invectivar o grupo que sentado na varanda. Qualquer coisa no seu descarado repouso e indiferença lhe acendeu a fúria da eficiência. Assim, ao ver que ninguém respondia às suas perguntas, desatou a falar.

Sob o sol escaldante, impecável no seu panamá, em seu terno todo janota, a mão segurando com força a bolsa de viagem, pôs-se a insultar as pessoas sentadas à sombra. Começou por lhes dizer, aos berros, para o caso de nunca se terem debruçado sobre esse problema, por que eram preguiçosos, sebentos, bestialmente ignorantes e inferiores a animais de vista baixa. Na sua opinião, tal fato se devia à influência nefasta dos padres, que os mantinham tão miseravelmente pobres e tão irremediavelmente oprimidos, nada sabendo fazer além de sentar à sombra fumando.

— Vocês não passam de uns palermas — declarava —, uma vez que se deixam subjugar por esses fantoches que se pavoneiam com suas mitras, suas tiaras, seus cálices de ouro e suas vestimentas vistosas; que olham para vocês de cima para baixo, como se os considerassem esterco, e os deslumbram com suas coroas, seus dosséis e suas santas sombrinhas, suas palhaçadas. E só porque um velho feiticeiro vaidoso se diz sumo sacerdote e se julga senhor do mundo! E vocês, o que são, pobre idiotas? Estão voltando ao barbarismo, é o que lhes digo, não sabem ler nem escrever, nem...

Nesta altura o sumo sacerdote saiu correndo porta afora de maneira muito pouco cerimoniosa. Não tinha o ar do senhor do mundo, parecia antes uma trouxa de roupa negra e usada, enfiada num travesseiro, como se fosse um espantalho. Não trazia a tiara, se é que a tinha, mas antes um velho chapéu todo amolgado, não muito diferente daquele que usavam os hispano-índios, e que ele deitara para trás num gesto de impaciência. Ia para se dirigir aos índios imóveis, quando deu pela presença do estrangeiro e então disse logo:

— Oh, posso ajudá-lo em alguma coisa? Não quer entrar?

Paul Snaith entrou e isto foi o começo de um enorme aumento de informação jornalística acerca de muitas coisas. É possível que o seu instinto de repórter fosse mais forte que os seus preconceitos, como é vulgar nos jornalistas inteligentes. Fez muitas perguntas e as respostas interessaram-no e causaram-lhe surpresa. Descobriu que os índios sabiam ler e escrever pela simples razão de que fora o padre quem os ensinara; mas que só faziam uso desses conhecimentos quando não podia deixar de ser, pois preferiam utilizar uma forma de comunicação mais direta. Ficou sabendo que essas estranhas criaturas ali sentadas na varanda, sem mexerem um cabelo, eram capazes de trabalhar duramente nas parcelas de terreno que lhes pertenciam; sobretudo aqueles que tinham mais de cinquenta por cento de sangue espanhol; e também ficou a saber, o que lhe causou um espanto ainda maior, que todos eles possuíam pedaços de terra mesmo deles. Isso também fazia parte de uma tradição tão antiga como a sua raça. Também aí, o padre desempenhara um certo papel, o seu primeiro e possivelmente último papel na política, embora apenas local.

Na região verificara-se recentemente um daqueles surtos de ateísmo e radicalismo quase anarquista que surge periodicamente nas áreas de cultura latina e começa geralmente por uma sociedade secreta, para terminar quase sempre numa guerra civil, e pouco mais. O chefe do partido iconoclasta era um certo Alvarez; um aventureiro de nacionalidade portuguesa, mas de origem parcialmente negra, no dizer dos seus inimigos. Era o chefe de um certo número de lojas e templos de iniciação daquele tipo que, em zonas como aquela, conseguem revestir o próprio ateísmo em roupagens místicas. O chefe do partido conservador era um sujeito mais vulgar, um homem bastante rico, chamado Mendoza, dono de diversas fábricas e muito respeitável, mas nada interessante. Era opinião geral que a causa da lei e da ordem teria soçobrado inteiramente, caso ele não houvesse adotado uma

política mais popular para o seu partido, a qual consistia em ceder terras aos camponeses; e este movimento tivera a sua origem principal na sede da pequena missão do padre Brown.

Enquanto este falava com o jornalista entrou Mendoza, o chefe conservador. Era um homem forte e moreno, com a cabeça calva como uma pera e um corpo gordo do mesmo feitio; vinha a fumar um charuto perfumado, mas atirou-o fora, com um gesto talvez um tudo-nada teatral, quando chegou junto do padre, como se tivesse entrado na igreja, e fez uma vênha, inesperada num sujeito tão corpulento. Punha sempre uma grande seriedade em todos os seus gestos sociais, sobretudo quando se tratava de instituições religiosas. Era um daqueles leigos que se revelavam muito mais eclesiásticos que os próprios eclesiásticos. Isto causava grandes embaraços ao padre.

— Quanto a mim acho que sou anticlerical — costumava dizer, sorrindo, o padre Brown —, e penso que haveria muito menos clericalismo se deixassem os padres resolver sozinhos esse assunto.

— Oh, Mr. Mendoza! — exclamou o jornalista com renovado entusiasmo —, penso que já nos conhecemos. O senhor não assistiu no ano passado ao Congresso Comercial do México?

As pesadas pálpebras de Mr. Mendoza moveram-se numa expressão de quem se recorda e sorriu com o seu sorriso lento:

— Recordo-me — murmurou.

— Que grandes negócios ali se fizeram numa hora ou duas! — exclamou Snaith com entusiasmo. — Calculo que para si foi muito bem.

— Tive muita sorte — disse modestamente Mendoza.

— Creio que sim! — tornou a exclamar Snaith. — A sorte bafeja sempre os que sabem por onde segurá-la; e o senhor é um desses, sem dúvida nenhuma. Mas espero não estar interrompendo seus assuntos?

— De modo algum — tornou o outro. — Tenho muitas vezes a honra de fazer uma visitinha aqui ao padre, só para lhe dizer duas palavras. Só duas palavrinhas.

Foi como se esta familiaridade entre o padre Brown e um homem de negócios tão próspero e mesmo tão famoso viesse completar a reconciliação com o positivo Snaith. Pelo visto, sentiu que uma nova respeitabilidade envolvia a missão e sentiu-se disposto a esquecer certos sinais bem visíveis da existência da religião, tais como a capela e o presbitério. Mostrou-se decididamente entusiasmado com o programa do padre, pelo menos com o

seu aspecto secular e social, e declarou-se pronto a servir, em qualquer altura, de transmissor vivo para comunicar com o mundo distante. Foi precisamente nesta altura que o padre Brown começou a considerar o jornalista mais incômodo na sua simpatia que na sua hostilidade.

O Mr. Paul Snaith, dali em diante, empenhou-se vigorosamente em promover a figura do padre Brown. Enviou longos e entusiásticos elogios acerca dele através do continente para o seu jornal do meio-oeste. Tirou instantâneos do infeliz sacerdote quando este se entregava às ocupações mais comezinhas e exibiu-as em gigantescas ampliações nos enormes jornais de domingo dos Estados Unidos. Transformou as suas frases em slogans e estava constantemente a oferecer ao mundo uma “mensagem” do reverendo senhor da América do Sul. Qualquer outro povo menos ingenuamente receptivo que a raça americana teria ficado logo farto do padre Brown. Mas o que aconteceu foi que este começou a receber convites para ir fazer uma série de conferências através dos Estados Unidos; e como recusasse respondiam-lhe apresentando melhores condições, com os protestos do mais profundo respeito. Uma série de histórias acerca dele, como sendo um Sherlock Holmes, foi planejada graças à imaginação de Snaith e apresentada ao herói pedindo-lhe que as aprovasse e lhes desse o seu apoio. Vendo que as histórias já tinham sido postas a correr, o padre não pôde sugerir outra coisa senão que se devia parar com elas. E isto foi aceito por Snaith como tema de uma discussão sobre a chance de o padre Brown desaparecer temporariamente, caindo de um rochedo, como sucedera ao herói do Dr. Watson. A todas estas solicitações o padre tinha de responder pacientemente por escrito, dizendo que consentiria nessa solução, a fim de que se acabasse com as histórias e pedindo que se fizesse um longo intervalo antes que comesçassem de novo. As notas que ele escrevia eram cada vez mais curtas e ao terminar a última, suspirou.

Desnecessário dizer que esta estranha publicidade alcançada no Norte teve repercussão no Sul, onde ele esperava viver uma vida solitária. A vasta população inglesa e americana, já ali residente, começou a sentir orgulho em possuir uma personagem tão ilustre. Os turistas americanos, do gênero daqueles que chegam ansiosos por verem a abadia de Westminster, chegavam aquela costa remota desejosos de avistarem o padre Brown. Vinham de enormes distâncias, em trens especiais com seu nome, cheios de uma multidão que o queria visitar como se ele fosse um monumento público. Incomodavam-no sobretudo os negociantes e os lojistas lá da terra,

sempre atrás dele para que experimentasse os seus artigos e desse a sua opinião. E se essa opinião demorava, eles prolongavam a correspondência só para colecionar autógrafos. E como ele era uma pessoa amável, acabavam por conseguir muito daquilo que pretendiam. Foi precisamente a resposta a um negociante de vinhos de Frankfurt, chamado Eckstein, a quem ele escrevera apressadamente algumas palavras num postal, que veio provocar uma terrível viragem na sua existência.

Eckstein era um homenzinho irrequieto com um cabelo crespo e um pince-nez. Estava ansioso não só porque o padre experimentasse o seu vinho medicinal, como queria também que ele dissesse onde e como o bebia, de acordo com a receita. O padre não se admirou muito com o pedido, pois já estava habituado às maluqueiras dos anúncios. Por isso, escreveu rapidamente qualquer coisa em resposta e voltou a sua atenção para outros assuntos mais úteis. Mas logo foi de novo interrompido por um recado do seu inimigo político Alvarez pedindo que fosse encontrá-lo, a fim de entrarem em acordo sobre certo assunto importante que precisava ser resolvido; sugeria que se encontrassem nessa mesma noite, num certo café fora das muralhas da cidade. Ele aceitou isso também, enviando a resposta por um mensageiro militar, de farda vistosa, que estava à espera. Feito isso, como tinha ainda uma hora ou duas à frente, sentou-se e tentou despachar parte de seus assuntos legítimos. Finalmente, serviu-se de um copo do célebre vinho de Eckstein e, depois de olhar o relógio com um ar satisfeito, bebeu e saiu.

A lua cheia iluminava a pequena cidade, de modo que, no momento em que ele chegou ao pitoresco local, com o seu arco rococó e a fila de palmeiras do outro lado, aquilo lembrava o cenário de uma ópera espanhola. Uma comprida folha de palmeira muito recortada, e que parecia preta à luz da lua, pendia do outro lado do arco e a sua silhueta parecia a boca aberta de um crocodilo. Esta imagem nunca teria permanecido na sua mente se não houvesse outro fato que chamou a atenção do seu olhar atento. O ar estava totalmente imóvel, não havia um sopro de vento, no entanto, ele viu distintamente a folha de palmeira mover-se.

Olhou em torno e verificou que estava sozinho. As últimas casas haviam ficado para trás e ele caminhava agora entre dois muros altos feitos de pedras irregulares, nas quais cresciam de quando em quando os cactos espinhosos, muito vulgares na região, muros esses que seguiam paralelos até o arco. O padre não conseguia ver as luzes do café, além do arco; este,

provavelmente, ficava muito para lá. Nada mais avistava à sua frente senão o pavimento de lajes, que o luar branqueava, com os seus tufo de cactos que ostentavam um ou outro fruto coberto de picos. Tinha a sensação de estar sob uma ameaça de perigo; chegava mesmo a ser uma opressão física; mas nem por um momento lhe passou pela cabeça parar. A sua coragem, embora considerável, era, apesar de tudo, menor que a curiosidade que o movia. Toda a vida se regera por uma enorme sede de verdade, até mesmo em casos sem importância; procurava não cair em exageros, mas o sentimento lá estava. Quando ia passando bem embaixo do arco um homem saltou sobre ele, empunhando uma faca. No mesmo instante, outro que se esgueirava junto ao muro brandiu um cacete por cima da sua cabeça. O padre Brown voltou-se, vacilou e tombou por terra, mas ao cair a sua expressão era de uma enorme surpresa.

Nessa época vivia na mesma cidadezinha outro jovem americano totalmente diferente de Paul Snaith. Chamava-se John Adams Race. Era engenheiro eletrotécnico e trabalhava por conta de Mendoza no sentido de equipar o velho burgo com as facilidades da civilização. A sua figura era muito menos conhecida nos meios da crítica e das intrigas internacionais que a do jornalista americano. Mas a verdade é que a sociedade americana conta um milhão de homens do tipo moral de Race para um do tipo de Snaith. Era um sujeito de uma competência excepcional na sua profissão, mas fora isso, de uma grande simplicidade. Começara a vida como empregado de farmácia numa aldeia do Oeste e conseguira subir na vida pelos seus próprios méritos; no entanto, considerava ainda a sua terra natal como o centro do mundo habitável. Crescera num meio muito puritano, ou puramente evangélico. Aprendera os preceitos do cristianismo no colo da mãe, baseados na Bíblia. Ainda hoje era esta a sua religião, se é que lhe sobrava tempo para se dedicar a alguma. Nem mesmo no deslumbramento das mais recentes e fantásticas descobertas, quando se encontrava a ponto de realizar uma experiência decisiva, produzindo milhares de luz e som, como se fosse um deus a criar novas estrelas e outros sistemas solares, nem por um momento ele deixou de considerar o sistema de vida “lá da terra”; a sua mãe, a Bíblia caseira, a calma e antiquada moral que ali se professava como as melhores coisas do mundo. Tinha certeza de que a religião da Bíblia era, de fato, a verdadeira; e quando se encontrava no mundo moderno sentia uma vaga saudade de tudo isso. É evidente que não simpatizava com mitras e báculos, nem com as manifestações externas do

catolicismo, e nisso estava do lado de Snaith, embora de um modo menos ostensivo. Não gostava das vênias e da sovinice de Mendoza, como também não o tentava o misticismo maçônico do ateu Alvarez. É possível que ele achasse aquela vida semitropical, bem como a pele vermelha dos índios e o ouro dos espanhóis, demasiado colorida para o seu gosto. De qualquer modo, quando afirmava que nada chegava aos calcanhares da sua terra natal, era sincero. O que ele queria dizer é que existia ali algo de puro, simples, despretensioso e comovente que ele respeitava acima de tudo. Mas sendo esta a atitude mental de John Adams Race numa estância da América do Sul, começara a insinuar-se nele um sentimento que contradizia todos os seus preconceitos e para o qual não conseguia encontrar explicação. Porque a verdade era esta: a única coisa que encontrara no decurso das suas viagens que lhe recordava os montes de lenha, a sua quinta na aldeia e a Bíblia que aprendera no colo da mãe era (não sabia por que razão estranha) a cara redonda e o velho guarda-sol do padre Brown.

Surpreendia-se a observar aquela figura vulgar ou até mesmo cômica com mórbida fascinação sempre que a via passar, como se ela fosse um enigma ambulante. Descobria nela qualquer coisa que não podia impedir-se de gostar no meio daquilo que sempre odiara; era como se tivesse sido atormentado por diabretes para acabar verificando que o diabo-mor não passava, enfim, de uma pessoa comum.

Assim sucedeu que, ao olhar pela sua janela, naquela noite de luar, ele viu passar o dito demônio, esse sujeito impoluto, na sua batina preta e chapéu de abas largas, caminhando, estrada fora, em direção à muralha. E pôs-se a observá-lo com um interesse que não sabia explicar. Perguntava a si próprio para onde é que ele iria e que é que iria fazer. E continuou a olhar para a estrada muito depois de a figura negra ter desaparecido. A certa altura observou outra coisa que o intrigou mais ainda. Outros dois homens, que ele também conhecia, passaram no retângulo iluminado da sua janela como quem atravessa um palco. Qual luz da ribalta, o clarão azulado da lua punha como que um halo em redor da cabeleira rebelde de Eckstein, o pequeno negociante de vinho, e sublinhava igualmente outra figura, mais alta e mais negra, com um chapéu alto também escuro. Tudo aquilo se assemelhava a uma pantomima de sombras. Race censurou-se por dar assim largas à sua fantasia, pois logo a seguir reconheceu as suíças e as feições vincadas do Dr. Calderon, um médico bem conhecido na cidade, que um dia encontrara à cabeceira de Mendoza quando este adoecera. No entanto, a

maneira como os dois homens cochichavam entre si e olhavam a rua ao longe parecia-lhe estranha. Obedeceu a um impulso, saltou pela janela e seguiu atrás deles, estrada afora, de cabeça descoberta. No momento em que eles desapareciam sob a arcada, chegou-lhe aos ouvidos um grito medonho, forte e agudo, e tornava-se ainda mais arrepiante porque dizia qualquer coisa numa língua que Race não compreendia.

Seguiu-se um tropel de passos, mais gritos e logo a seguir um vozear confuso que fazia estremecer as ameias e as palmeiras da praça; a multidão de gente que se juntara moveu-se, como que a recuar para fora da arcada, e então ouviu-se uma voz que desta vez Race percebeu perfeitamente e que anunciava num tom de tragédia:

— Padre Brown está morto!

Race nunca soube o que cedeu dentro de si ou por que falhou aquilo com que sempre contara, o certo é que correu para a arcada. Encontrou seu compatriota jornalista, que saía precisamente do escuro, pálido de morte, torcendo nervosamente os dedos.

— Não há dúvida — declarou com uma espécie de reverência. — Foi-se. O médico já o viu e diz que não há nada a fazer. Algum desses malditos mestiços lhe deu uma cacetada, sabe-se lá por que, quando ele passava embaixo do arco. Vai ser uma enorme perda para esta terra!

Race não disse nada, talvez não conseguisse falar, mas correu para ver a cena de perto. O pequeno vulto vestido de negro jazia no mesmo sítio onde caíra, num monte de pedregulhos, semeado de cactos verdes e espinhosos; a multidão que ali se juntara era mantida à distância quase só pelos gestos de uma figura gigantesca que se achava em primeiro plano. Muitas dessas pessoas avançavam segundo o movimento de suas mãos, como se se tratasse de um feiticeiro.

Alvarez, o ditador e demagogo, era um tipo alto e fanfarrão, que gostava de usar roupas vistosas, e, naquele momento, envergava uma farda verde, bordada a prata com desenhos, imitando cobras enroscadas por todo o lado. Ao pescoço usava uma condecoração suspensa de uma fita rosa. A sua cabeleira crespa e já grisalha contrastava com o tom da pele, que os amigos consideravam de um tom moreno e os inimigos diziam ser mulata, e que naquele momento brilhava como se fosse uma máscara de ouro.

O rosto, de feições rudes e habitualmente prazenteiro, mostrava-se agora grave e severo. Explicou que se encontrava no café, à espera do padre

Brown, quando ouviu um barulho e o ruído de um corpo a cair. Ao sair cá para fora deparou-se-lhe o cadáver em cima das pedras.

— Sei o que estão pensando — declarou ele, olhando em volta com um ar de desafio —, e se não se atrevem a dizer, digo eu. Sou ateu; quem não quiser acreditar que não acredite. Mas dou minha palavra de honra de homem e de soldado que nada tive a ver com isso. E se apanhasse o culpado, teria muito gosto em enforcá-lo naquela árvore.

— Não há dúvida de que todos ficamos satisfeitos ao ouvir essas suas afirmações — disse o velho Mendoza num tom solene e altivo, de pé junto ao cadáver do seu ex-colaborador. — Foi um golpe muito duro e inesperado para que possamos, de momento, dizer o que nos vai na alma. Sugiro que levemos daqui o corpo do meu amigo e acabemos com esta estranha reunião. Pelo que me diz — acrescentou voltando-se para o médico, com ar grave —, não há a mínima esperança.

— Nenhuma — confirmou o Dr. Calderon.

John Race regressou aos seus aposentos com uma estranha sensação de tristeza e vazio. Parecia-lhe impossível sentir a falta de um homem que nem sequer conhecia. Ficou a saber que o enterro se realizaria no dia seguinte; todos eram de opinião que se devia resolver o assunto o mais depressa possível, com receio de tumultos, que ameaçavam rebentar de hora para hora. Quando Snaith vira os índios sentados na fila da varanda, estes pareciam uma série de esculturas astecas de madeira vermelha. Mas não os viu quando souberam que o padre Brown estava morto.

A verdade é que teriam feito logo uma revolução, a fim de lincharem o caudilho republicano, se não os tolhesse, de momento, a necessidade de respeitarem o caixão do seu chefe religioso. Os verdadeiros assassinos, esses sim, mereciam naturalmente ser linchados, haviam desaparecido misteriosamente. Ninguém conhecia os seus nomes, ninguém sabia sequer se a vítima lhes chegara a ver a cara. Aquela expressão de surpresa que lhe ficara no rosto seria talvez devida ao fato de os haver reconhecido.

Alvarez repetia alto e bom som que nada tinha a ver com o crime. Assistiu ao funeral, seguindo atrás do caixão com a sua farda verde e prateada, arvorando um ar de reverência e ao mesmo tempo de desafio.

Atrás da varanda subia-se um lance de escadas de pedra ladeadas por uma sebe de cactos, que atravessava a encosta íngreme. Foi por aí que transportaram, com grande esforço, o caixão, para o colocarem provisoriamente aos pés do enorme crucifixo que dominava a estrada e

servia de sentinela ao recinto sagrado dos mortos. Em baixo, ficara um mar de gente a lamentar-se e a rezar as contas. Era o povo que se sentia órfão por haver perdido o seu pai. Apesar de todas as manifestações, que para ele representavam uma provocação, Alvarez manteve a calma e a compostura; e tudo teria corrido bem, dizia consigo Race, se ninguém se tivesse metido com ele.

Race cogitava amargamente que Mendoza sempre procedera como um velho idiota, e, desta vez, mantivera-se fiel à regra. Conforme o uso nas sociedades primitivas, o caixão ficara aberto e a cara do morto destapada, o que levou ao paroxismo o desgosto daquelas pobres criaturas. Uma vez que assim mandava a tradição, não havia nada de mal nisso; contudo, alguém responsável resolveu adotar o costume dos livres-pensadores da França, que consistia em fazer discurso à beira da campa. Mendoza começou a proferir a sua alocução, bem comprida, por sinal, e quanto mais ele falava mais John Race se sentia enfadado com todo aquele ritual religioso. A lista das virtudes do falecido era repetida com a lentidão e a retórica de um orador que não sabe como terminar o seu brinde no fim de um banquete. Isto em si já era mau, mas Mendoza teve ainda a supina estupidez de se pôr a acusar e até a desafiar os seus inimigos. Em menos de três minutos conseguiu desencadear uma cena da mais extraordinária violência.

— Estamos no direito de querer saber! — exclamou ele, olhando altivamente ao redor —, estamos no direito de querer saber — repetiu — onde é que poderemos encontrar virtudes como estas entre aqueles que abandonaram a crença dos seus antepassados. É quando temos entre nós, ateus, e não só chefes teóricos mas também cabecilhas, que vemos essas teorias infames produzirem os seus frutos em crimes como este. Se procurarmos saber quem assassinou este santo homem, descobriremos facilmente...

Nos olhos de Alvarez, o mulato aventureiro, brilhou um clarão de selvagem ferocidade; Race pensou que aquele homem não passava infelizmente de um primitivo e que todo o seu transcendentalismo “iluminado” tinha o seu quê de feitiçaria. De qualquer modo, Mendoza não pôde prosseguir porque Alvarez acabava de se erguer e gritava, em reposta, com muito mais força que o seu adversário:

— Quem o matou? Mas foi seu Deus! Foi seu Deus quem o matou! Segundo vocês afirmam é ele quem mata todos os fiéis servidores, tal como matou este — fez um gesto violento, apontando não para o cadáver, mas

para o crucifixo. E prosseguiu, esforçando-se agora para se controlar, num tom ainda furioso, mas menos agressivo: — Eu não acredito nisso, mas vocês acreditam. Mais vale não acreditar em nenhum Deus que ter um que os prejudica desta maneira. Já eu não tenho receio de afirmar que não há Deus. Neste mundo cego e estúpido não há nenhuma força que atenda suas orações e restitua seu amigo. Por muito que eu esconjure o céu para que ele ressuscite, ele não ressuscitará. E vou fazer aqui a prova: desafio aquele Deus que não existe a despertar este homem que dorme para sempre.

Seguiu-se um silêncio emocionado; o demagogo causara o efeito que pretendia.

— Devíamos ter previsto — começou Mendoza numa voz rouca e pastosa — quando permitimos que um homem como o senhor...

Mas foi interrompido por uma outra voz, e com sotaque americano:

— Calem-se! Calem-se! — gritava Snaith, o jornalista. — Está acontecendo alguma coisa! Juro que o vi se mexer...

E corria, escadas acima, para junto do caixão, enquanto o povo, lá embaixo, se agitava num frenesi incrível. O americano voltava agora um rosto pálido de espanto e fazia sinal com o dedo ao Dr. Calderon para que se aproximasse. Este aproximou-se, correndo, do caixão e, quando ambos se afastaram um pouco todos puderam ver que a cabeça do morto mudara de posição. A multidão soltou um brado, que logo se calou, porque afigura do padre dentro do caixão emitiu um gemido e ergueu-se sobre o cotovelo a fitar a turba com um olhar turvo e espantado.

John Adams Race, que até ali só conhecia os milagres da ciência, nunca conseguiu descrever, mais tarde, a confusão dos dias que se seguiram. Julgava ter saído do espaço e do tempo para viver num mundo impossível. Em menos de meia hora toda a cidade e arredores se transformou numa confusão nunca vista; aquele povo medieval só parecia, por milagre, um conjunto de monges, ou então uma cidade grega sobre a qual houvessem descido os deuses. Nas estradas jaziam milhares de vultos prostrados por terra; centenas de pessoas proferiram logo ali os seus votos; e até mesmo os estrangeiros, como era o caso dos dois americanos, não conseguiam falar de outro assunto que não fosse o prodígio. O próprio Alvarez ficara transtornado, e com razão. Permanecia sentado com a cabeça entre as mãos.

No meio de toda esta confusão beatífica havia um homenzinho que se esforçava por se fazer ouvir. Sua voz era fraca e o barulho em volta ensurdecador. Fazia gestos que denotavam sobretudo irritação. Chegou ao

parapeito e acenou para a multidão, pedindo que acalmasse, com pequenos movimentos das mãos que lembravam o bater de asas de um pinguim. Houve uma suspensão do ruído e então o padre Brown manifestou pela primeira vez o grau de indignação que lhe era possível experimentar em relação a seus filhos.

— Seus idiotas! — exclamou numa voz esganiçada. — Seus grandessísimos idiotas!

Depois procurou visivelmente se dominar e dirigiu-se às pressas para as escadas, que começou a descer com um passo mais normal.

— Aonde vai, padre? — perguntou Mendoza num tom de extrema veneração.

— Vou ao telégrafo — respondeu apressadamente o padre Brown. — O quê? Não, claro que não foi nenhum milagre. Por que haveria de ser um milagre? Os milagres não andam por aí aos pontapés!

E continuou a descer a escada, enquanto o povo corria a se ajoelhar para lhe implorar a bênção.

— Deus os abençoe, Deus os abençoe e lhes dê juízo! — respondia ele apressadamente.

Em breve chegou ao telégrafo, donde enviou um telegrama ao sacerdócio do bispo; rezava assim:

*Corre por aqui um boato estúpido acerca de um milagre.
Espero, S. Ex. Reverendíssima, que não o confirme. É tudo falso.*

Após este esforço cambaleou um pouco e John Race segurou seu braço, dizendo:

— Deixe-me levá-lo para casa. O senhor é mal empregado nesta gente!



John Race e o padre estavam sentados no presbitério; a secretária encontrava-se ainda coberta com os papéis em que este último estivera a

trabalhar na véspera; a garrafa do vinho e o copo vazio achavam-se no lugar onde ele os deixara.

— Agora — murmurou o padre Brown — posso começar a refletir.

— No seu caso, por enquanto, não me esforçaria — aconselhou o americano. — Deveria descansar. De resto, por que precisa refletir?

— Acontece que estive por diversas vezes encarregado da investigação de crimes — informou o padre Brown. — Desta vez vou investigar meu próprio assassinato.

— Sendo assim, se eu fosse o senhor, começaria por beber um pouco deste vinho.

O padre Brown pôs-se de pé, serviu-se de um copo, ergueu-o contra a luz e voltou a pousá-lo com um ar pensativo. Sentou-se de novo e declarou:

— Sabe qual foi a sensação que tive quando morri? Pode não acreditar, mas foi uma sensação de grande espanto.

— Bem — disse Race —, ficou espantado por alguém lhe ter dado uma paulada na cabeça.

O padre Brown curvou-se para ele e confessou em voz baixa:

— Fiquei espantado por ver que ninguém tinha batido na minha cabeça!

Race ficou olhando para ele como quem pensa que a pancada tivera sérias consequências, mas respondeu apenas:

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que, no momento em que aquele homem brandiu o cacete, fez um gesto largo, mas não tocou na minha cabeça. Do mesmo modo, o outro sujeito fingiu que ia me atacar com uma faca, mas não me fez sequer um arranhão. Foi tudo uma farsa. Acho que foi isso. Mas depois é que aconteceu uma coisa extraordinária.

Olhou, pensativo, para os papéis que tinha sobre a mesa e prosseguiu:

— Muito embora nenhum deles me tivesse tocado com o bastão ou com a faca, comecei a sentir as pernas fraquejando e a vida me fugindo. Sabia que alguma coisa me atingira, mas não aquelas armas. Sabe do que desconfio?

Apontou para o vinho sobre a mesa.

Race pegou a garrafa, observou-a e depois cheirou-a.

— Acho que tem razão — declarou. — Já fui empregado de uma farmácia e estudei química. Não posso ter certeza antes de fazer uma análise, mas acho que há algo estranho nesta sangria. Há drogas das quais

os asiáticos conseguem produzir um sono temporário que se assemelha à morte.

— É isso mesmo — tornou o padre calmamente. — Este milagre foi todo ele forjado por algum motivo. A cena do funeral foi minuciosamente preparada. Acho que fazia parte dessa loucura publicitária que se apoderou de Snaith; só custo a crer que ele fosse tão longe apenas por esse motivo. Porque, afinal, uma coisa é arranjar assunto à minha custa, fazendo-me passar por um pseudo Sherlock Holmes, e...

À medida que o padre falava sua expressão ia se alterando. Fechou subitamente as pálpebras enrugadas como se estivesse engasgado, depois estendeu a mão trêmula e encaminhou-se para a porta.

— Aonde vai? — perguntou o outro, surpreso.

— Se quer saber — respondeu o padre Brown, que ficara muito pálido —, vou rezar. Ou melhor, louvar a Deus.

— Acho que não estou entendendo. O que houve?

— Vou agradecer a Deus por me ter salvado de uma forma tão incrível e estranha. Agradecer por ter me salvado por um triz!

— É verdade — respondeu Race. — A minha religião não é a sua, mas acredite que basta para eu entender isso. E claro que tem razão de agradecer a Deus de tê-lo salvado da morte.

— Não é isso — tornou o padre. — Não se trata da morte, mas da vergonha.

Race ficou de boca aberta; estas palavras do padre quase o fizeram soltar um grito de espanto.

— E essa vergonha não atingiria só a mim, mas tudo aquilo que eu defendo; uma vergonha para a fé que eles dizem professar. Imaginem só o que poderia ter sido! O maior e mais terrível escândalo que nos atingia desde o tempo em que puseram as piores mentiras na boca de Titus Oats¹.

— O que está dizendo? — exclamou o seu companheiro.

— Bem, o melhor é explicar logo — respondeu o padre; e, sentando-se de novo, prosseguiu, mais calmo: — Compreendi tudo num repente quando mencionei o nome de Snaith e de Sherlock Holmes. Lembrei-me agora do que tinha escrito sobre esse esquema absurdo; achei muito natural escrever aquilo, mas vejo agora que eles me maneжaram habilmente no sentido de eu escrever precisamente aquelas palavras. Era mais ou menos isto: “Estou disposto a morrer e a ressuscitar, como fizeram com Sherlock Holmes, se isso servir para alguma coisa.” No momento em que me recordei disso,

percebi que fora levado a escrever aquela frase e outras do tipo, todas elas com o mesmo sentido. Escrevi, como que de cumplicidade, afirmando que beberia o vinho numa determinada hora. Está vendo?

Race pôs-se de pé, ainda com ar de espanto:

— Sim — declarou. — Acho que começo a entender...

— Eles propagariam o milagre. Depois desmentiriam esse milagre. E o pior de tudo é que provariam que eu tinha entrado na conspiração. Seria nosso falso milagre. Era isso o que eles planejavam, nem mais nem menos. Ia ser uma tragédia. — E acrescentou, após um silêncio, numa voz mais baixa: — Para eles seria uma propaganda tremenda.

Race olhou para a mesa e perguntou, carrancudo:

— Quantos daqueles brutos estariam metidos nisso?

Padre Brown sacudiu a cabeça:

— Mais que podemos imaginar — respondeu. — Mas julgo que muitos não passavam de instrumentos. Alvarez deve estar convencido de que na guerra vale tudo; é um tipo muito estranho. Creio bem que aquele Mendoza é um velho hipócrita; nunca me inspirou confiança. E detestava a minha atuação nas questões industriais. Mas tudo isso pode esperar; agora só quero agradecer a Deus por ter me livrado. Agradecer especialmente o fato de eu ter telegrafado a tempo ao bispo.

John Race estava muito pensativo:

— Disse muitas coisas que eu ignorava — confessou por fim — e acho que lhe devo explicar a única coisa que o senhor não sabe. Posso imaginar quais foram os cálculos desses sujeitos. Eles imaginavam que qualquer homem ao despertar dentro de um caixão, tido por santo e exibido como um milagre para todos admirarem, teria tendência para ser levado por seus admiradores a aceitar a coroa de glória que lhe caía do céu. E penso que seus cálculos estão de acordo com a psicologia da maior parte dos homens. Tenho conhecido todo tipo de gente nos mais diversos lugares e confesso francamente que não julgo que exista um homem num milhão que fosse capaz de acordar nestas condições, na posse de toda a sua inteligência e que, ainda meio acordado, tivesse a lucidez, a simplicidade e a humildade de...

Com enorme espanto sentiu-se comovido e com a voz tremendo.

O padre Brown estava olhando abstratamente para a garrafa com um ar um tanto malicioso. E alvitrou:

— Ouça, e se bebêssemos uma garrafa de vinho, mas do bom?...

¹ Titus Oats, o autor de uma falsa conspiração, chamada Conjura Papista, que teria como finalidade massacrar os protestantes, pôr fogo na cidade de Londres e matar o rei. (N. da T.)



II

A seta do paraíso

Creio que deve haver mais de cem histórias policiais que começam com o assassinato de um milionário americano, acontecimento que parece ser considerado como uma espécie de calamidade. Agrada-me dizer que esta história começa com o assassinato de um milionário; de certo modo trata-se até do assassinato de três milionários, coisa que podemos considerar um *embarras de richesse*. Mas é precisamente esta coincidência, ou sequência de política criminosa, que faz sair o caso da vulgaridade e o transforma no intrincado problema que é.

Todo mundo dizia que eles tinham sido vítimas de alguma vingança ou praga relacionadas à posse de uma relíquia de grande valor, tanto intrínseco como histórico: uma espécie de cálice cravejado de pedras preciosas, vulgarmente chamado de *Taça Copta*. Sua origem era obscura, mas pensava-se que tinha sido destinada a fins religiosos. E havia quem atribuisse a má sorte de seus possuidores ao fanatismo de algum cristão oriental indignado com o fato de ela ter ido parar nas mãos de pessoas tão materialistas. O misterioso assassino, porém, quer se tratasse ou não de um fanático, já se tornara personagem de interesse sensacionalista no mundo do jornalismo e dos boatos. O sujeito que não tinha nome passou a ter nome e sobrenome. Mas a nós, neste momento, só interessa a história da terceira vítima, porque foi só neste caso que um certo padre Brown, a figura central destes contos, teve a oportunidade de revelar sua presença.

Quando o padre Brown desembarcou pela primeira vez de um transatlântico em solo americano descobriu, como sucedera a outros ingleses, que era uma personagem muito mais importante do que imaginava. Sua figura baixa, seu ar simplório de míope, as roupas eclesiásticas russas, poderiam muito bem passar despercebidas em seu país natal, e só teriam de notável sua insignificância. A América, contudo, tem a particularidade de exagerar a fama das pessoas; e sua atuação em um ou dois problemas intrincados de criminologia, juntamente com a prolongada

relação com Flambeau, ex-criminoso e detetive, transformara em fama o que na Inglaterra não passara de rumores. Seu rosto redondo ficou pasmo de surpresa ao se ver rodeado, mal desembarcou, por um bando de jornalistas, como se fossem uma quadrilha de ladrões, fazendo-lhe perguntas sobre os assuntos que lhe eram mais estranhos, como os detalhes da moda feminina e as estatísticas de criminalidade do país que seus olhos acabavam de ver pela primeira vez. Talvez fosse o contraste com aquele batalhão de figuras semelhantes que tornou mais notório o contraste com outra figura que se mantinha à parte, uma silhueta negra no meio da luminosidade daquele dia de sol; era um homem alto, de rosto amarelado e óculos grossos, que deteve o padre com um gesto no momento em que os jornalistas se afastavam.

— Desculpe — disse ele —, está procurando o capitão Wain?

Padre Brown deve ter murmurado uma desculpa. Devemos lembrar que ele nunca tinha estado na América e sobretudo nunca vira óculos de tartaruga como aqueles; nessa altura, a moda ainda não chegara à Inglaterra. Sua primeira impressão foi de ter na sua frente um monstro marinho de olhos esbugalhados e um arremedo de capacete de mergulhador. Fora isso, o homem estava muito bem vestido. Brown, na sua ingenuidade, achava que os óculos eram um disfarce esquisito para ser usado por um cavalheiro. Era como se um janota se enfeitasse com uma perna de pau como supremo toque de elegância. Esta questão o embaraçava. Um avião americano chamado Wain, amigo de seus amigos franceses, estava de fato entre os nomes de uma longa lista de pessoas que desejavam encontrá-lo durante sua visita à América; não esperava, no entanto, ter novas dele tão depressa.

— Desculpe — murmurou temeroso. — O senhor é que é o capitão Wain? Ou então... conhece-o?

— Tenho certeza de que não sou o capitão Wain — disse o homem dos óculos, com mau humor. — Não tinha dúvida disso quando o deixei ainda há pouco à sua espera no carro. Mas a outra pergunta levanta mais problemas. Acho que conheço Wain, assim como também conheço o tio dele, um velhote chamado Merton. Conheço o velho Merton, mas o velho Merton não me conhece. Ele acha que está em melhor posição, mas quem está na posição melhor sou eu. Entende?

Padre Brown não estava entendendo nada. Piscou os olhos em face da paisagem marinha e das arranha-céus da cidade, depois observou o homem dos óculos espessos. Não era apenas o fato de ele ter os olhos escondidos que dava a impressão de haver nele algo de impenetrável. Seu rosto amarelo

fazia-o parecer quase asiático, ou mesmo chinês, e o palavreado dele consistia somente em frases soltas cheias de ironia. Era um tipo que se encontra mais ou menos em toda a parte naquela população ativa e sociável; era o americano enigmático.

— Meu nome é Drage, Norman Drage — informou —, e sou cidadão americano, o que basta para explicar tudo. Pelo menos, calculo que seu amigo Wain queira explicar-lhe o resto; por isso, vamos adiar o Quatro de Julho para outra ocasião.



Padre Brown foi arrastado, meio confuso, para um automóvel que se encontrava a uma certa distância, dentro do qual um rapaz com uma cabeleira loura mal cuidada e um ar de tédio e preocupação lhe fez sinal de longe e se apresentou como Peter Wain. Antes de se dar conta do que lhe acontecia, o padre Brown era metido no carro e levado a uma velocidade considerável a atravessar a cidade, saindo no outro extremo. Não estava habituado àqueles modos práticos e impetuosos dos americanos e sentia-se tão atordoado como se estivesse em algum país mágico num carro puxado por dragões. Foi nesse estado de espírito que escutou pela primeira vez, contada em longos monólogos por Wain e em curtas frases por Drage, a história da Taça Copta e dos dois crimes já relacionados a ela.

Pelo visto, este Wain tinha um tio chamado Crane, o qual por sua vez tinha um sócio de nome Merton, e que era o terceiro na série dos sujeitos muito ricos a quem a Taça pertencera. O primeiro de todos, Titus P. Trant, o Rei do Cobre, havia recebido cartas de ameaça de alguém que assinava Daniel Doom. Este nome talvez fosse um pseudônimo, mas serviu para designar uma personagem muito conhecida, se bem que pouco estimada, uma vez que sua celebridade era um misto de Robin Hood e Jack, o Estripador. Logo se verificou que o autor das cartas não se limitava a proferir ameaças. Fosse como fosse, o caso é que o velho Trant apareceu uma bela manhã com a cabeça mergulhada no lago de seu jardim, sem que se descobrisse a sombra de um indício de quem seria o assassino. Felizmente, a taça estava a salvo no banco e passava, com o resto da herança, de Trant para um primo, Brian Horder, homem igualmente muito

rico, o qual também fora ameaçado pelo inimigo desconhecido. Brian Horder fora encontrado morto na base de um rochedo, junto a sua casa à beira-mar, a qual, na mesma ocasião, sofrera um assalto de grande vulto. Apesar de a Taça haver escapado mais uma vez, foram roubados títulos e ações em quantidade suficiente para deixar as finanças de Horder muito abaladas.

— A viúva de Brian Horder — explicou Wain — teve que vender a maior parte de seus valores, e penso que foi nessa altura que Brander Merton comprou a Taça, pois já lhe pertencia quando o conheci. Mas o senhor já está vendo que não é um objeto muito cômodo para se possuir.

— O Mr. Merton recebeu alguma carta de ameaças? — inquiriu o padre Brown depois de uma pausa.

— Creio que sim — informou Drage; algo na sua voz fez que o padre olhasse para ele com curiosidade, verificando então que o homem dos óculos ria baixinho, o que lhe causou uma espécie de calafrio.

— Eu tenho certeza — acrescentou Peter Wain, de testa franzida. — Nunca vi essas cartas. Só o secretário dele é que vê parte da sua correspondência, pois ele é muito secreto quanto aos negócios, como é costume em homens desse tipo. No entanto, já o vi bem preocupado com certas cartas que recebia, cartas essas que ele se apressava a rasgar antes que o secretário as lesse. Ele está ficando muito nervoso e diz que vai acontecer alguma coisa ao velho; em resumo, gostaríamos muito que o senhor nos desse alguns conselhos a esse respeito. Todo mundo conhece sua reputação, padre Brown, e o secretário pediu que o levasse imediatamente à casa de Mr. Merton.

— Compreendo — murmurou o padre Brown, que começava a entender, finalmente, o significado do sequestro aparente de que estava sendo vítima. — Mas a verdade é que julgo não poder fazer nada mais que os senhores. Vivem aqui e, por certo, dispõem de muito mais informações sobre o caso que um simples visitante.

— Sim — respondeu secamente Drage. — Nossas conclusões são científicas demais para serem verdadeiras. Verifico que fosse o que fosse que atingiu Titus P. Trant só pode ter vindo do céu, sem esperar qualquer explicação científica. Aquilo a que se pode chamar um raio vindo das nuvens.

— Não está insinuando — exclamou Wain — que seja alguma coisa sobrenatural!?

Mas nunca era fácil descobrir o que Drage queria dizer, a não ser quando ele dizia que alguém era realmente esperto, pois nesse caso podíamos concluir que ele o estava chamando de burro. Drage manteve sua imobilidade oriental mesmo depois de o carro estar parado há alguns instantes. Haviam sem dúvida chegado ao destino, um local bem estranho, por sinal. Tinham percorrido uma região pouco arborizada que desembocava numa planície. Em frente a eles erguia-se uma construção que consistia numa parede única, ou antes, uma alta vedação, redonda, que lembrava um circo romano ou um aeródromo. Não parecia feita de madeira nem de pedra e, olhando bem, via-se que era toda de metal.

Desceram do carro e, após uma complicada manipulação, que mais parecia a abertura de um cofre-forte, uma pequena porta deslizou na parede. Para enorme surpresa do padre Brown, porém, o homem que atendia pelo nome de Norman Drage não se mostrou disposto a entrar e despediu-se com uma jovialidade sinistra:

— Não entro — declarou. — Minha presença daria uma alegria excessiva ao velho Merton, estou convencido. Ele gosta tanto de me ver que seria capaz de morrer de alegria.

E afastou-se, enquanto o padre Brown, cada vez mais espantado, era introduzido através de uma porta de aço, que logo se fechou atrás deles. Lá dentro havia um jardim enorme e bem tratado com plantas de cores vivas, mas sem árvores nem arbustos nem flores. No centro dele erguia-se uma casa de arquitetura harmoniosa e estranha, mas tão alta e estreita que mais lembrava uma torre. O sol ardente refletia-se nas telhas de vidro do telhado, mas nos andares inferiores não se viam janelas. E em tudo se respirava aquele ar de limpeza impecável que é apanágio do ambiente americano. Uma vez transposta a entrada, viram-se rodeados de mármore, metais e esmaltes de cores brilhantes, mas escada era coisa que não havia, apenas um elevador que subia entre as paredes maciças e cujas portas eram guardadas por um sujeito forte e espadaúdo, que parecia um policial à paisana.

— A segurança é tremenda — murmurou Wain — e deve estar estranhando, que espécie de pessoa será Merton que vive numa fortaleza como esta, onde nem sequer existe uma árvore atrás da qual alguém possa se esconder. Não imagina o que temos de enfrentar nesta terra. E talvez ignore o que significa o nome Brander Merton. Ele é um homem bem pacato em quem ninguém repararia ao passar por ele na rua, o que não seria

fácil de acontecer hoje em dia, uma vez que raramente sai, e só em carro fechado. Mas se acontecesse alguma coisa com Brander Merton seria o fim do mundo, do Alasca ao Caribe. Calculo que nenhum imperador desfrutou jamais de um tal poder sobre todas as nações. Afinal, acho que se o senhor fosse convidado para visitar o tsar da Rússia ou o rei da Inglaterra sentiria curiosidade o bastante para aceitar. Pode não estar muito interessado nos tsares ou nos milionários, mas um poder tão grande como este é sempre interessante, e espero que não vá de encontro aos seus princípios visitar uma espécie de imperador moderno do tipo de Merton.

— De modo algum — asseverou o padre Brown com toda calma. — É minha obrigação visitar os prisioneiros e todos os infelizes que vivem encarcerados.



Seguiu-se um breve silêncio e o rapaz franziu a testa com uma expressão um tanto estranha no rosto comprido. Depois declarou abruptamente:

— Bem, deve lembrar que não são apenas os patifes normais, estilo Mão Negra, que o perseguem. Este Daniel Doom é um verdadeiro demônio. Veja só como ele conseguiu liquidar Trant em seu próprio jardim e Horder em sua casa e escapar.

O último andar, com suas paredes espessas, consistia em dois compartimentos: uma antecâmara, que foi onde eles penetraram, e uma sala interior, que era o santuário do magnata. Naquele momento, vinham saindo de lá dois visitantes. Peter Wain cumprimentou um deles, tratando-o de tio. Era um sujeito forte e ativo, com a cabeça toda raspada, de modo a parecer calvo, e um rosto tão queimado que ninguém diria já ter sido branco. Era o velho Crake, vulgarmente conhecido como Hickory Crake, em memória do outro mais célebre, o velho Hickory, que se tornara famoso nas últimas guerras contra os peles-vermelhas. Seu companheiro formava com ele um vivo contraste — era um sujeitinho muito composto, de cabelos negros que pareciam envernizados, assim como a fita preta do monóculo. Chamava-se Barnard Blake, era o advogado de Merton e tinha vindo ali discutir com os sócios assuntos da firma. Os quatro homens se encontraram no meio da

antecâmara e pararam para uma troca de palavras de cortesia. Enquanto isso se passava outro sujeito permanecia sentado ao fundo da antecâmara, junto à porta de comunicação, imóvel e impassível, à meia-luz coada pela janela interior. Seu rosto era negro e possuía ombros enormes. Representava o que os americanos chamam por ironia de figura do *Bad Man*, a quem os amigos chamam de guarda-costas e os inimigos de assassino assalariado.

Este homem nunca se movia nem mudava de posição para cumprimentar ninguém. Sua presença ali, porém, parecia ter reavivado o nervosismo inicial de Peter Wain.

— Tem alguém com o chefe? — inquiriu.

— Não se preocupe — brincou o tio. — Wilton, o secretário, está lá, e isso é o que basta. Acho que Wilton nunca dorme para vigiar Merton. Só ele vale por trinta guarda-costas. E é rápido e silencioso como um índio.

— Bem, você é que sabe — respondeu o sobrinho, rindo. — Lembro dos truques dos peles-vermelhas que costumava me ensinar quando eu era garoto e gostava de ler histórias de índios. Só que nessas histórias eram sempre eles os vencidos.

— Na vida real isso não acontecia — respondeu muito sério o velho fronteiroço.

— Ah, não? — quis saber o delicado Mr. Blake. — Eu imaginava que eles não podiam contra nossas armas de fogo.

— Vi uma vez um índio resistir a cem espingardas, tendo por única arma uma faca de mato, e com ela matar um branco que estava no alto do forte — disse Crake.

— Oh, e como conseguiu isso? — inquiriu o outro.

— Jogando-a — replicou Crake. — Jogando-a de repente, antes de ser disparado um único tiro. Não sei onde ele aprendeu o truque.

— Só espero que não o tenha aprendido também... — disse o sobrinho, rindo.

— Penso — observou o padre Brown — que essa história deve ter sua moral.

Enquanto eles falavam, Wilton, o secretário, saíra da sala interior e aguardava, em pé; era um sujeito pálido, de cabelo louro, um queixo quadrado e olhar parado, semelhante ao de um cachorro; era fácil imaginar que tinha mentalidade de cão de guarda.

Declarou simplesmente:

— O Mr. Merton vai recebê-los em dez minutos. — Mas foi o bastante para acabar com a conversa do grupo. O velho Crake disse que precisava ir embora e saiu acompanhado pelo sobrinho e pelo homem de leis, deixando o padre Brown sozinho com o secretário, uma vez que o gigante mestiço, no outro extremo da sala, não dava sinal de ser um ente humano ou sequer de estar vivo. Continuava imóvel, de costas para o grupo, olhando para dentro da outra sala.

— Temos aqui dispositivos muito complicados — murmurou o secretário. — Sem dúvida já lhe falaram desse tal Daniel Doom e das razões pelas quais não é muito conveniente deixar o patrão sozinho.

— Mas neste momento ele está só, não é verdade? — observou o padre Brown.

O secretário fitou-o com os seus grandes olhos cinzentos:

— Apenas por quinze minutos — informou —, das vinte e quatro horas que tem o dia, são seus únicos momentos de solidão. E ele não os dispensa por um motivo muito importante.

— E qual é ele?

Wilton, o secretário, permaneceu de olhar fixo, mas sua boca, de expressão até ali apenas séria, tornou-se grave:

— A Taça Copta está guardada neste compartimento, e só ele sabe onde está; só a tira do esconderijo depois de todos termos saído da sala; precisamos correr o risco durante este quarto de hora de deixá-lo sozinho venerando a taça; creio que é a única coisa que ele adora. Não que isso represente algum perigo real, porque eu transformei esta casa numa fortaleza onde nem sequer o próprio diabo conseguiria penetrar, e muito menos sair. Se esse malvado Daniel Doom vier nos visitar, juro que terá que ficar para a ceia, ou até um pouco mais tarde!... Estou aqui sobre brasas nesses quinze minutos, e se acaso ouvisse um tiro ou qualquer ruído de luta apertaria este botão e logo uma corrente elétrica percorreria a vedação do jardim e isso significaria a morte para quem quisesse transpô-la. Claro que um tiro seria impossível, uma vez que a entrada é só esta, e a única janela junto à qual o patrão se senta fica no alto da torre, que é tão lisa quanto um mastro encerado. De qualquer modo, aqui andamos todos armados, claro; e se acaso Doom conseguisse entrar não sairia vivo.

Padre Brown ficou observando os desenhos escuros do tapete, até que declarou, erguendo subitamente a cabeça:

— Espero que não se ofenda com o que vou dizer, mas de repente me ocorreu uma coisa a seu respeito.

— Sim? A meu respeito como?

— Acho que tem uma ideia fixa — declarou o padre Brown. — E desculpe que lhe diga, mas essa ideia me parece que consiste mais em pegar Doom que defender Merton.

Wilton teve um ligeiro sobressalto e continuou a fitar o companheiro, depois, lentamente, sua boca amarga esboçou um sorriso um tanto estranho.

— Como é que o senhor... o que o faz pensar assim?

— Disse que se ouvisse um tiro trataria de eletrocutar imediatamente o inimigo em fuga — observou o padre. — De certo não esqueceu que esse tiro poderia ter sido fatal para seu patrão, antes que o choque elétrico fosse fatal para o inimigo. Não estou insinuando que você não seria capaz de defender seu patrão, mas isso parece vir em segundo lugar nas suas preocupações. O sistema de defesa é muito complicado, como diz, e pelo visto foi o senhor que o concebeu, mas dá a impressão de que se destina mais a apanhar um criminoso que a salvar um homem.

— Padre Brown, é um homem muito inteligente — respondeu o secretário, que parecia ter recuperado o tom calmo —, mas além disso há mais uma coisa. É daquela espécie de pessoa a quem sentimos necessidade de falar verdade; de qualquer modo, o senhor viria a sabê-lo, pois, de certo modo, até brincam comigo a esse respeito. Todos me consideram um maníaco em virtude da ideia fixa de acabar com aquele malvado. Talvez tenham razão, mas vou lhe dizer uma coisa que os outros não sabem: meu nome completo é John Wilton Horder.

Padre Brown sacudiu a cabeça como se tivesse ficado esclarecido, mas o outro prosseguiu:

— Esse sujeito que atende pelo nome de Doom assassinou meu pai e arruinou minha mãe. Quando Merton precisou de um secretário aceitei o lugar, pensando que onde estivesse a Taça, o criminoso ia aparecer, mais cedo ou mais tarde. Mas eu ignorava então quem ele era e me limitava a esperar que desse sinal de vida; e era minha intenção servir fielmente a Merton.

— Compreendo — disse suavemente o padre. — E, a propósito, não será hora de irmos andando?

— Oh, sim! — exclamou Wilton com um novo sobressalto, o que o levou a concluir que se entregara de novo a sua obsessão de vingança. —

Entre, por favor.

Padre Brown entrou na sala. Não se ouviu qualquer frase de cumprimento, apenas um silêncio de morte; instantes depois o padre voltou a aparecer na porta.

Nesse momento, o guarda-costas, que estava sentado em silêncio do lado de fora, pareceu voltar à vida e foi como se um móvel pesado tivesse caído no chão. A atitude do padre era como que um sinal: sua cabeça ficara iluminada pela janela lá de dentro e o rosto estava na sombra.

— Acho melhor apertar esse botão — murmurou num suspiro.

Wilton deu um salto como se acabasse de acordar de um pesadelo e exclamou:

— Não ouvimos nenhum tiro!

— Depende do que chama de tiro.

Wilton correu e entraram juntos na sala. Era um compartimento pequeno e mobiliado com simplicidade e elegância. Na frente abria-se uma janela sobre a planície. Junto a ela, uma cadeira e uma mesinha, como se o prisioneiro desejasse desfrutar ao máximo do ar e da luz naqueles bravos momentos de preciosa solidão.

Nessa mesinha, perto da janela, estava a Taça Copta; era evidente que seu possuidor estivera a contemplá-la em plena luz. E valia a pena ser vista, pois a luz do sol transformava as pedras preciosas que a adornavam em outras tantas chamas de mil cores, de modo que bem poderia passar por uma cópia do Santo Graal. Valia a pena ser vista, digo, mas nesse momento, Brander Merton não a estava vendo. A cabeça dele pendia nas costas da cadeira, a cabeleira branca caída para trás, a barbicha grisalha apontando para o teto e o pescoço atravessado por uma comprida seta marrom com penas vermelhas na outra extremidade.

— Um tiro silencioso — comentou o padre Brown em voz baixa. — Estive pensando nesses novos inventos que conseguem silenciar as armas de fogo. Mas esta invenção é muito mais antiga e igualmente silenciosa.

E, após um momento, acrescentou:

— Creio que ele está morto. O que pretendem fazer?

O secretário, pálido de morte, ergueu-se num gesto de súbita decisão:

— Vou apertar aquele botão, claro — declarou. — E se com isso não pegar Daniel Doom, vou persegui-lo até o fim do mundo.

— Tenha cuidado, não vá atingir algum de nossos amigos — observou Brown. — Devem estar ainda nas proximidades... seria melhor chamá-los.

— Eles sabem tudo sobre o muro — disse Wilton. — Nenhum deles tentaria saltar, a não ser que estivesse muito apressado.

O padre Brown dirigiu-se à janela por onde entrara a seta e olhou para fora. O jardim, com seus canteiros de plantas rasteiras, lembrava um mapa-múndi visto lá do alto. Toda a paisagem parecia deserta, com a torre se erguendo no meio, de modo que lhe veio à memória a frase estranha:

— Um raio caído do céu! — murmurou. — O que alguém disse há pouco sobre um raio caído do céu? Tudo aqui me parece tão afastado que seria impossível uma seta vir de tão longe, a não ser que caísse do céu...

Wilton se virou, mas não disse nada, e o padre prosseguiu em seu monólogo:

— Podemos pensar nos aviões. Temos que interrogar o jovem Wain sobre aviões.

— Aparecem muitos por aqui — informou o secretário.

— Há também o caso das armas muito antigas ou muito modernas — observou o padre Brown. — Seu velho tio deve conhecer algumas, temos de interrogá-lo sobre as setas. Esta me lembra uma seta de peles-vermelhas. De onde o tal índio a disparou já não sei; mas vocês estão lembrados da história que o velhote contou. Eu disse que ela devia ter alguma moral.

— Se tinha — observou vivamente Wilton —, ela só poderia querer dizer que um índio verdadeiro seria capaz de disparar uma seta de muito mais longe do que que imaginávamos. É disparate o senhor estabelecer uma ligação.

— Parece que você não está entendendo bem a moral da história — disse o padre Brown.



Muito embora o pequeno sacerdote tivesse se misturado logo no dia seguinte à imensa população de Nova York e não fizesse qualquer tentativa para ser algo mais que uma pessoa comum numa rua movimentada, o fato é que andou muito ocupado nos quinze dias seguintes com a incumbência que lhe fora confiada, pois receava, deveras, que viesse a ser cometido um erro judiciário. Sem demonstrar que os estava separando dos que acabava de conhecer, conseguiu entrar em contato com dois ou três personagens

relacionadas ao mistério, sobretudo Hickory Crake, com quem manteve uma conversa muito interessante. Foi num banco do Central Park, onde o veterano se sentara apoiando as mãos e o rosto ossudo numa bengala de madeira vermelha, que talvez fosse primitivamente o cabo de um machado de guerra.

— Bem, pode realmente ter sido um tiro de longe — declarou o velho, sacudindo a cabeça. — Mas ninguém pode afirmar com exatidão a que distância um índio consegue disparar uma seta. Já tive ocasião de ver setas que cravam no alvo mais certas do que balas, se tivermos em conta seu longo percurso. Claro que hoje em dia é difícil ouvir falar num índio que ainda use arco e flecha, e muito mais difícil ainda aparecer algum por aqui. Mas se um índio andasse com seu arco entre as árvores a muitos metros de distância da muralha, eu não poria a mão no fogo de que ele não conseguisse mandar uma seta através da janela da casa de Merton, tampouco de acertar no velho Merton.

— Não duvido. Creio que deve ter praticado e presenciado façanhas como essa.

O velho Crake riu baixinho e murmurou, casmurro:

— Oh, isso é tudo história antiga.

— Há quem goste de estudar história antiga — tornou o padre. — Espero que não haja nada em seu passado que possa levar as pessoas a murmurarem a seu respeito em relação a este caso.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Crake, com os olhos desconfiados pela primeira vez em seu rosto ossudo, semelhante, também ele, a um machado de guerra.

— Bem, digo isso porque o senhor conhecia profundamente todas as artes e manhas dos índios... — murmurou devagar padre Brown.

Até ali, Crake mantivera uma posição de abandono, com o queixo apoiado na sua estranha bengala. Mas, de súbito, pôs-se em pé, muito ereto no meio do caminho, com ar aguerrido e empunhando a bengala como se fosse uma clava:

— O quê? — exclamou ele num grito rouco. — Que diabos está dizendo? Quer insinuar que eu posso ter matado meu próprio cunhado?

Dos outros bancos do jardim muita gente ficou olhando os dois contendores, que se enfrentavam no meio da passagem: o careca agitado, brandindo sua estranha bengala como se fosse um bastão, e a figura negra do padre, que o evitava, sem mover um músculo, com exceção das

pálpebras dos olhos piscantes. Durante um momento imaginou-se que a figurinha atarracada do padre seria atingida na cabeça e derrubada com a rapidez e a prontidão dos índios; ao longe, avistava-se já a silhueta avantajada de um policial irlandês caminhando naquela direção. Mas o padre se limitou a dizer com toda a calma, como quem responde a uma pergunta comum:

— Sobre isso tirei algumas conclusões, mas acho que não vou mencioná-las senão no meu relatório.

Fosse por influência da aproximação do policial ou do olhar do sacerdote, porém, a verdade é que o velho Hickory meteu a bengala debaixo do braço e enfiou o chapéu na cabeça, resmungando. O padre lhe desejou placidamente bom dia e saiu vagorosamente do parque em direção ao saguão do hotel, onde sabia que encontraria o jovem Wain. Este correu para cumprimentá-lo. Parecia mais preocupado e nervoso do que nunca, como que devorado por um receio oculto. E o padre desconfiou que seu jovem amigo acabava de iludir, com êxito evidente, a última emenda à Constituição americana. Logo que ouviu as primeiras palavras sobre seu passatempo ou sua ciência preferida, porém, mostrou-se logo atento e concentrado. O padre Brown lhe perguntara, como quem não queria nada, se havia muita gente voando naquela área e confessara que, à primeira vista, confundira a cerca de Merton com um aeroporto.

— Admira-me que o senhor não tenha visto nenhum avião enquanto estivemos lá — respondeu o capitão Wain. — Às vezes eles são mais que as moscas ali em volta. Aquela vasta planície tem boas condições e não me espantaria que se tornasse um grande ninho, digamos assim, para esses estranhos pássaros do futuro. Eu mesmo já voei ali muitas vezes e conheço a maior parte dos sujeitos que andam por lá e que fizeram a guerra na aviação. Mas agora começam a aparecer outras aves de que nunca ouvi falar. Acho que vai acontecer como com os automóveis, não demora que cada pessoa tenha o seu.

— Uma vez que foram dotados pelo Criador com o direito à vida, à liberdade e à prática do automobilismo, não falando já na aviação — murmurou, sorrindo o padre Brown —, podemos então concluir que, se um aeroplano desconhecido sobrevoasse a casa, poderia muito bem passar despercebido.

— Sim, acho que poderia.

— E mesmo que o piloto fosse conhecido — prosseguiu o outro —, acho que poderia se apoderar de um aparelho que ninguém reconheceria como seu. Se o senhor, por exemplo, voasse como de hábito, Merton e seus amigos poderiam talvez reconhecer seu equipamento; mas o senhor poderia passar muito perto daquela janela num tipo de avião diferente; o mais perto que fosse necessário para fins práticos.

— Sim — começou distraidamente o rapaz, mas logo se calou, fitando o sacerdote de boca aberta e os olhos esbugalhados:

— Meu Deus! — murmurou em voz baixa. — Meu Deus! — Depois ergueu-se do sofá, tremendo da cabeça aos pés, sempre fitando o padre:

— O senhor está louco? — gritou. — Deve estar louco varrido! — Seguiu-se um momento de silêncio e depois ele prosseguiu com voz sibilante: — Veio expressamente para insinuar...

— Não, vim apenas para coletar sugestões — repetiu o padre Brown, erguendo-se. — Já tirei algumas conclusões provisórias, mas acho melhor reservá-las no momento.

E depois de cumprimentar o outro com a mesma cerimônia, saiu do hotel para prosseguir em suas curiosas peregrinações.



Ao cair da noite, elas o conduziram até as ruelas estreitas e às escadas que desciam para o rio na parte mais antiga e irregular da cidade. Logo, sob a luz colorida de uma lanterna, que anunciava a entrada de um modesto restaurante, ele encontrava uma figura já sua conhecida, muito embora neste momento apresentasse um aspecto bem diferente.

Norman Drage continuava a olhar o mundo através de seus óculos enormes, que em parte lhe cobriam o rosto como uma máscara de vidro. Mas, fora isso, sua aparência sofrera uma grande transformação no mês que decorrera após o crime. Conforme o padre Brown havia observado, naquela altura ele se vestia de maneira impecável, no estilo em que é difícil distinguir entre o janota e o manequim de vitrine de alfaiate. Agora, porém, mudara para pior, de um modo misterioso; era como se o manequim se tivesse transformado em saca-rolhas. O chapéu alto ainda existia, mas estava todo amassado, a roupa, amarfanhada, e o relógio com a corrente e

os outros detalhes haviam desaparecido. No entanto, o padre Brown dirigiu-se a ele como se o tivesse deixado na véspera e não hesitou em se sentar no mesmo banco daquele restaurante barato. Contudo, foi o outro quem falou primeiro.

— Então? — rosnou Drage. — Sempre conseguiu vingar seu famoso milionário? Sabemos que todos os milionários são famosos e santos, é isso que disseram todos os jornais, no dia seguinte às mortes, que passaram a vida guiados pela Santa Bíblia, que aprenderam no regaço da mãe. Caramba! Se a mãe deles lesse algumas passagens da Bíblia ficaria estarrecida. E até o próprio milionário, aposto. Esse velho livro está cheio de grandes tiradas que hoje em dia já não se usam. Uma espécie de sabedoria da Idade da Pedra que ficou sepultada com as pirâmides. Se alguém tivesse jogado o velho Merton do alto da torre para ser devorado pelos cães, não-teria sido pior do que o que aconteceu com Jezebel. E Agag foi feito em pedaços apesar de andar com muito cuidado. Merton andou sempre com muito cuidado até ficar de todo incapaz de andar. Mas o dardo do Senhor o atingiu, como teria acontecido no velho livro, e o matou no alto da torre para exemplo do povo.

— Este dardo, pelo menos, era real — murmurou o padre.

— As pirâmides também são poderosamente reais e guardam muito bem os reis mortos — ironizou o homem dos óculos. — Penso que há muito a ser dito sobre essas velhas religiões materiais. São esculturas que existem há milhares de anos e representam os deuses e os imperadores com seus arcos curvos, mãos que parecem poder dobrar arcos de pedra. São materiais, sim, e de que maneira! Não lhe acontece muitas vezes, olhando essas antigas figuras orientais, ter um palpite de que o velho Senhor Deus continua dirigindo seu carro como um Apolo negro, lançando seus negros raios mortíferos?

— Se fosse — replicou o padre Brown —, eu lhe daria outro nome. Mas não me parece que o velho Merton tenha morrido com um raio negro, nem com uma seta de pedra.

— Talvez o senhor o considere um S. Sebastião, por ter sido morto por uma seta — ironizou Drage. — Um milionário precisa ser um mártir. Mas como sabe que ele não merecia aquela morte? Aposto que sabe muito pouco sobre seu milionário. Pois então, deixe que lhe diga que ele merecia mil vezes a sorte que teve.

— Nesse caso — murmurou suavemente o padre —, por que não o matou?

— Quer saber por quê? — perguntou o outro, espantado. — O senhor é um padre muito compreensivo.

— Nem por isso — respondeu o padre como quem dispensa o cumprimento.

— Acho que é essa a sua maneira de insinuar que eu o matei — rosnou Drage. — Se for, trate de provar. Quanto ao milionário, acho que a morte dele não foi um grande prejuízo.

— Foi sim senhor — disse vivamente o padre. — Para você era um prejuízo. Por isso é que não o matou.

E com isso foi embora, deixando o homem dos óculos completamente embasbacado.



Só perto de um mês depois é que o padre Brown voltou a visitar a casa onde o milionário havia sido vítima da vingança de Daniel Doom. Reuniam-se ali um conselho formado pelas pessoas mais interessadas no caso. O velho Crake presidia a mesa, tendo o sobrinho à direita e o advogado à esquerda; o colosso de feições negroides, que, pelo visto, se chamava Harris, estava ali com sua presença imponente, mas apenas na qualidade de testemunha. Um sujeito ruivo, de nariz pontudo, que chamavam de Dixon, representava a agência particular Pinkerton, ou outra do tipo. Padre Brown foi se sentar discretamente numa cadeira vaga ao lado dele.

Todos os jornais do mundo haviam relatado largamente a catástrofe do colosso das finanças, do grande organizador dos grandes negócios que avassalam o mundo inteiro. Daquele pequeno grupo que estivera mais perto dele no momento da morte, porém, ninguém sabia dizer nada. O tio, o sobrinho e o advogado afirmavam estar fora da cerca exterior quando foi dado o alarme; e o interrogatório dos porteiros das entradas revelou respostas confusas, mas que por fim se confirmaram. Havia apenas a considerar uma pequena complicação. Parece que perto da hora em que o patrão fora morto tinha sido visto um desconhecido misterioso perto da entrada, que perguntou por Mr. Merton. Os criados haviam tido dificuldade

em entendê-lo, pois falava uma língua esquisita, mas depois começaram a confiar nele, pois o homem disse algo sobre uma pessoa má que seria destruída por uma palavra vinda do céu.

Peter Wain inclinou-se para a frente com os olhos brilhando no rosto pálido e exclamou:

— Aposto que era Norman Drage.

— E quem diabos é esse Norman Drage?

— Isso eu gostaria de saber — replicou o rapaz. — Eu bem que perguntei, mas ele tem um jeito diabólico para iludir qualquer pergunta direta que se faça... parece um esgrimista. Começou a falar do navio voador do futuro, mas eu não dei grande importância.

— Mas que espécie de homem é ele? — inquiriu Crake.

— É um mistagogo — informou padre Brown com inocente prontidão. — Há muitos como ele; é o tipo de pessoa que nos aborda nos cafés das cidades ou nos cabarés de Paris ou de outras terras dizendo que conseguiu erguer o véu de Ísis ou desvendar os segredos de Stonehenge. Para um caso como este não lhe deve faltar toda espécie de explicações místicas.

A cabeça escura e lisa de Barnard Blake, o advogado, inclinou-se cortesmente para o padre, mas seu sorriso era levemente hostil.

— Eu nunca imaginaria, padre — observou ele —, que pudesse ter ideias preconcebidas contra explicações de natureza mística.

— Antes pelo contrário — disse o padre Brown, piscando amavelmente os olhos. — É precisamente por isso que as contesto. Qualquer advogado manhoso pode me enganar, mas não enganará o senhor. Qualquer idiota vestido de índio pode me iludir e eu serei capaz de tomá-lo pelo próprio Hiawatna; mas Mr. Crake ali logo o desmascararia. Um malandro poderia me convencer de que sabe tudo de aviões, mas nunca enganaria Mr. Wain. É isso que se passa com o outro sujeito. Precisamente porque sei algo de mística é que não gosto de mistagogos. Os verdadeiros místicos não escondem os mistérios, revelam-nos. Colocam os casos em plena luz do dia e mesmo depois de os contemplarmos eles permanecem um mistério. Mistagogos conservam as coisas no escuro e quando as trazemos para a luz verificamos que era tudo embuste. No caso do Drage, contudo, concordo em que ele teria um motivo mais prático para falar de raios caídos do céu.

— E qual seria? — quis saber Wain. — Fosse qual fosse, acho que merece investigação.

— Bem — replicou o padre —, ele queria que nós pensássemos que os assassinos operam milagres... porque ele sabia muito bem que não é assim.

— Ah! — exclamou Wain numa voz sibilante. — Eu já esperava isso. Falando concretamente, é ele o criminoso.

— Falando concretamente, ele é o criminoso que não cometeu o crime — respondeu calmamente o padre.

— É essa a sua concepção de falar concretamente? — inquiriu melifluamente Blake.

— Agora o senhor pode dizer que eu é que sou o mistagogo — respondeu o padre Brown com um sorriso um pouco envergonhado —, mas é um caso accidental. Drage não cometeu o crime, ou seja, *este* crime. Seu único crime era fazer chantagem com alguém, e por isso andava por estas paragens; mas não é provável que ele quisesse divulgar seu segredo, nem pretendesse que a morte acabasse com seu negócio. Mais tarde falaremos dele. No momento, quero deixá-lo à parte.

— De quê? — quis saber o outro.

— Da verdade — replicou o padre, fitando-o tranquilamente, sem pestanejar.

— Quer dizer com isso — gaguejou ele — que sabe a verdade?

— Penso que sim — disse o padre com modéstia.

Fez-se um súbito silêncio, depois Crake exclamou com voz áspera:

— Onde foi parar esse diabo desse secretário? Wilton! Ele devia estar aqui!

— Estou em comunicação com Mr. Wilton — respondeu gravemente o padre. — De fato, pedi-lhe para telefonar para cá em alguns minutos. Devo confessar que, de certo modo, ambos combinamos tudo.

— Se combinaram tudo, deve estar certo — resmungou Crake. — Sei que ele era uma espécie de cão de fila, sempre na pista desse malvado desconhecido, de modo que não é mal pensado caçar com ele. Mas se já sabe a verdade neste caso, como diabos a desvendou?

— O senhor é que a desvendou — informou o padre no mesmo tom tranquilo, sem deixar de fitar o mal-humorado veterano. — Quero dizer, tive a primeira desconfiança quando o ouvi contar aquela história do índio que jogou uma faca que atingiu o soldado no alto da fortaleza.

— Já o ouvi contar isso muitas vezes — observou Wain, intrigado —, mas não vejo a relação que possa ter com este caso, a não ser o fato de haver um homem assassinado por uma seta no alto de uma casa que parece

uma fortaleza. Só que setas não são jogadas, e sim disparadas, por isso vai muito mais longe. Desta vez foi mesmo muito mais longe. Mas não estou vendo aonde isso nos leva...

— O senhor não está vendo bem — observou padre Brown. — Se uma coisa vai longe, não devemos deduzir que outra pode ir mais longe ainda. O uso inadequado de um instrumento pode estragar tudo de diversas maneiras. O soldado da história de Crake que estava no forte achava que facas eram para lutas corpo-a-corpo e nunca para serem usadas como dardos. Outras pessoas que conheço achavam que uma seta só pode ser usada como dardo, esquecendo que, afinal, ela pode servir de lança. Em resumo, a moral da história é que, se uma faca pode ser transformada em seta, uma seta pode ser usada como faca.

Todos olhavam para ele, mas padre Brown prosseguiu no mesmo tom indiferente:

— É claro que ficamos todos intrigados cogitando sobre quem teria disparado aquela seta através da janela, se teria sido de muito longe etc. Mas a verdade é que não foi disparada por ninguém. Tampouco entrou pela janela.

— Então de onde veio? — inquiriu o advogado, a expressão cada vez mais sombria.

— Acho que alguém a trouxe — respondeu o padre Brown. — Não era coisa difícil de transportar ou esconder. Alguém a tinha na mão, dentro da sala, ao lado de Mr. Merton. Alguém a enterrou no pescoço dele como um punhal e depois teve a ideia inteligente de dispor as coisas num ângulo tal que quem visse imaginaria imediatamente que a seta voara como um pássaro através da janela.

— Alguém... — repetiu o velho Crake num tom de voz que pesava como chumbo.

Nesse momento o telefone tocou com um ruído estridente. Picava na sala ao lado e o padre Brown correu para lá antes que algum dos outros fizesse um movimento.

— Mas que diabos quer dizer tudo isso? — exclamou Peter Wain, que parecia muito abalado.

— Ele disse que esperava um telefonema de Wilton — replicou o tio na mesma voz soturna.

— Será Wilton ao telefone? — inquiriu o advogado, como quem fala só para quebrar o silêncio. Mas ninguém lhe respondeu, até que padre Brown

reapareceu de súbito, em silêncio, trazendo a resposta.

— Senhores — começou ele, depois de se instalar de novo em seu lugar —, foram vocês que me pediram para procurar a verdade neste enigma; e, tendo-a descoberto, preciso revelar tudo sem pretender diminuir o choque que ela possa causar. Receio que quem mete o nariz em casos como este não pode ter cerimônia com as pessoas implicadas.

— A meu ver — murmurou Crake, rompendo o silêncio que se seguiu —, isso significa que somos acusados ou considerados suspeitos.

— Todos podíamos ser suspeitos — disse padre Brown. — Fui suspeito porque descobri o corpo.

— Claro que todos somos suspeitos — resmungou Wain. — Padre Brown teve a gentileza de me explicar que eu podia muito bem ter rodeado a torre numa máquina voadora!

— Não — desmentiu o padre. — Só me explicou como podia ter feito. Essa é que foi a parte interessante.

— E, pelo visto — resmungou Crake —, pensou igualmente que eu poderia ter cometido o assassinato com uma seta de índio.

— Isso parecia pouco provável — disse o padre Brown com uma careta. — Desculpem se fiz mal, mas não tinha outra maneira de colocá-los à prova. Era muito pouco provável que o capitão Wain andasse por ali no momento da morte, com uma máquina enorme, sem que ninguém notasse; tampouco um cavalheiro respeitável brincasse de índio entre os arbustos, armado de arco e flecha, para matar alguém que teria tido ocasião de liquidar em muitas outras ocasiões, de maneira mais fácil. Mas eu precisava provar que eles nada tinham a ver com o caso; tinha que acusá-los a fim de provar sua inocência.

— E como conseguiu provar essa inocência? — inquiriu vivamente o advogado, curvando-se para a frente.

— Apenas vendo a agitação que eles revelaram ao serem acusados.

— O que quer dizer com isso, exatamente?

— Se me permite — respondeu padre Brown com toda compostura —, direi que era meu dever suspeitar de todos. Suspeitei de Mr. Crake e suspeitei do capitão Wain, na medida em que considerei possível ou provável sua culpa. Disse-lhes que tirara conclusões e agora vou revelar quais foram elas. Tive certeza de que eram inocentes pelo modo como eles passaram, de um momento para o outro, da mais perfeita inconsciência à mais forte indignação. Enquanto não sabiam que eram suspeitos davam

todas as informações que poderiam reforçar a acusação. Explicaram praticamente como poderiam ter cometido o crime. Depois descobriram, com um sobressalto e soltando gritos de raiva, que eu estava suspeitando deles. Perceberam isso muito depois de terem podido imaginar que eu suspeitaria deles, mas muito antes que os acusasse. Ora, nenhum culpado reage assim. Ou se mostraria arisco e desconfiado desde o início ou simularia inocência e inconsciência até o fim. Mas nunca começaria por agravar a situação para si mesmo e depois dar um salto e começar a negar furiosamente o que ajudara a sugerir. A atitude de ambos só se podia explicar por não terem, de fato, percebido o que eu insinuava. O senso de culpa de um assassino estaria, pelo menos, bem desperto para não deixá-lo esquecer sua relação com o que acontecera e fazê-lo lembrar depois que devia negar tudo. Por isso, risquei seus nomes e outros que não vale a pena agora mencionar. Por exemplo, havia o secretário... Mas esse fica para depois. Escutem, acabo de falar com ele pelo telefone, e deu-me licença para lhes dar algumas novidades importantes. A esta hora todos já devem saber quem era Wilton e o que pretendia.

— Sei que andava atrás de Daniel Doom e que não descansaria enquanto não o apanhasse — respondeu Peter Wain. — E também ouvi dizer que era filho do velho Horder e por isso se arvorara em vingador do crime. De qualquer modo, creio que deve continuar a procurar o homem chamado Doom.

— Bem — informou o padre Brown —, agora já o encontrou!

Peter Wain pôs-se em pé de um salto, todo excitado:

— O assassino! — gritou. — Já está preso o assassino?!

— Não — respondeu muito sério o padre Brown. — Eu disse que as notícias eram graves, nada mais que isso. Receio que Wilton tenha assumido uma tremenda responsabilidade. Perseguiu o criminoso e quando enfim o tinham encurralado... pois bem, fez justiça com suas mãos!

— Quer dizer que Daniel Doom... — começou o advogado.

— Quero dizer que Daniel Doom está morto — confirmou o padre. — Houve uma luta renhida e Wilton o matou.

— Foi muito bem feito! — rosnou Hickory Crane.

— Ninguém pode censurar Wilton por dar cabo de um patife como Doom, ainda mais tendo em conta a razão de queixa que tinha contra ele — concordou Wain. — Foi o mesmo que esmagar uma víbora.

— Não concordo — protestou padre Brown. — Acho que estamos todos falando levianamente, defendendo o linchamento e o desrespeito às leis; mas desconfio que se pusermos de lado nossas leis e nossas liberdades não tardaremos a lamentar. Além do mais, não me parece lógico apoiar o fato de Wilton ter cometido um assassinato sem sabermos se Doom teria também suas razões para fazer o mesmo. Tenho minhas dúvidas quanto a Doom ser um criminoso comum; podia muito bem ser um fora da lei com a ideia fixa de possuir a Taça, que fazia ameaças e só matava no meio de uma luta; suas vítimas foram ambas encontradas fora de casa. A objeção que eu levanto, em face do procedimento de Wilton, é que Doom nunca teve oportunidade de falar de sua justiça.

— Oh, não estou disposto a ouvir a defesa sentimental de caras malvados e criminosos — berrou, furioso, Wain. — Se Wilton acabou com a raça dele fez muito bem, e pronto!

— Apoiado! Apoiado! — exclamou o tio, concordando vigorosamente com cabeça.

A expressão do padre Brown ia ficando cada vez mais grave, enquanto observava lentamente os rostos em volta.

— É isso que pensam? — perguntou.

Entretanto, ia cogitando que ele mesmo era um inglês no exílio. Sentia-se entre estrangeiros, muito embora amigos. Naquele círculo de estranhos ardia uma chama de inquietação a que ele não era alheio: o espírito cruel dos ocidentais capazes de se revoltar, de linchar e, sobretudo, de conspirar. E ele sabia que todos eles já tinham conspirado entre si.

Padre Brown suspirou e disse:

— Devo, pois, concluir que os senhores desculpam definitivamente o crime deste infeliz, este ato de justiça privada ou seja lá como queiram chamar. Nesse caso não prejudica em nada que eu lhes dê alguns esclarecimentos sobre o caso.

De repente, pôs-se em pé e, sem que os outros atribuíssem a esse movimento qualquer significado especial, a verdade é que todos tiveram a impressão de que a atmosfera da sala esfriara.

— Wilton matou Doom de uma maneira muito curiosa — começou ele.

— Como? — interrompeu abruptamente Crake.

— Com uma seta — respondeu o padre Brown.



O crepúsculo ia envolvendo o compartimento e a luz se reduzia a um clarão que vinha da janela interior, na sala onde fora morto o grande milionário. Os olhos de todos se voltaram automaticamente para lá, mas não se ouviu nenhum som. Então a voz de Crake se ergueu, num tom agudo e senil, uma espécie de coaxar:

— O que disse? O que disse? Brander Merton morto por uma seta... agora esse malandro morto por uma seta...

— A mesma seta — esclareceu o padre. — E no mesmo momento.

Mais uma vez se verificou um silêncio, tenso e opressivo, até que o jovem Wain começou:

— Quer dizer que...

— Quero dizer que nosso amigo Merton era Daniel Doom! — declarou firmemente o padre. — Era ele o único Daniel Doom que existia. Nosso amigo Merton sempre esteve obcecado pela Taça Copta, que todos os dias adorava como se ela fosse um ídolo; na sua juventude matara dois homens para tê-la, embora eu esteja convencido de que esses assassinatos foram meros acidentes que ocorreram por ocasião do roubo. De qualquer modo, a Taça era dele. Esse tal Drage sabia da história e começou a fazer chantagem. Entretanto, Wilton o perseguia por razões diferentes. Creio que ele só descobriu a verdade quando veio para esta casa. De qualquer maneira, foi nesta casa e naquela sala que a caçada terminou e ele liquidou o assassino do pai.

Durante muito tempo ninguém respondeu. Depois ouviu-se o velho Crake tamborilando com os dedos no tampo da mesa e murmurando:

— Brander devia estar louco! Devia estar completamente louco!

— Mas, santo Deus, o que vamos fazer agora? O que diremos? Agora é um caso muito diferente! Que dirão os jornais e os financistas? Brander Merton era como o presidente dos Estados Unidos ou o papa de Roma.

— Realmente, eu também acho que isso agora é diferente — começou o advogado Barnard Blake em voz baixa. — A diferença representa toda uma...

O padre Brown deu umas pancadas na mesa que fizeram estremecer os presentes. Todos julgaram então ouvir vagamente o eco do misterioso cálice que estava na outra sala.

— Não! — exclamou ele num tom que mais parecia um tiro de pistola. — A diferença não existe. Eu lhes dei a oportunidade de sentirem pena do pobre diabo quando achavam que ele fosse um criminoso comum. Não me deram ouvidos; mostraram-se então adeptos da vingança pessoal.

Concordaram todos em que ele devia ser abatido como uma fera sem ser ouvido por um tribunal e disseram que ele não merecia outra coisa. Muito bem, se Daniel Doom teve o que merecia, Brander Merton também. Se isso se aplicava a Doom, também se aplica a Merton, caramba! Tanto em nome de sua justiça selvagem como da nossa monótona legalidade, mas, então, que Deus nos acuda! Haja uma só lei ou uma só ilegalidade!

Ninguém respondeu a não ser o advogado, que observou em tom malévolo:

— O que dirá a polícia se contarmos que queremos desculpar um crime?

— O que dirá a polícia se eu lhes disser que o senhor já o desculpou? — replicou padre Brown. — Seu respeito pelas leis chegou um pouco tarde, Mr. Barnard Blake. — E, após uma pausa, prosseguiu, num tom menos agressivo: — Estou pronto a dizer a verdade se as autoridades competentes me perguntarem; do resto, podem agir como quiserem. Mas vai fazer muito pouca diferença. Na realidade, Wilton só me telefonou para dizer que eu estava autorizado a apresentar a confissão dele, pois nessa altura já estaria a salvo.

O padre saiu lentamente da sala para o cômodo contíguo e parou ao lado da mesinha junto à qual o milionário morreria. A Taça Copta continuava no mesmo lugar e o padre se demorou ali alguns momentos contemplando aquele conjunto de cores do arco-íris e, depois, mais além, o abismo azul do céu.



III

O oráculo do cão

— Sim — declarava o padre Brown. — Gosto muito de cães, desde que os não tomem por deuses¹.

Aqueles que têm facilidade para falar nem sempre mostram disposição para ouvir. Às vezes, sua verbosidade produz uma espécie de estupidez. O companheiro e amigo do padre Brown era um jovem muito vivo chamado Fiennes, de olhos azuis e cabelos louros penteados para trás, que não pareciam penteados com uma escova, davam antes a impressão de terem sido varridos pelos ventos do mundo inteiro. Parou de súbito a meio da sua torrente de palavras quando atingiu o significado da frase do padre.

— Quer dizer que os homens os valorizam demais? — inquiriu. — Bem, eu não sei. Acho-os criaturas maravilhosas e, às vezes, até acho que sabem mais do que nós.

O padre não respondeu, mas continuou a afagar, com ar ausente, a cabeça do enorme cachorro.

— Olhe — prosseguiu Fiennes no seu monólogo —, havia um cão neste caso em que venho consultá-lo. Sabe, aquele caso que chamam de *O assassino invisível*. É um caso estranho, mas, do meu ponto de vista, o cão é a coisa mais estranha de tudo aquilo. Claro que há o mistério do próprio crime. Não se sabe como o velho Bruce foi morto por alguém se estava completamente sozinho na estufa...

A mão que coçava a cabeça do animal interrompeu seu movimento rítmico e o padre perguntou com voz calma:

— Então aconteceu numa estufa, hein?

— Pensei que tivesse lido os jornais — respondeu Fiennes. — Espere, acho que tenho aqui um recorte que dá todos os detalhes. — E tirou do bolso uma tira do jornal, que entregou ao padre. Ele começou a ler, aproximando o papel dos olhos piscantes com uma mão, enquanto a outra continuava a acariciar distraidamente o cachorro. Lembrava a parábola do homem que não deixa que a mão direita saiba o que faz a esquerda.



As histórias de gente que aparece morta em casas com portas e janelas hermeticamente fechadas por dentro e de criminosos que fogem sem que se saiba como entraram ou saíram haviam se tornado realidade com os estranhos acontecimentos de Cranston, na costa de Yorkshire, onde o coronel Druce aparecera apunhalado nas costas, tendo a arma desaparecido não só do local do crime como até das redondezas.

A estufa onde ele morrera tinha acesso, de um lado, por uma porta comum dando para o caminho central do jardim, que ficava na direção da casa. Por uma série de acontecimentos, contudo, que bem podemos chamar de coincidência, parece que tanto a porta quanto o caminho estavam sendo observados nos momentos fatais, e uma cadeia de testemunhas o confirmavam umas com as outras. A estufa ficava no fundo do jardim e dali não partia espécie alguma de entrada ou saída. O caminho central era ladeado por delfínios plantados tão juntos que qualquer passagem entre eles deixaria vestígios. Portanto, nada passaria ali sem ser observado.

Patrick Floyd, secretário do morto, afirmava ter estado em posição de observar todo o jardim, desde o momento em que o coronel Druce aparecera vivo na porta até ser encontrado morto, pois ele, Floyd, estivera encarrapitado o tempo todo numa escadinha podando a sebe do jardim. Janet Druce, a filha do coronel, disse que estava sentada no terraço da casa durante todo esse tempo e via Floyd cortando a sebe. Parte do tempo havia ainda a confirmação do irmão dela, Donald Druce, que observara o jardim da janela de seu quarto, ainda de roupão, pois se levantara tarde. Finalmente, todas essas declarações eram confirmadas por um vizinho, o Dr. Valentine, que em visita à casa estivera no terraço conversando com *Miss Druce*, e pelo advogado do coronel, que, pelo visto, tinha sido a última pessoa a vê-lo com vida, se excetuarmos o assassino, é evidente.

Todos concordaram em que a sequência dos acontecimentos era a seguinte: por volta das três da tarde, *Miss Druce* descera para perguntar ao pai a que horas queria o chá; ele disse que não queria chá e pediu que lhe mandassem o advogado assim que chegasse. A moça encontrara Traill na volta e lhe dissera para ir até a estufa, o que ele fez. Dali a meia hora ele

saía, e o coronel o acompanhara até a porta, onde havia sido visto aparentemente de perfeita saúde e muito bem disposto. Algum tempo antes, tinha se mostrado aborrecido com a hora tardia em que o filho se levantou, mas seu bom humor tinha voltado e recebera até outros visitantes, incluindo dois sobrinhos, que vieram passar o dia, numa disposição perfeitamente normal. Ambos tinham saído para um passeio na hora da tragédia, por isso não eram testemunhas. Dizia-se, é certo, que o coronel não estava em boas relações com o Dr. Valentine. Este, contudo, só tinha conversado com a moça, a quem, pelo visto, andava fazendo a corte.

Traill, o advogado, afirmava que deixara o coronel sozinho na estufa, e isso era confirmado por Floyd, de seu poleiro no alto da escada, de onde viu que ninguém se aproximara da entrada da estufa. Dez minutos depois, *Miss Druce*, no meio do caminho, avistara o pai, com seu paletó branco, caído no chão. Ao ouvirem o grito dela, os outros tinham acorrido e se depararam com o coronel morto, ao lado de sua cadeira de vime, que também tombara no chão. O Dr. Valentine, que ainda estava ali perto, verificara que a ferida tinha sido produzida por uma espécie de estilete que penetrara por baixo da omoplata e atingira o coração. A polícia procurou a arma em toda parte, sem encontrar sinal dela.

— O coronel Druce estava então de paletó branco, é isso? — perguntou o padre Brown ao pousar o recorte de jornal.

— Era um hábito que lhe ficara dos trópicos — replicou Fiennes, intrigado. — Parece que tinha vivido lá algumas estranhas aventuras, segundo ele mesmo contava, e acho que sua antipatia pelo Dr. Valentine, estava, de certo modo, relacionada ao fato de ele também ter estado nos trópicos. Mas é tudo uma confusão diabólica. Aqui o relato é bem concreto: eu não assisti à tragédia, no momento da descoberta. Estava passeando com os sobrinhos e o cachorro, do qual lhe falei há pouco. Mas eu vi todo o cenário como o haviam descrito: o caminho reto entre os canteiros de flores azuis que conduzia até a porta escura; o advogado em seu terno preto e o chapéu alto; a cabeça ruiva do secretário acima da folhagem verde da sebe que estava podando. Aquela cabeça era inconfundível, quem diz que o viu ali o tempo todo não pode estar errado. Esse tal secretário ruivo é um sujeito muito especial, cheio de energia, capaz de fazer qualquer trabalho, inclusive o de jardineiro. Creio que é americano, pelo menos pratica o estilo de vida americano, o que eles chamam de *American way of life*.

— E quanto ao advogado? — quis saber o padre.

Seguiu-se um silêncio e depois Fiennes falou, contra seu costume, muito devagar:

— Traill deu-me a impressão de ser um homem muito estranho. Sempre de terno preto impecável, parece vaidoso, no entanto, não se veste na moda. Tem suíças pretas e compridas, como se usava na época vitoriana. Seu rosto é grave, tem boas maneiras, mas de vez em quando lembra de sorrir. Nessa hora mostra os dentes brancos e então perde toda a dignidade e há nele um certo ar servil, de lambe-botas. Pode ser apenas timidez, pois fica sempre torcendo a gravata, ou o alfinete, objetos que também são esquisitos, como ele próprio. Se pudesse desconfiar de alguém... mas de que adianta, se é tudo impossível? Ninguém sabe quem cometeu o crime. Ninguém sabe como foi possível. Há somente uma exceção, e por isso lhe contei tudo. O cachorro, esse sabe.

O padre Brown suspirou com ar absorto e disse: — Você estava ali como amigo do jovem Donald. Ele não foi passear com vocês?

— Não — replicou sorrindo Fiennes. — O patife tinha se deitado de manhã e só se levantou à tarde. Eu saí para passear com os primos, dois jovens oficiais da Índia, e só conversamos de assuntos triviais. Recordo de que o mais velho, que creio se chamar Herbert Druce e que é autoridade em criação de cavalos, falou o tempo todo de uma égua que tinha comprado e da maneira de ser do homem que a vendera; o irmão, Harry, parecia sucumbido com sua má sorte no jogo em Montecarlo. Só falo nisso para lhe demonstrar, em face do que se passou durante a nossa conversa, que não havia nada de esquisito em qualquer um de nós. O único ser estranho era o cachorro.

— De que raça é? — quis saber o padre.

— A mesma deste — respondeu Fiennes. — Por isso é que me lembrei de lhe contar a história, quando o ouvi afirmar que não acreditava na intuição dos cães. É um cachorro enorme chamado Nox, nome bem sugestivo². Penso que ele representa um mistério ainda maior que o próprio assassinato. Como sabe, a casa de Druce fica perto do mar. Caminhamos cerca de uma milha pela areia e depois voltamos. Passamos por um rochedo muito curioso, a Rocha da Fortuna, famoso na região por ser um daqueles enormes pedregulhos em equilíbrio sobre outra pedra: parece bastar um leve empurrão para fazê-lo cair. Não é muito alto, mas a inclinação lhe dá um ar sinistro, pelo menos foi a impressão que tive, porque não estou vendo meus alegres companheiros interessados nos motivos pitorescos. Ou talvez

fosse porque eu estava pressentindo algo estranho. Nessa altura nos lembramos de ver se seria hora do chá. Talvez eu pressentisse então que a hora viria a ter muita importância. Nem eu nem Herbert Druce tínhamos relógio, por isso perguntamos ao irmão, que ficara para trás acendendo o cachimbo ao abrigo de uma sebe. Acontece que ele gritou para nós, na sua voz forte, que eram quatro e meia, no silêncio do crepúsculo e, não sei por que, aquele grito soou como um mau presságio. O fato de ele não ter consciência disso tornava tudo ainda mais impressionante, mas é sempre assim com os maus pressentimentos; até o tiquetaque do relógio me pareceu ameaçador nessa tarde. Na opinião do Dr. Valentine, o pobre Druce deve ter morrido precisamente a essa hora. “Bem”, disseram os primos, “podemos ficar ainda uns dez minutos.” E caminhamos pela areia até um pouco mais longe, sem fazer nada de especial, a não ser jogar pedras e paus que o cachorro ia buscar no mar. No entanto, eu sentia que, para mim, o cair da tarde ficava opressivo e até a sombra da Rocha da Fortuna parecia pesar sobre mim. Depois aconteceu uma coisa estranha. Nox acabou de trazer a bengala de Herbert, que ele atirara na água. Depois o irmão fez o mesmo com a dele. O cão começou a nadar, mas, no momento exato em que deviam estar batendo as quatro e meia, parou de nadar, voltou para a praia e parou na nossa frente. Depois ergueu a cabeça e soltou um uivo como eu nunca ouvi. “Que diabo tem o cachorro?”, perguntou Herbert, mas nenhum de nós sabia responder. Depois seguiu-se um silêncio e o cachorro não ganiu mais na praia deserta. Até que o silêncio foi quebrado. E foi quebrado por um grito de mulher, um grito longínquo e abafado, que vinha do interior, além das sebes. Não sabíamos ainda que era o grito que a moça soltou ao ver o corpo do pai.

— Vocês então voltaram para casa. E o que aconteceu depois? — inquiriu pacientemente o padre Brown.

— Vou lhe dizer o que aconteceu — respondeu Fiennes muito solene. — Quando voltei para o jardim, a primeira coisa que vi foi Traill, o advogado. Parece que ainda o estou vendo com aquele seu chapéu e as suíças negras sobressaindo da sebe de flores azuis que se estendia até a estufa, tendo como pano de fundo o pôr do sol e a silhueta da Rocha da Fortuna lá ao longe. A cara e a figura dele estavam contra a luz, mas posso jurar que vi seus dentes brancos e que ele estava rindo. No momento em que Nox viu aquele homem correu até o meio do caminho e começou a latir furiosamente para ele, como se quisesse acabar com ele. Parecia mesmo que

lhe dirigia as piores injúrias, carregadas de ódio. Então o cara desatou a fugir caminho afora, entre as flores...

Padre Brown ficou em pé num movimento de impaciência inesperada e exclamou:

— Então o cachorro o acusou, é isso? O oráculo do cão o condenou. Você viu que espécie de pássaros andavam voando por ali, e se se encontravam à direita ou à esquerda? Consultou os sacerdotes sobre os sacrifícios? Certamente, não deixou de estripar o cão para examinar suas entranhas... São esses testes científicos que vocês, os ateus humanitaristas, têm como certos quando resolvem tirar a vida e desonrar um homem!

Fiennes ficou um momento de boca aberta e sem fala, antes de conseguir murmurar:

— Oh, mas que mosca o mordeu? Que mal eu lhe fiz?

Uma espécie de ansiedade transpareceu nos olhos do padre, a ansiedade de quem se choca com um poste no escuro, e na primeira reação se pergunta se o teria ferido.

— Desculpe, desculpe — murmurou sinceramente atrapalhado. — Peço perdão por ter sido tão grosseiro, desculpe, por favor!

Fiennes olhou para ele intrigado:

— Às vezes penso que o senhor é mais misterioso que qualquer dos seus mistérios — observou. — De qualquer modo, se não acredita no mistério do cachorro, pelo menos tem que acreditar no mistério do homem. Não pode negar que, no momento exato em que o cão uivou, a alma do dono abandonava o corpo por qualquer poder invisível que ainda nenhum homem descobriu ou nem sequer imaginou. Quanto ao advogado, não me refiro apenas ao indício do cão, há mais detalhes estranhos. Ele deu impressão de uma criatura serena, sorridente, esquiva. Uma das suas manias sugere alguma coisa. Sabe, o médico e a polícia compareceram muito rapidamente. Valentine voltou atrás precisamente quando ia saindo da casa e telefonou imediatamente. Este fato, juntamente com a localização isolada da casa e o número restrito de pessoas presentes, bem como ser um recinto fechado, tornou possível revistar rigorosamente todas as pessoas que se encontravam por perto, em busca da arma. A casa, o jardim e a praia foram passados a pente fino. A ausência do punhal é quase tão alucinante quanto a do criminoso.

— A ausência do punhal — repetiu o padre Brown sacudindo a cabeça. Parecia ter ficado subitamente atento.

— Bem — prosseguiu Fiennes —, já lhe disse que esse tal Traill tinha a mania de estar sempre mexendo na gravata, e sobretudo no alfinete. Que como o dono era simultaneamente espalhafatoso e fora de moda, uma daquelas pedras formadas de anéis concêntricos e coloridos que lembram um olho, como um ciclope, e a preocupação do homem com ele... O alfinete não só era grande demais, como também muito comprido; achei que a mania do sujeito de mexer nele o tempo todo podia muito bem significar que ele era maior do que parecia... como um estilete.

O padre Brown acenou com a cabeça num gesto pensativo e perguntou:

— Alguém sugeriu que pudesse haver outro instrumento do crime?

— Houve outra sugestão — respondeu Fiennes — da parte do jovem Druce, refiro-me ao primo. À primeira vista, nem Herbert nem Harry Druce davam a impressão de não poderem dar ajuda alguma de natureza científica para a descoberta do assassino, mas enquanto Herbert era, na realidade, o tipo acabado do oficial de Dragões que só se interessa por cavalos e por ser um bom ornamento da cavalaria, o irmão mais novo, Harry, é da polícia indiana e entendia muito do assunto. Na verdade, é até muito esperto, à sua maneira; talvez esperto demais. Quero dizer que ele levou a polícia a infringir algumas regras básicas, assumindo ele mesmo um certo risco e uma certa responsabilidade. Mas era um detetive, em férias, e se meteu no caso com um entusiasmo maior do que seria de esperar de um simples amador. Foi com ele que eu discuti sobre a arma, discussão que nos levou a uma descoberta. Começou quando ele contradisse minha afirmação de que o cachorro tinha latido para o Traill. Ele declarou que cachorro zangado não late, rosna.

— Nisso ele tinha razão — concordou o padre.

— Disse que já tinha ouvido o cachorro rosar para outras pessoas além de Traill, entre outros para Floyd, o secretário. Retorqui que esse argumento caía pela base, pois o crime não podia ser atribuído a três pessoas, e entre essas muito menos Floyd, que era tão inocente quanto uma criancinha. Na hora do crime todos o tinham visto empoleirado na escada, o penacho de cabelos ruivos, como uma catatua, sobressaindo acima da sebe. “Sei que há provas em contrário”, alegou meu colega, “mas só quero que você venha por um momento até o jardim.” Isto se passava no próprio dia da descoberta do crime e o jardim estava no mesmo estado. A escada continuava encostada na sebe e aí meu colega parou e tirou um objeto meio escondido

entre o gramado alto. Era a tesoura usada para podar a sebe. Numa das pontas havia uma mancha de sangue.

Seguiu-se um curto silêncio, até que o padre perguntou de súbito:

— O que o advogado estava fazendo ali?

— Disse que o coronel o tinha chamado para alterar o testamento — informou Fiennes. — A propósito, há outra coisa relacionada ao testamento que devo mencionar. Saiba que o testamento acabou por não ser assinado na estufa naquela tarde.

— Já calculava. Para isso seriam necessárias duas testemunhas — respondeu padre Brown.

— O advogado tinha estado lá na véspera e de fato o testamento foi então assinado, mas o velhote mandara chamá-lo de novo no dia seguinte porque tinha certas dúvidas sobre uma das testemunhas e queria que o tranquilizasse.

— Quem eram as testemunhas? — quis saber o padre Brown.

— Aí é que está — disse vivamente o outro. — As testemunhas eram Floyd, o secretário, e esse tal Dr. Valentine, o médico, ou seja lá o que for, que era de fora; e os dois tinham discutido. Devo dizer que o secretário é um cara intrometido. Tem um jeito belicoso de ser e é muito desconfiado. Um desses indivíduos de cabelo ruivo e temperamento esquentado, que acreditam em tudo ou não acreditam em nada, ou confundem tudo. É homem de sete ofícios, e em todos eles é melhor que os outros. Sabe tudo e anda sempre prevenindo todos contra todos. É isso que devemos ter em conta em relação às suspeitas contra Valentine. Neste caso particular, no entanto, parece que havia uma certa razão. Ele dizia que Valentine não era seu verdadeiro nome. Afirmava que o conhecera antes sob o nome de De Villon. Afirmava também que ia invalidar o testamento, e teve a gentileza, claro, de explicar ao advogado que a lei estava a seu favor. Os dois tiveram uma guerra aberta.

O padre Brown riu:

— Isso já é costume quando duas pessoas são testemunhas num testamento — replicou. — Ao menos ficamos sabendo que nenhum deles era contemplado. Mas o que dizia o Dr. Valentine? Esse secretário universal parecia saber mais do Dr. Valentine do que o próprio, se bem que ele devia ter alguma explicação para dar.

Fiennes calou-se um momento antes de replicar:

— O Dr. Valentine teve uma atitude curiosa. Sua figura dá muito na vista e tem um ar de estrangeiro. Ainda é novo, mas usa uma barba quadrada; seu rosto é pálido, horrivelmente pálido e tremendamente sério. Dá a impressão de que lhe doem os olhos, que devia usar óculos ou que sente dor de cabeça de tanto pensar. Mas é um homem bonito e sempre impecavelmente vestido, de chapéu alto, terno escuro com uma pequena roseta vermelha na lapela. Seus modos são frios e altivos e tem uma maneira de fitar as pessoas que as deixa desconcertadas. Ao ser acusado de haver mudado de nome apenas ficou olhando muito sério, como se fosse uma esfinge, e depois disse que os americanos é que não tinham nomes para trocar. Ao ouvir isso o coronel também se irritou e disse-lhe meia dúzia de coisas desagradáveis, mais ainda por se tratar de uma pessoa que pretendia entrar para a família. Mas eu não teria dado grande importância a isso se não tivesse ouvido certas palavras no início da tarde, no mesmo dia da tragédia. Não quero atribuir significado excessivo, pois não é o tipo de conversa que, em circunstâncias normais, alguém goste de escutar. Quando eu ia passando em frente ao portal com meus dois companheiros e o cachorro, ouvi vozes, pelas quais fiquei sabendo que o Dr. Valentine e *Miss Druce* haviam se retirado para os fundos da casa, de tal maneira que ficavam ocultos por uma sebe florida, e conversavam em voz baixa em tom apaixonado, às vezes quase sibilante... parecia mesmo uma discussão de namorados. Em circunstâncias normais, ninguém repetiria a maior parte das coisas que eles disseram, mas num caso grave como este, sinto-me na obrigação de dizer que ouvi mais que uma vez uma frase em que se falava de alguém matar alguém. De fato, tive a impressão de que a garota estava pedindo que ele não matasse uma determinada pessoa, que nenhuma provocação justificava que se matasse alguém, e isso pareceu uma conversa bem estranha para se ter com um rapaz que veio tomar chá.

— Sabe — perguntou o padre — se o Dr. Valentine ficou muito zangado depois da cena com o advogado e o coronel? Refiro-me ao fato de ele ser testemunha do testamento.

— Nada disso — replicou o outro. — O secretário estava muito mais furioso do que ele. Entrou numa grande fúria depois de ter servido de testemunha.

— E agora — inquiriu o padre —, quanto ao próprio testamento?

— O coronel era um homem muito rico e seu testamento era importante. Neste momento, Traill não quis contar qual era a alteração. Mas então soube

que a maior parte do dinheiro tinha sido transferida do rapaz para a filha. Já lhe disse que Druce estava muito aborrecido com Donald por seus horários extravagantes.

— A questão do motivo tem sido posta de lado em face do mistério que apresenta o processo — observou pensativamente o padre Brown. — Neste momento, *Miss Druce* sai ganhando com a morte do pai, pelo menos aparentemente.

— Santo Deus! Que maneira cínica de falar! — exclamou Fiennes, fitando-o. — Não está insinuando que ela...

— Ela está para se casar com o Dr. Valentine? — interrompeu o padre.

— Há quem diga que não — respondeu o outro. — Mas lá na terra todos o estimam e respeitam e é um médico competente e prestativo.

— Tão prestativo que até carregava instrumentos cirúrgicos ao visitar a namorada na hora do chá... Deve ter usado bisturi ou coisa do tipo, e, pelo visto, não chegou a ir para casa.

Fiennes ficou em pé de um salto e fitou o padre com curiosidade:

— Sugere então que ele usou o mesmo bisturi...

O padre Brown sacudiu a cabeça:

— Todas essas sugestões, por enquanto, são gratuitas — declarou. — O problema não é saber quem praticou o crime ou com quê. Podemos vir a encontrar muitas pessoas e até muitos instrumentos: alfinetes, tesouras de podar e bisturis. Mas como alguém conseguiu entrar na estufa? Ou introduzir lá sequer um alfinete?

Enquanto falava, olhava com ar pensativo para o teto. Ao proferir as últimas palavras, porém, semicerrou de repente um olho, como se acabasse de descobrir ali uma mosca interessante.

— Bem, o que vai fazer? — perguntou o rapaz. — Tem muita experiência, o que aconselha, então?

— Receio não ser de grande ajuda — replicou padre Brown, suspirando. — Não posso sugerir grande coisa sem ter estado no local e com as pessoas. Vocês devem prosseguir com a investigação. Pelo que me diz, seu amigo da polícia indiana está mais ou menos encarregado do assunto. No seu caso, eu iria até lá ver como ele se comporta, como procede na qualidade de detetive amador. A esta hora já deve haver algo novo.



Logo que os dois visitantes, o bípede e o quadrúpede, desapareceram, o padre Brown voltou a pegar a caneta e a retomar sua ocupação, que era fazer o plano de uma série de conferências sobre a encíclica *Rerum Novarum*. O tema era vasto e ele teve de refundir o que escrevera mais de uma vez. Assim, continuava entregue à mesma ocupação dois dias depois, quando o enorme cachorro preto entrou pela sua casa adentro e veio pôr as patas em seus ombros, cheio de entusiasmo e excitação. O dono que o seguia vinha também excitado, mas não de entusiasmo. Sua excitação se manifestava de um modo bem menos agradável, pois seus olhos azuis pareciam querer saltar nas órbitas e o rosto estava pálido.

— O senhor disse — começou ele abruptamente, sem preâmbulo — que fosse ver o que Harry Druce andava fazendo. Pois bem, quer saber o que ele fez?

O padre não respondeu e o rapaz prosseguiu, aos arrancos:

— Vou contar o que ele fez. Matou-se.

O padre Brown moveu os lábios lentamente, murmurando algo que praticamente nada tinha com aquela história ou com nosso mundo.

— O senhor à vezes me dá arrepios — declarou Fiennes. — Estava... esperando isso?

— Pensei que fosse possível — confessou padre Brown —, por isso aconselhei-o a ver o que ele andava fazendo. Esperava que você não chegasse tarde demais.

— Eu é que o descobri — murmurou Fiennes com voz rouca. — Foi a coisa mais horrorosa que vi até hoje. Entrei de novo naquele jardim, sentindo que havia alguma coisa estranha e diferente ali, além do crime. As flores continuavam a florir de ambos os lados da entrada escura da velha estufa, mas as azuis só me lembravam demônios dançando na frente de uma negra caverna do submundo. Olhei em redor e tudo me pareceu em seus devidos lugares. No entanto, aquela sensação estranha aumentava dentro de mim, a ponto de me dar a impressão de que o próprio céu estava diferente. Então, de súbito, vi o que era. A Rocha da Fortuna costumava se erguer

atrás da sebe do jardim em frente ao mar. Mas a Rocha da Fortuna havia desaparecido.

O padre Brown ergueu a cabeça, muito atento.

— Para mim foi como se uma montanha tivesse saído de uma paisagem ou a lua tivesse caído do céu, muito embora eu soubesse que a qualquer hora bastaria um empurrão para que acontecesse. Algo me impeliu então a sair correndo e transpor a sebe, como se ela fosse uma teia de aranha. Na realidade, era uma sebe pouco espessa, mesmo que o ar bem cuidado fizesse com que desempenhasse o papel de um muro. Na praia deparei-me com o rochedo caído por terra e, embaixo dele, o pobre Harry Druce. Tinha um braço em volta da pedra como que num abraço. Ao lado, sobre a areia, escrevera em grandes letras as palavras “A Rocha da Fortuna cai em cima do louco.”

— Isso tudo foi culpa do testamento do coronel — observou o padre Brown. — O rapaz estava certo de se beneficiar por Donald ter caído em desgraça, sobretudo depois que o tio o mandou chamar junto com o advogado e de tê-lo recebido tão calorosamente. Sem isso estava perdido... perdeu seu lugar na polícia, ficou sem vintém em Monte Carlo. Então se suicidou ao verificar que matara o tio sem proveito algum.

— Escute! Espere aí! — gritou Fiennes. — Está indo depressa demais!

— A propósito, já que falamos do testamento — prosseguiu o padre Brown —, e antes que me esqueça, ou que falemos de outros assuntos mais importantes, acho que há uma explicação muito simples para aquele caso do nome do médico. Tenho a impressão de que já ouvi aqueles dois nomes. O doutor é, na verdade, um nobre francês com o título de marquês de Villon. Mas é, ao mesmo tempo, um republicano convicto, que largou o título e retomou o velho sobrenome da família. “Com o caso de seu cidadão Riquetti, intrigaram a Europa durante dez dias.”

— O que é isso? — inquiriu o jovem, admirado.

— Não tem importância — respondeu o padre. — Na maioria das vezes a mudança de nome equivale a uma patifaria, mas neste caso representa uma atitude de fanatismo. Foi essa a razão do sarcasmo dele quando disse que os americanos não têm nomes para trocar, isto é, não possuem títulos. Hoje em dia, na Inglaterra, ninguém chama Mr. Hartington de marquês de Hartington, mas, na França, chamam M. de Villon de marquês de Villon. Portanto, podemos considerar o caso como uma mudança de nome. Quanto à conversa em que se falava de matar alguém, acho que também isso era um

ponto da etiqueta francesa. O médico falava em desafiar Floyd para um duelo e a garota tentava dissuadi-lo.

— Oh, estou entendendo — exclamou o rapaz, lentamente. — Agora entendo o que ela queria dizer.

— E a que se referia ela? — perguntou o padre, sorrindo.

— Bem — explicou o rapaz —, era uma coisa que sucedera pouco antes de eu ter descoberto o corpo daquele infeliz... foi essa catástrofe que me fez esquecer isso. Acho que é difícil pensarmos num idílio romântico quando nos encontramos em plena tragédia. Mas quando eu ia descendo o caminho para a mansão do coronel cruzei com a filha dele, que passeava com o Dr. Valentine. Estava vestida de luto. Quanto a ele, estava sempre de preto, como se fosse a um enterro. No entanto, nunca tinha visto duas pessoas com um ar mais radioso e feliz. Pararam para me cumprimentar e então participaram que tinham se casado e estavam morando numa casinha nos arredores da cidade, onde o médico tinha sua clientela. Isso me surpreendeu, pois eu sabia que o pai dela havia lhe deixado a mansão; aludi delicadamente a isso, dizendo que me dirigia à casa do pai dela e que esperava encontrá-la ali. Ela riu e respondeu: “Oh, eu larguei tudo isso. Meu marido não gosta de herdeiras ricas!” Descobri então, com algum espanto, que eles haviam insistido em restituir a propriedade ao pobre Donald. Portanto, espero que ele caia em si e trate de conservá-la bem. O problema dele não era grave. Não passava de um rapaz muito novo e o pai se mostrava pouco compreensivo quanto a isso. Mas tudo se relacionava ao que ela tinha dito, e que eu, na hora, não entendi. Agora estou certo de que o senhor tinha razão. Ela afirmou com uma espécie de súbita e admirável arrogância, toda altruísta: “Espero que isso faça com que aquele ruivo estúpido deixe de se preocupar com o testamento. Será que ele acha meu marido capaz de assassinar um velho senhor em sua estufa por causa de uma herança dessas, ele que renunciou, só por uma questão de princípios, a um escudo e a uma coroa tão antigos quanto as Cruzadas?” Depois voltou a rir e acrescentou: “Meu marido não mata ninguém, a não ser na sua profissão. Ele nem sequer diz aos amigos que apareçam lá no consultório...” Agora entendo o que ela queria dizer.

— Claro, eu agora também entendo, em parte. Mas o que significa isso de o secretário estar preocupado com o testamento?

Fiennes sorriu e respondeu:

— Só queria que o senhor conhecesse aquele secretário, padre Brown. Veria como ele consegue pôr tudo “mexendo”, como ele diz. Pôs a casa toda enlutada para *mexer*. Dirigiu o enterro com tanta energia e entusiasmo como se fosse um acontecimento esportivo. Nada o detém, em qualquer circunstância. Já lhe disse como ele dava ordens ao jardineiro sobre como cuidar do jardim e como ensinava leis ao advogado. Desnecessário dizer que também dava sentenças ao médico em questões de saúde, e como acontece que esse médico era o Dr. Valentine, era inevitável que ele o acusasse de algo mais grave que o fato de não entender nada de medicina. Ele meteu naquela cabeça ruiva que o médico é que tinha cometido o crime e, quando a polícia chegou, teve seu brilhareco. Apresentou-se logo como o maior dos detetives amadores. Sherlock Holmes jamais deu tantas lições à Scotland Yard com tamanho ar de superioridade e desprezo como o secretário particular do coronel Druce deu à polícia na investigação deste assassinato. Digo-lhe que foi divertido! O sujeito andava com um ar abstrato, sacudindo as madeixas ruivas, enquanto ia proferindo respostas secas e impacientes. Foi, de fato, esta atitude dele nos últimos dias que irritou tanto a filha de Druce. A teoria dele era aquela que se vê nos livros e ele só parecia uma personagem de ficção. Se assim fosse teria a sua graça e não chatearia ninguém.

— E então, qual é a teoria dele? — perguntou o padre.

— Era pura piada — replicou Fiennes, carrancudo. — Teria êxito se não caísse por terra em dois minutos. Afirmava que o coronel ainda estava vivo quando o encontraram caído na estufa e que o médico é que acabara com ele com um bisturi ao fingir que cortava sua roupa.

— Compreendo — murmurou o padre. — Pelo visto o coronel estava de bruços, como quem dorme a sesta.

— É espantoso o que pode fazer a pressa! — prosseguiu Fiennes. — Acho que Floyd teria conseguido levar sua teoria aos jornais e, de alguma maneira, o médico aos tribunais se não fosse a descoberta do cadáver sob a Rocha da Fortuna. E assim chegamos a esta conclusão. Considero o suicídio uma confissão. Mas a história completa... essa nunca conheceremos.

Seguiu-se um silêncio e depois o padre declarou em tom modesto:

— Eu acho que sei como tudo aconteceu.

Fiennes arregalou os olhos:

— Escute — exclamou ele —, como conseguiu saber da história toda, ou sequer ter certeza de que sua versão é a verdadeira? Está a léguas de

distância, muito sossegado escrevendo um sermão, e vem dizer que já sabe como tudo aconteceu? Se chegou a uma conclusão, de onde partiu? O que lhe deu a pista?

O padre Brown ficou em pé de um salto, com um entusiasmo desusado, e exclamou:

— Foi o cachorro! Claro que foi o cachorro! Vocês teriam visto logo a solução a partir do comportamento do animal na praia, se o tivessem observado como deve ser.

Fiennes se mostrava cada vez mais perplexo:

— Mas o senhor declarou logo no início que era disparate o que eu dizia sobre o cachorro, que ele nada tinha a ver com o caso...

— O cachorro tinha tudo a ver com o caso se vocês o tivessem considerado um simples cachorro, e não Deus Todo-Poderoso julgando a alma dos homens.

Calou-se um momento, como que atrapalhado, e depois prosseguiu num tom comovente de conciliação:

— Acontece que eu, por acaso, tenho uma predileção especial pelos cães. E acho que, no meio de todas estas complicadas superstições, ninguém estava se preocupando com o pobre do bicho. Começemos por um ponto muito insignificante que é o fato de ele ter latido para o advogado ou rosnado para o secretário. Você perguntou como eu podia adivinhar as coisas estando a léguas de distância, mas a verdade é que o mérito é todo seu: descreveu tão bem os personagens que eu fiquei conhecendo todos. Um homem do tipo de Traill, sempre carrancudo mas dado a sorrir repentinamente, que está sempre mexendo com as mãos, sobretudo brincando com as coisas que usa no pescoço, é um sujeito nervoso, que se atrapalha facilmente. Não me admiraria nada que esse secretário, tão eficiente, fosse também nervoso e assustadiço... é muito frequente nesses americanos espertalhões. Se assim não fosse, não teria cortado os dedos com a tesoura de podar, que jogou no chão quando ouviu o grito de Janet Druce. Ora, cachorros não gostam nada de pessoas nervosas. Não sei se se sentem também nervosos perto delas. Ou se, apesar de irracionais, são um pouco fanfarrões, ou então ficam simplesmente ofendidos na sua vaidade canina, que é enorme, porque essas pessoas não gostam deles. Seja como for, não havia outro motivo para o pobre Nox protestar contra essas criaturas, a não ser por não estimá-las porque sabia que tinham medo dele. Ora, eu sei que você é muito inteligente e ninguém sensato pode censurá-lo

por excesso de inteligência, mas, às vezes, acho que é inteligente demais para compreender os animais. Eles são muito terra-a-terra. Vivem num mundo de truísmos. Veja este exemplo: um cachorro late para um homem e o homem foge do cachorro. O senhor não é suficientemente simples para perceber o fato de que o cachorro latiu porque não gostava do homem e o homem fugiu porque teve medo do cachorro. Nenhum deles tinha outros motivos, nem eram necessários... mas o senhor viu aí razões psicológicas misteriosas e achou que o cão possuía uma visão sobrenatural e fazia parte de um conjunto de fatalidades. Decerto julgou que o homem ia fugindo não do animal, mas do carrasco. Contudo, se pensar bem, todas essas presunções psicológicas são altamente improváveis. Se o cachorro tivesse faculdades de reconhecer o assassino do seu dono não se limitaria a rosnar como figura estranha à casa. O mais provável seria pular no pescoço dele. Por outro lado, acha possível que um homem de espírito tão frio que fosse capaz de assassinar um velho amigo e depois continuasse a sorrir para a família e para a filha dele ia se impressionar só porque um cão latiu? Pode ver nisso uma trágica ironia, que afasta do espírito como qualquer outra trágica ninharia. Mas nunca desataria a correr pelo jardim afora fugindo da única testemunha que ele sabe não ser capaz de falar. As pessoas costumam entrar em pânico quando temem não pequenas ironias, pequenos detalhes trágicos deste tipo, mas sim quando têm medo dos dentes de um cão. Tudo isso é muito mais simples do que você pode imaginar. Quanto ao que se passou na praia, as coisas ficam muito mais interessantes. Da maneira como você as relatou, eram até muito intrigantes. Eu não entendia essa história de o cão ficar saindo e entrando na água... não é um comportamento muito próprio desses animais. Se Nox estivesse preocupado com outra coisa qualquer teria se recusado pura e simplesmente a buscar o pau que lhe atiravam. Teria corrido a farejar em outra direção em que pressentisse haver encrenca. Mas quando um cão vai atrás de algo, seja um pau, seja uma pedra, seja um coelho, minha experiência diz que nada o faz parar, a não ser uma ordem severa do dono, e, às vezes, nem mesmo isso. Que ele volte as costas porque lhe dá na telha, a mim parece impensável.

— No entanto, foi o que ele fez! Veio embora sem a bengala.

— Veio embora sem a bengala porque tinha muito boas razões para isso — replicou o padre. — Veio embora porque não conseguiu encontrá-la. E essa é uma das razões pelas quais os cães costumam ganir. O cachorro é um ser altamente ritualista. É tão exigente na repetição exata de uma

brincadeira como uma criança na repetição exata de uma história de fadas. Nesse caso, houve algo de estranho com a brincadeira. O animal se queixava seriamente da maneira como a bengala se comportava. Isso nunca tinha acontecido antes. Nunca um animal respeitável como ele tinha sido desconsiderado assim por uma miserável bengala!

— Mas então... o que fez a bengala? — inquiriu o rapaz.

— Afundou! — explicou o padre Brown.

Fiennes não replicou, mas continuou a olhar, muito sério. E foi o padre quem prosseguiu:

— Afundou porque não era uma bengala comum, e sim uma vara de aço metida numa bainha de bambu, com a ponta muito afiada. Em outras palavras, era uma bengala-espada. Acho que nenhum assassino jamais se desfez da arma do crime de um modo tão estranho e ao mesmo tempo tão natural: jogando-a no mar para que um cachorro a trouxesse.

— Começo a entender aonde quer chegar — confessou Fiennes. — Mas embora essa tal bengala-espada tenha sido usada, não consigo descobrir como isso foi feito.

— Comecei a descobrir logo no início, quando o amigo falou numa estufa — explicou o padre Brown. — E depois, quando me disse que Druce usava paletó branco. Como todo mundo procurava um punhal curto, ninguém pensou nisso, mas se admitirmos a existência de uma lâmina mais longa, já é possível.

O padre recostou-se e começou a falar como quem recapitula:

— Toda essa conversa sobre histórias policiais, como o Mistério do Quarto Amarelo, em que há um homem assassinado numa sala fechada na qual ninguém podia penetrar, não se aplica ao caso presente, uma vez que aqui se trata de uma estufa. Quando falamos do quarto amarelo ou de qualquer outro quarto, partimos do princípio de que as paredes são homogêneas e impenetráveis. Uma estufa, porém, não é construída assim. Muitas vezes, como é o caso presente, é feita de ramos entrelaçados e ripas de madeira, com fendas aqui e ali. Era precisamente diante de uma dessas fendas que Druce estava sentado, de costas para a parede. E como ele estava numa estufa, a cadeira devia ser também composta de vimes entrelaçados. E, por fim, a estufa estava situada bem embaixo da sebe. Foi você que me disse que a sebe era pouco espessa. Lá de fora era possível a um homem distinguir, através do entrelaçado de ramos e vimes, a mancha clara do paletó do coronel, tão distintamente como se fosse o centro de um alvo.

Aqui você não me explicou bem a geografia, mas foi fácil deduzir. Disse-me que a Rocha da Fortuna não era muito alta, mas que dali se podia dominar o jardim como do alto de uma montanha. Em outras palavras, ela ficava muito perto da ponta do jardim, embora seu passeio os tenha levado bem longe para lhe dar a volta. Também achei pouco provável que a moça tivesse gritado tão alto a ponto de se ouvir à distância de meia milha. Ela soltou um grito involuntário, e, no entanto, vocês o ouviram da praia. Além disso, entre outras coisas interessantes, você afirmou que Harry Druce tinha ficado para trás para acender o cachimbo ao abrigo da sebe.

Fiennes teve um leve estremecimento, ao dizer:

— Acha então que ele puxou a espada e a introduziu pela sebe até atingir a mancha branca do paletó? Além do mais, ele ainda nem tinha certeza de que o dinheiro do velho lhe cairia nas mãos, o que, na verdade, nunca chegou a acontecer.

A expressão do padre Brown se animou:

— Você não conta com a maneira de ser do sujeito — declarou, como se o conhecesse de perto. — Era curioso, mas normal. Se ele soubesse, de fato, que o dinheiro viria a ser dele, talvez nunca tivesse feito. Teria entendido que seria um ato vil.

— Não lhe parece isso um paradoxo?

— Era um jogador — replicou o padre. — Estava desgraçado porque assumira compromissos e antecipara ordens. Devia ser algo muito desonesto, pois a polícia das colônias é mais semelhante à polícia secreta da Rússia. Ele fora longe demais e falhara. Ora, tratando-se desse tipo de homem, a tentação de cometer uma loucura foi forte demais, porque o risco é maravilhosamente aliciante. Ele quer poder dizer a si mesmo: “Só eu seria capaz de agarrar esta ocasião pelos cabelos. Que estupenda visão eu tive ao imaginar tudo isso! Donald está na maré baixa; o tio manda chamar o advogado, ao mesmo tempo que nos convoca, Herbert e eu, e bastaria ver a maneira como o velhote sorriu para mim e me apertou a mão! Não vai passar pela cabeça de ninguém que eu seja louco a ponto de me arriscar assim; mas é desse jeito que as fortunas se fazem, com homens dotados de uma grande antevisão.” Numa palavra, uma questão de vaidade. A megalomania do jogador. Quanto mais incongruente a coincidência, e mais súbita a decisão, mais pronto estará para aproveitar a oportunidade. O simples acaso de avistar a mancha clara do paletó através da sebe o embriagou como se aquilo representasse seu destino. Uma pessoa tão

inteligente para perceber semelhante conjugação de fatos não poderia ter a covardia de não aproveitar! É assim que o demônio tenta o jogador. Mas o próprio diabo hesitaria em levar aquele infeliz a cometer o assassinato de um tio velho de quem ele esperava herdar, de uma maneira vulgar e mesquinha. — Calou-se um momento e depois prosseguiu com certa ênfase: — Tente agora reconstituir a cena, muito embora tenha assistido a ela pessoalmente. Enquanto o homem estava embriagado com a visão desta diabólica oportunidade, ergueu os olhos e viu aquele estranho contorno que podia muito bem representar a imagem de sua alma vacilante: a gigantesca laje sobre outra, qual pirâmide invertida. E logo se recordou que a chamavam de Rocha da Fortuna. Imagine-se que o sujeito, num momento assim, viu naquilo um sinal! Penso que foi isso que o instigou a agir e até mesmo a estar vigilante. Ele era uma fortaleza, não podia se deixar cair. Fosse como fosse, agiu. O problema agora era apagar os vestígios. Se encontrassem na sua bengala uma espada, sobretudo manchada de sangue, ao fazerem a busca que certamente se seguiria, estaria perdido. Se a abandonasse ali, logo seria encontrada e identificada. Se jogasse ao mar, seu gesto seria notado... a não ser que se lembrasse de alguma maneira natural de camuflá-lo. Como sabe, ocorreu-lhe logo uma, deveras excelente. Uma vez que só ele usava relógio, declarou que era ainda cedo para voltarem à casa, andou um pouco mais à frente e começou a atirar paus no mar para o cachorro pegar. Mas calculo que deve ter percorrido com os olhos angustiados aquela praia desolada até se deparar com o cachorro...

Fiennes sacudiu a cabeça, pensativo, olhando o vácuo. Parecia refletir numa parte menos prática da narrativa. Até que murmurou:

— É engraçado como afinal o cachorro acaba entrando na história.

— O cachorro quase poderia contar a história, se soubesse falar — afirmou o padre. — O mal é que, como não sabe, você o fez falar, emprestando-lhe a linguagem dos anjos e dos homens. Isso faz parte de um fenômeno que eu venho observando cada vez com mais frequência no mundo moderno, nas notícias dos jornais e nas conversas que escuto. Algo que é muito arbitrário e carece de provas. As pessoas engolem facilmente tudo o que lhes apresentam sem comprovação. É uma atitude que está submergindo nosso velho racionalismo e ceticismo, que avança como uma onda e tem o nome de superstição. — Pôs-se subitamente em pé, a testa franzida, uma expressão severa no rosto, e continuou a falar, como se estivesse sozinho: — Isso é o resultado de não se acreditar em Deus. Perde-

se o senso comum e não se veem as coisas como são. Tudo o que é apresentado como bom presságio é imediatamente aceito. O cachorro é um anunciador de tragédias, o gato é um mistério, o porco é um mascote, o percevejo é um escaravelho e tudo se refere ao conjunto de animais do politeísmo do Egito e da velha Índia: o cão Anúbis, o enorme Pashi, de olhos verdes, os touros sagrados de Bashan; retrocedemos aos deuses bestiais da Antiguidade que se escondiam dentro de elefantes, cobras e crocodilos. E tudo porque temos medo destas palavras: “Ele foi feito Homem.”

O rapaz ficou em pé, pouco à vontade, como se tivesse ouvido alguém falando só com ele. Chamou o cachorro e saiu da sala após uma despedida vaga, mas um pouco agitada. Teve que voltar logo, porém, para chamar o cachorro, que se quedara um momento imóvel, fitando o padre Brown, assim como o lobo fitara S. Francisco.

¹ A tradução literal é: “Desde que não leiam a palavra de trás para diante.” Em inglês *dog*, cão; *God*, Deus. (N. da T.)

² Nox, deusa da Noite na mitologia romana. (N. da T.)



IV

O milagre de Moon Crescent

Moon Crescent fora concebido, em certo sentido, para ser romântico como o nome, e as coisas que aconteceram lá foram, no seu gênero, bem românticas. Pelo menos, constituíram expressão do sentimento histórico e quase heroico que conseguiu sobreviver lado a lado com o mercantilismo nas velhas cidades da costa leste da América. Na sua origem, era uma curva de edifícios de arquitetura clássica, lembrando essa atmosfera do século XVIII, na qual certas figuras, como Washington e Jefferson, davam a impressão de serem republicanos demais para os aristocratas. Os turistas, a quem era costume perguntar o que achavam de nossa cidade, referiam-se frequentemente nas respostas ao que os impressionara em Moon Crescent. Os próprios contrastes que alteram sua harmonia original são responsáveis por sua sobrevivência. Numa das extremidades, ou a ponta do crescente, as últimas janelas dão para uma espécie de parque senhorial, com árvores e sebes clássicas como um jardim do estilo Queen Anne. Mas logo virando a esquina as outras janelas, talvez até pertencendo aos mesmos quartos, ou melhor, “apartamentos”, têm como cenário a parede lisa e feia de um armazém industrial. Nessa ponta os apartamentos de Moon Crescent foram reformados no estilo monótono dos hotéis americanos e se erguem a uma altura que, embora inferior à do gigantesco armazém, seriam considerados em Londres autênticos arranha-céus. A fita de arcadas ao longo da frontaria que dá para a rua apresenta uma tonalidade cinza, manchada pelas intempéries, que evoca os Pais da República perambulando ainda por ali. No entanto, o interior das salas era moderno e impecável, dotado de equipamentos os mais atualizados de Nova York. Sobretudo a parte situada entre o jardim bem cuidado e a parede do armazém. Eram pequenos *flats*, como se diz na Inglaterra, e constavam de sala, quarto e banheiro, iguais como os favos de uma colmeia. Em um deles estava sentado à escrivaninha o célebre Warren Wynd, selecionando cartas e ditando ordens com incrível rapidez e eficiência. Fazia lembrar um furacão.

Warren Wind era um homenzinho baixo, de cabelos soltos e grisalhos, com um ar frágil mas extremamente ativo. Possuía olhos maravilhosos, mais brilhantes que as estrelas e mais fortes que ímãs. Quem os visse dificilmente os esqueceria. Contavam-se inúmeras histórias, lendas, até, sobre a rapidez com que emitia um juízo acertado, sobretudo a respeito do caráter humano. Dizia-se que escolhera a esposa, que trabalhava com ele havia tanto tempo em suas obras de caridade, ao vê-la passar num desfile de mulheres fardadas por ocasião de uma cerimônia oficial. Havia quem afirmasse que eram escoteiras, outros, policiais. Contava-se também a história de três vagabundos, igualmente imundos e vestidos de andrajos, que o haviam procurado para pedir uma esmola. Sem um momento de hesitação mandara um deles para certo hospital onde tratavam doenças nervosas. Ao segundo recomendou uma clínica de desintoxicação de alcoólicos; e contratara o terceiro a seu serviço como criado particular, com um belo salário, ocupação que o homem desempenhava impecavelmente havia muitos anos. Falava-se também, claro, da série de respostas prontas e críticas mordazes que lhe eram atribuídas em suas entrevistas com Roosevelt, Henry Ford, Asquith e outras personalidades com quem um homem público americano tem forçosamente de manter contatos históricos, quanto mais não seja através dos jornais. É evidente que ele nunca se sentiria diminuído na presença desses personagens; no momento que nos interessa, prosseguia calmamente sua distribuição centrífuga de papelada, muito embora o homem na sua frente fosse também personagem de importância quase igual às outras a que nos referimos.

Silas T. Vandam, milionário e magnata do petróleo, era magro, de rosto comprido e pálido e cabelos de um negro-azulado, cores estas que se notavam menos porque seu rosto estava na contraluz, à frente da janela e da parede branca do armazém lá fora. Trazia um elegante sobretudo abotoado de cima abaixo, com gola de astracã. Em contrapartida, o rosto vivo e os olhos brilhantes de Wynd encontravam-se em plena luz, luz essa que vinha da outra janela, a do pequeno jardim, em frente da qual ficava sua mesa; embora a expressão dele fosse de preocupação, a causa disso não era de modo algum a presença do milionário. O escudeiro ou criado particular de Wynd, um sujeito alto e forte de cabelos louros e lisos, estava atrás da cadeira do amo, segurando uma pilha de cartas; o secretário particular, um jovem ruivo, de feições compridas, já tinha a mão na maçaneta da porta, como que adivinhando uma ordem do patrão. A sala estava não só numa

ordem perfeita, mas até mesmo austera, quase vazia, uma vez que Wynd, na sua preocupação característica de manter tudo impecável, alugara o andar superior e o transformara em depósito. Era lá que ele guardava toda a papelada e demais pertences em caixotes e fardos, amarrados com corda.

— Dê isso ao contínuo, Wilson — disse Wynd ao criado que veio entregar as cartas. — E depois vá me buscar a pasta sobre os clubes noturnos de Minneapolis; deve estar no pacote marcado com a letra “G”. Vou precisar dela em meia hora, mas antes disso não me incomodem. Bem, Mr. Vandam, acho que sua proposta parece muito promissora; mas só posso dar uma resposta definitiva depois de ver os relatórios. Devo recebê-los amanhã à tarde e lhe telefono logo. Lamento não poder dizer nada mais concreto por agora.

Vandam pareceu tomar estas palavras como uma despedida cerimoniosa e a expressão de seu rosto macilento e soturno revelava que ele considerava o fato com certa ironia.

— Bem, nesse caso, acho que vou andando — murmurou.

— Foi grande gentileza sua ter vindo — disse delicadamente Wynd. — Desculpe não acompanhá-lo, mas tenho aqui um assunto que preciso resolver já. Fenner — acrescentou, dirigindo-se ao secretário —, acompanhe Mr. Vandam até o carro e só volte em meia hora. Tenho um caso que quero resolver sozinho; depois vou precisar de você.

Os três homens saíram para o corredor, fechando a porta. O corpulento Wilson dirigia-se para a sala do contínuo e os outros dois caminhavam para o elevador, pois o apartamento de Wynd situava-se no décimo quarto andar. Mal tinham dado alguns passos quando perceberam uma figura imponente que avançava pelo corredor. Era um homem alto, de ombros largos, cuja corpulência se tornava mais evidente pelo fato de se vestir de branco, ou quase, um cinza muito claro, um enorme chapéu panamá branco mesmo e uma espessa franja, ou auréola de cabelos, da mesma cor. Enquadrado por essa franja, seu rosto era de feições vincadas e agradáveis, como as de um imperador romano, com exceção do ar travesso, quase infantil, que se divisava no brilho dos olhos e na beatitude do sorriso.

— Mr. Warren Wyn está? — perguntou amavelmente.

— Mr. Warren Wynd está ocupado — respondeu Fenner. — Não quer ser incomodado. Mas sou o secretário dele e posso entregar-lhe qualquer recado.

— Mr. Warren Wynd não pode receber ninguém, nem que seja o papa ou qualquer cabeça coroadada... — acrescentou Vandam, o magnata do petróleo, com azeda ironia. — Mr. Warren Wynd é muito esquisito. Estive com ele para lhe oferecer a bagatela de vinte mil dólares, mediante certas condições, e ele respondeu que voltasse outra hora, como se eu fosse um simples moço de recados.

— É muito bom ser moço — disse o estrangeiro —, melhor ainda ter um recado para dar; eu tenho um que ele precisa ouvir. É um recado que vem das belas e grandes terras do Oeste onde se está forjando o verdadeiro americano, enquanto vocês todos por aqui dormem! Diga-lhe apenas que Art Alboin, de Oklahoma, veio aqui para convertê-lo.

— Já lhe disse que ele não recebe ninguém — tornou severamente o ruivo secretário. — Deu ordens para que ninguém o perturbe durante meia hora.

— Vocês todos aqui do leste não gostam de ser incomodados — disse com bonomia Alboin —, mas entendo que uma brisa do Oeste está se levantando que vai incomodá-los. Ele deve ter calculado quanto dinheiro pode ser absorvido por esta velha e chata religião; mas eu garanto que todo o sistema que põe ao lado o novo movimento do Grande Espírito, no Texas e em Oklahoma, renega a religião do futuro.

— Oh, conheço bem essas religiões do futuro! — respondeu com desprezo o milionário. — Já passei todas a pente fino e são mais que as mãos! Havia uma mulher que dizia se chamar Sofia; devia ter se chamado Safira, acho. Que grande metida. Era ela quem puxava todos os cordões. Havia também aquela trupe da Vida Invisível; diziam ser capazes de desaparecer sempre que quisessem. E desapareceram, de fato, e com eles cem mil dólares que me pertenciam. Conheci Jupiter Jesus lá em Denver; conversamos semanas a fio; não passava de um patife comum. Assim como o Profeta da Patagônia. Apostaria que ele foi para a Patagônia! Não, estou farto dessas coisas. Atualmente, só acredito no que vejo. Creio que é o que chamam de ateu.

— Acho que o senhor se engana a meu respeito — respondeu quase com vivacidade o homem de Oklahoma. — Acho que sou tão ateu quanto o senhor. No nosso movimento não existe nada de sobrenatural ou qualquer superstição, apenas a pura ciência. A única e verdadeira ciência é a saúde e a única e verdadeira saúde é a capacidade de respirar. Encha os pulmões com o ar puro das planícies e ficará com forças para jogar ao mar, com um

sopro, todas as cidades do Leste e seus homens, como se fossem flores de cardo. É isso o que fazemos lá na nossa terra: respiramos, não rezamos. Respiramos!

— Bem — respondeu enfadado o secretário —, acredito. — Tinha um rosto inteligente, que mal conseguia esconder o tédio, mas escutou os dois monólogos com admirável paciência e boa educação, tão ao contrário da tradicional impaciência e insolência com que esses discursos costumam ser acolhidos na América.

— Nada de sobrenatural — prosseguia Alboin —, apenas o prodigioso fato natural atrás de todas as fantasias sobrenaturais. Para que os judeus querem um Deus senão para que Ele instile nas narinas dos homens o sopro da vida? Lá em Oklahoma, somos nós que respiramos com o nosso próprio nariz. Qual é o significado da palavra “Espírito”? Apenas o termo grego que quer dizer exercícios respiratórios. A vida, o progresso, a profecia, tudo é respiração.

— Há quem diga que é tudo vento — observou Vandam —, mas folgo em saber que o senhor se libertou desse fardo incômodo da divindade.

O rosto expressivo do secretário, pálido sob a cabeleira ruiva, revelou por momentos um estranho sentimento de amargura e disse:

— Não folgo em saber disso. O que tenho é uma certeza. Vocês, pelo visto, gostam de ser ateus; por isso só acreditam no que querem acreditar. Mas quem me dera que existisse um Deus! Só que ele não existe, que pouca sorte a minha!

Nesse momento, sem que se ouvisse qualquer som ou sussurro, todo o grupo reunido em frente à porta de Mr. Warren Wynd percebeu, com um calafrio, que já não eram três, mas quatro pessoas no grupo. Há quanto tempo se achava ali aquela quarta figura, nenhum deles saberia dizer, mas dava a impressão de que ela esperava respeitosa e até timidamente a oportunidade de dizer algo. Contudo, dada a sensibilidade nervosa dos outros três, era como se tivesse brotado de repente, como um cogumelo. De fato, havia nela uma certa semelhança com um enorme cogumelo negro, um homenzinho baixo e atarracado, quase totalmente escondido por um enorme chapéu preto de eclesiástico. A semelhança seria mais completa se os cogumelos costumassem carregar um guarda-chuva velho e deformado.

Fenner, o secretário, sentiu-se duplamente surpreso ao verificar que era figura de um padre. Mas quando o padre virou para ele seu rosto redondo sob o chapéu igualmente redondo e perguntou ingenuamente por Mr.

Warren Wynd, respondeu com a costumeira negativa, um pouco mais seca que de costume.

— Quero ver Mr. Wynd — explicou o padre. — Pode parecer estranho, mas é isso mesmo que eu pretendo. Não quero falar com ele, só vê-lo. Só quero saber se ele está aqui e se pode ser visto.

— Pois bem, posso lhe dizer que ele está aqui, mas não pode ser visto — disse Fenner, cada vez mais aborrecido. — O que quer dizer com isso, de pretender saber se ele pode ser visto? Claro que ele está aqui. Nós o deixamos há cinco minutos e ficamos o tempo todo diante desta porta.

— Quero saber se ele está bem — tornou o padre.

— Por quê? — interrogou o secretário, já furioso.

— Porque tenho para isso um motivo muito sério, direi mesmo solene — explicou gravemente o padre. — Acho que posso pedir o favor de me deixarem espreitar pela greta da porta antes de eu contar toda a história.

Calou-se um momento, como que refletindo, e depois prosseguiu, sem se dar conta dos rostos admirados que o rodeavam:

— Vinha caminhando em frente às arcadas quando avistei um homem andrajoso que dobrou a esquina correndo, lá no fundo. Quando passou por mim vi que era um sujeito esquelético, uma cara que não me era estranha. Era o rosto de um desgraçado irlandês que eu tinha ajudado em tempos; não vou dizer como se chama. Deteve-se ao me ver, chamou meu nome e disse: “Santo Deus! É o padre Brown! Só o senhor é que conseguiria hoje me assustar!” Percebi logo que ele acabava de fazer alguma asneira, mas acho que não foi grande o susto que lhe preguei, pois não tardou que me dissesse do que se tratava. E foi uma história muito estranha a que me contou. Perguntou se eu conhecia Warren Wynd. Disse-lhe que não, só sabia que ele morava no alto deste prédio. Ele então declarou: “Esse sujeito se julga um deus, mas se ele soubesse o que eu vou dizer poderia se enforcar.” E repetia histericamente: “Sim, senhor, poderia se enforcar!” Perguntei se ele tinha feito algum mal a Wynd e a resposta foi: “Arranjei uma pistola, mas não a carreguei nem com bala nem com chumbo, mas com uma maldição.” Pelo que consegui tirar dele, o sujeito tinha se limitado a descer a viela entre o prédio e o armazém, com a pistola carregada de pólvora seca. Aí deu um tiro na parede, como se isso bastasse para fazer ruir o edifício. “Mas ao fazer isso”, explicou ele, “roguei-lhe uma praga terrível, que a justiça de Deus o agarre pelos cabelos e a maldição do inferno pelos calcanhares, para que seja feito em pedaços com um Judas e nunca mais ninguém saiba dele!”

Bem, não interessa o que eu disse àquele infeliz para apaziguá-lo, ele foi embora um pouco mais calmo e eu dei a volta pelo prédio para ver o estava acontecendo. De fato, na estreita passagem junto à parede encontrei uma velha pistola toda enferrujada. Entendo o bastante de pistolas para verificar que havia sido carregada só com um pouco de pólvora. Havia sinais escuros de pólvora e fumaça na parede e até a marca do cano, mas nenhum vestígio de bala. Ele não deixou sinal algum de destruição a não ser as manchas escuras e a praga que rogara em face dos céus. Então vim saber de Mr. Warren Wynd e me certificar de que ele está bem.

O secretário Fenner desatou a rir:

— Posso resolver já seu problema e assegurar que ele está bem. Nós o deixamos em sua mesa, escrevendo, poucos minutos atrás. Está sozinho em seu apartamento, que fica trezentos metros acima da rua, e ele está num local que nunca poderia ser atingido por nenhum tiro, ainda que seu amigo não tivesse disparado com pólvora seca. Este prédio não tem outra entrada além desta porta e nós não arredamos o pé daqui.

— Seja como for — tornou o padre —, gostaria de ver com meus olhos.

— Isso não é possível — disse o secretário. — Com os diabos, não me diga que acredita em pragas!

— Você esquece — interveio o milionário com um certo ar de desprezo — que o negócio do reverendo consiste em benzeduras e pragas. Ora vamos, cavalheiro, se o homem foi vítima de uma maldição, porque não o abençoa para retirá-la? Qual a utilidade de suas benzeduras se não conseguem anular a praga de um irlandês desordeiro?

— Mas ainda há quem acredita em semelhantes coisas? — interrogou Westerner.

— Pelo visto, padre Brown acredita em muitas delas — interveio Vandam, que começara a ficar irritado com a dispensa e agora se aborrecia com a conversa que se arrastava. — Padre Brown acredita que um eremita atravessou um rio montado num crocodilo que ele fez aparecer ali, por encanto, e ordenou que morresse, ao que o bicho obedeceu prontamente. Padre Brown acredita que um santo qualquer depois de morto se dividiu em três cadáveres que foram distribuídos por três paróquias, como se cada uma delas fosse a terra natal do santo. Padre Brown acredita que um sujeito pendurou seu manto num raio de sol e que outro fez dele um barco para atravessar o Atlântico. Padre Brown acredita que o jumento sagrado tinha seis patas e que a Casa do Loreto foi levada pelos ares. Ele acredita que

cem virgens de pedra choram e pestanejam noite e dia. Para ele não tem nada de estranho um homem passar pelo buraco da fechadura ou desaparecer num quarto fechado. Pelo que julgo, ele não faz grande caso das leis da natureza.

— Seja como for, *eu* tenho que fazer caso das leis de Warren Wynd — declarou o secretário, mal humorado —, e ele exige que o deixem sossegado quando o ordena. Wilson pode confirmar o que digo. — Nesse momento, o gigantesco contínuo que o patrão enviara para buscar o relatório atravessava calmamente o corredor com a pasta na mão e entrava na antecâmara. — Ele vai ficar sentado no banco girando os polegares até que o chamem, mas antes disso não entra. Nem eu. Ambos sabemos perfeitamente quais são nossas obrigações e seriam necessários muitos anjos e santos do padre Brown para que as esquecêssemos.

— Quanto aos anjos e aos santos... — ia começando o padre Brown.

— Isso é tudo um disparate — repetiu Fenner. — Não quero ser desagradável, mas essas besteiras são mais apropriadas para as catacumbas, claustros e outros lugares estranhos. Fantasmas não atravessam portas fechadas de hotéis americanos.

— No entanto, homens podem abrir uma porta mesmo num hotel americano — replicou pacientemente padre Brown. — E me parece que seria mais simples abri-la agora.

— Seria tão simples que até me faria perder o emprego — disse o secretário. — E Warren Wynd não gosta que seus secretários sejam assim tão simples a ponto de acreditarem nas balelas em que o senhor parece acreditar.

— Bem — respondeu gravemente o padre —, é certo que acredito em muitas coisas que o senhor provavelmente não admite. Mas seria longo demais explicar todas essas coisas e as razões pelas quais acredito nelas. Mas bastariam dois segundos para abrir aquela porta e provar que estou errado.

Qualquer coisa nesta frase teve o condão de agradar ao temperamento vivo e irrequieto do homem do Oeste.

— Confesso que daria dinheiro para provar que o senhor está errado! — exclamou Alboin, caminhando rapidamente para a porta. — E é isso que vou fazer.

Escancarou a porta da sala e olhou para dentro. Na primeira impressão viu-se logo que a cadeira de Warren Wynd estava vazia. E uma segunda

inspeção revelou que a sala toda estava deserta. Por sua vez, muito excitado, Fenner irrompeu sala adentro, dizendo secamente:

— Deve estar no quarto, sem dúvida.

Enquanto ele desaparecia no outro compartimento, os três homens ficaram olhando em volta. A severidade e a simplicidade do mobiliário, que já haviam notado antes, impressionou-os agora como um desafio. Sem dúvida que naquele quarto não era possível esconder-se um rato, quanto mais um homem. Não havia cortinas, o que é raro numa decoração americana, e nem sequer um armário. A própria escrivaninha era apenas uma mesa com uma gaveta pouco profunda e um tampo inclinado. As cadeiras eram de assento duro e costas retas. O secretário voltou logo. Em seus olhos lia-se uma negativa cheia de espanto e sua boca se movia como que maquinalmente, perguntando:

— Não o viram sair por aqui?



De certo modo os outros não viram necessidade de responder a esta pergunta negativa. Seu espírito encontrara pela frente algo semelhante à parede nua do armazém que avistavam pela janela do outro lado da rua e que ia passando lentamente do branco ao cinza, à medida que o crepúsculo descia com a tarde. Vandam dirigiu-se ao peitoril, no qual estivera encostado meia hora antes, e olhou para fora. Não havia canos nem escadas de incêndio, nem cornija nem apoio de espécie alguma na distância que o separava da rua, tampouco no espaço que subia muitos andares acima. Do outro lado, ainda menos, só a parede branca e lisa. Vandam olhou para baixo como se esperasse ver o filantropo caído por terra, vítima de um impulso suicida. Nada conseguiu distinguir, além de uma pequena mancha escura; devia ser a pistola que o padre afirmava ter visto no chão. Fenner foi à outra janela, situada na mesma altura inacessível, mas que dava para um pequeno jardim, e não para uma rua lateral. Aí, um pequeno bosque interceptava a vista do chão, mas não subiam a grande altura junto ao enorme edifício. Os voltaram a se enfrentar na penumbra da sala, onde o brilho dos últimos raios do dia se tornavam cinzentos no tampo polido das

mesas. Como se o crepúsculo o irritasse, Fenner ligou o interruptor e a luz elétrica revelou de súbito todo o cenário.

— Como acaba de ver — declarou Vandam lugubrememente —, nenhum tiro vindo lá de baixo poderia atingi-lo, mesmo que a pistola estivesse carregada. E mesmo nesse caso nenhuma bala seria capaz de fazê-lo desaparecer como uma bolha de sabão.

Mais pálido que nunca, o secretário fitou o rosto do milionário: — Mas por que evoca essas hipóteses trágicas? Quem fala aqui em balas ou bolhas de sabão? Por que ele não estaria vivo?

— Sim, por que não? — disse suavemente Vandam. — Se você me disser onde ele está, talvez eu possa lhe dizer como ele foi parar lá.

Depois de uma pausa, o secretário murmurou tristemente: — Acho que tem razão. Estamos precisamente diante do que falávamos há pouco. Seria muito estranho se acabássemos acreditando que havia algum fundo de verdade nas maldições. Mas quem poderia fazer mal a Wynd, estando ele fechado aqui dentro?

Mr. Alboin, de Oklahoma, estivera parado no meio da sala, de pernas afastadas, os olhos esbugalhados de espanto sob sua aura de cabelos brancos. Nesta altura, murmurou em tom abstrato, como um *enfant terrible* que diz uma coisa fora de propósito:

— O senhor não o aturava, não é?

O rosto comprido de Vandam pareceu ainda mais longo e sinistro quando respondeu, sorrindo, em voz baixa:

— Se formos falar de coincidências, foi o senhor, creio, quem afirmou que um vento do oeste derrubaria todos os grandes homens como flores de cardo...

— Sei que o disse — concordou ingenuamente o outro —, mas de fato, como isso poderia acontecer?

O silêncio foi quebrado por Fenner, com uma impetuosidade que tocava as raías da violência:

— Neste caso, só há uma coisa que podemos afirmar. Não aconteceu. Não podia ter acontecido!

— Oh, sim — interveio padre Brown lá do seu canto. — Não há dúvida de que aconteceu.

Todos estremeceram. Tinham esquecido o homenzinho insignificante que os convencera a abrir a porta. E essa descoberta os levou a mudar subitamente de atitude: lembraram-se de tê-lo rejeitado como um maluco

supersticioso porque sugeriu a possibilidade do que acabava de acontecer diante de seus olhos.

— Raios! — exclamou o impetuoso Alboin, como se falasse sem pensar. — Afinal o que ele disse aconteceu!

— Devo confessar — murmurou Fenner de testa franzida — que as suspeitas do reverendo tinham fundamento. Só queria saber se ele tem alguma coisa a dizer sobre isso.

— Talvez saiba dizer que diabos podemos fazer agora! — disse Vandam em tom sardônico.

O padre pareceu aceitar a situação com ar modesto e natural.

— A única coisa que poderia sugerir — disse — é que informem as autoridades em primeiro lugar e depois procurem encontrar a pista do homem que largou a pistola. Ele desapareceu ao fundo das arcadas, onde fica o jardim. Ali há bancos e é um lugar muito frequentado pelos vagabundos.

Contatos diretos com a direção do hotel, que levaram a outros contatos com as autoridades policiais, ocuparam um tempo considerável, por isso era quase noite quando todos saíram para o semicírculo das arcadas, cuja forma de crescente se assemelhava à fria lua que acabava de surgir, luminosa e espectral, por cima das árvores. A noite disfarça em grande parte a paisagem citadina e, assim, ao penetrarem nas sombras do arvoredor, os homens tinham a impressão de estarem num lugar muito distante. Depois de caminharem alguns momentos em silêncio, Alboin, que era em certa medida um homem primitivo, explodiu:

— Desisto. Dou o braço a torcer. Nunca pensei chegar a esta situação. Mas o que fazer quando as coisas se metem pelos olhos adentro? Peço desculpas, padre Brown. Tenho que ceder a suas histórias de milagres. Mr. Vandam disse que era ateu e que só acreditava no que via. Pois bem: o que viu? Ou antes, o que não viu?

— Entendo... — confessou Vandam, sorumbático.

— Em parte, a culpa é do luar e das árvores, que nos tornam nervosos — teimou Fenner. — As árvores parecem sempre esquisitas à noite, com seus galhos retorcidos. Olhem só para aquela...

— Sim — concordou padre Brown, parando para olhar a lua entre as árvores. — Pensei que fosse só um galho quebrado...



Desta vez, o tom de sua voz causou um arrepio nos outros. Algo semelhante a um galho quebrado pendia daquela árvore que se recortava negra à luz da lua; só que não era um galho quebrado. Quando se aproximaram e viram o que era, foi Fenner quem deu um salto para trás, ao mesmo tempo em que proferia uma praga sonora. Depois correu para soltar a coroa que pendia do pescoço daquele corpo franzino, de cabelos grisalhos, balançando. Antes de retirá-lo da árvore, já sabia que estava morto. Uma longa corda se enrolava nos galhos da árvore, em contraste com o pedaço do qual pendia o pescoço da vítima. Uma tina estava caída ali perto, à guisa de banco, que os enforcados afastam com os pés.

— Oh, Santo Deus! — exclamou Alboin num tom que tanto podia ser uma invocação como uma praga. — O que o tal homem disse? Que se ele soubesse, podia até se enforcar? Não foi isso, padre Brown?

Fenner escondera o rosto nas mãos e o padre segurou suavemente seu braço, inquirindo:

— Era muito amigo dele?

O secretário deixou cair os braços e seu rosto estava lívido.

— Eu o odiava — confessou. — Se ele morreu vítima de uma praga, talvez fosse uma das que eu tanto lhe roguei...

O padre apertou mais o braço do rapaz e afirmou com uma convicção que não usara até ali:

— Pode ficar tranquilo. Não foi sua praga que o matou!



A polícia teve muita dificuldade para lidar com as quatro testemunhas do caso. Todas eram idôneas e até mesmo dignas de confiança no senso comum do termo, sendo uma delas personagem importante e poderosa: Silas Vandam, da Sociedade de Petróleos. O primeiro oficial de polícia que

tentou manifestar seu ceticismo com a história que contava, provocou a ira do magnata:

— Não me fale em querer apenas fatos — declarou com aspereza o milionário. — Antes de você nascer já eu já tinha visto e apreciado muita coisa. Estou contando os fatos como aconteceram e espero que tenha o bom senso de aceitá-los corretamente.

O policial em questão, ainda novato, ficou com a vaga impressão de que o milionário era importante demais para ser tratado como um cidadão comum; por isso, tratou de enviá-lo, e aos companheiros, para um colega menos impressionável, o inspetor Collins, homem grisalho, de fala mansa e cordial, mas que mostrava não estar disposto a ouvir disparates.

— Ora, ora — declarou, fitando com os olhos piscantes os três homens que tinha na sua frente. — Essa é uma história muito esquisita...

Padre Brown já tinha ido embora tratar da vida. Vandam, porém, suspendera seus negócios por algumas horas, a fim de dar o testemunho de sua notável experiência. O trabalho de Fenner cessara até certo ponto com a morte do patrão. Quanto ao grande Art Alboin, não tinha negócios em Nova York, como de resto em parte alguma, a não ser divulgar o *Sopro da Vida* ou do *Grande Espírito*, então nada o afastaria do caso. Ficaram todos em fila na sala do inspetor, prontos a confirmar seu testemunho.

— Para começar — declarou o inspetor vivamente —, acho melhor preveni-los de que não adianta virem aqui com histórias de milagres. Sou policial e um homem prático, e essas coisas são boas para padres. Esse padre seu amigo deve tê-los confundido com histórias de maldições e pragas, mas vou mantê-lo fora do assunto. Se Wynd não estava na sala, alguém o tirou de lá. E se o encontraram pendurado numa árvore é porque alguém o pendurou.

— É evidente — respondeu Fenner. — Mas se podemos testemunhar que ninguém o tirou dali, a questão é saber *como* puderam enforcá-lo.

— Isso é tão evidente como ele ter um nariz no meio da cara — disse o polícia. — Ele tinha um nariz no meio da cara e um nó de coroa em volta do pescoço. Estes são os fatos. E, como já disse, sou um homem prático e sigo os fatos. A coisa não aconteceu por milagre, teve que ser feita por um homem.

Alboin mantinha-se na retaguarda. De fato, sua figura maciça parecia constituir o pano de fundo daquelas silhuetas mais frágeis que tinha na frente. Sua cabeça branca estava curvada num certo jeito de abstração, mas

ao ouvir a última frase do inspetor ergueu o rosto e sacudiu a cabeleira como se acabasse de acordar, ainda meio tonto. Avançou para o meio do grupo e todos tiveram a impressão de que ele parecia maior do que nunca. Tinham sido idiotas em o considerá-lo bobo ou charlatão; e ele não estava de todo errado ao afirmar que tinha um grande fôlego de vida, como que a força do vento, capaz, em certas horas, de arrastar tudo consigo.

— Com que então é um homem prático, Mr. Collins — começou ele numa voz suave mas ao mesmo tempo carregada de sentido. — Deve ser a segunda ou a terceira vez que menciona isso nesta breve conversa, portanto, não nos deixa lugar para dúvida. Trata-se de um dado muito interessante para quem estiver encarregado de escrever sua biografia, com a ajuda de cartas, conversas particulares, um retrato aos cinco anos, uma velha chapa da sua avó e postais ilustrados com a paisagem de sua terra natal, e estou certo de que seu biógrafo não esqueceria também o fato de tem nariz chato, com uma verruga na ponta, e tão gordo que mal pode andar. E, como é um homem prático, talvez consiga praticar tanto que acabe por trazer Warren Wynd de novo à vida e descobrir como um homem prático é capaz de passar através de portas fechadas. Só que eu acho que está a ver tudo ao contrário. Não é um homem prático. É praticamente uma anedota. É isso que o senhor é! O Todo Poderoso estava zombando de nós quando o inventou.

E com um profundo sentido do drama, encaminhou-se para a porta em seu ar imponente, antes que o inspetor, aturdido, conseguisse replicar. Depois daquilo, nenhuma recriminação poderia roubar aquele momento de triunfo.

— Acho que tem toda razão no que disse — declarou Fenner. — Se é isso que os homens práticos são, prefiro os padres.



Quando as autoridades perceberam quem eram as testemunhas e suas implicações no caso, procuraram outra versão dos acontecimentos. Nessa altura, a coisa já tinha saído na imprensa da forma mais sensacionalista e com os detalhes mais indiscretos: entrevistas com Vandam sobre sua extraordinária aventura e artigos sobre o padre Brown e suas instituições

místicas logo convenceram os que têm por missão moldar a opinião pública e tentavam conduzi-la para caminhos mais sensatos. Da segunda vez, procuraram interrogar aquelas incômodas testemunhas de uma maneira mais prudente e indireta. Informaram-nas, de modo aparentemente casual, que um tal professor Vair se interessava por experiências estranhas daquele tipo e mostrara curiosidade especial pelo espantoso caso. O professor Vair era um psicólogo de grande fama, conhecido por seu dedicado interesse pela criminologia. Só mais tarde as testemunhas descobriram que ele colaborava, em certa medida, com a polícia.

O professor Vair era um cavalheiro muito cortês, discretamente vestido de terno cinza e gravata elegante. Tinha barba loura e pontiaguda. Quem não estivesse familiarizado com aquele tipo de pessoa pensaria mais num pintor. Sua atitude não só era cortês, mas até mesmo franca.

— Sim, sim, compreendo — dizia ele, sorrindo. — Imagino o que vocês passaram. A polícia não é brilhante quando se trata de inquéritos de natureza psíquica, não é verdade? Claro que nosso bom Collins dizia que só queria saber de fatos. Que erro mais absurdo! Num caso dessa espécie, nunca queremos apenas fatos. Torna-se até mais essencial sabermos das fantasias.

— Quer dizer com isso — perguntou Vandam muito sério — que o que chamamos de fatos não passam de fantasias?

— De modo algum — disse o professor. — Só quis afirmar que policiais são estúpidos quando, nessas coisas, põem à parte o elemento psicológico. Porque, sem dúvida, o elemento psicológico tem papel primordial em tudo, só que apenas começa agora a ser entendido. Para começar, vejamos o elemento que chamamos de personalidade. Já tinha ouvido falar desse sujeito, o padre Brown. É um dos homens mais notáveis do nosso tempo. Homens como ele criam uma atmosfera muito especial em volta, e ninguém consegue saber até que ponto nossos nervos e nossos sentidos podem ser afetados. As pessoas ficam hipnotizadas... sim, senhor, hipnotizadas, porque a hipnose, como tudo, tem graus: faz de certo modo parte das nossas conversas diárias. Nem sempre é produzida por um sujeito de casaca em cima de um palco. A religião do padre Brown sempre foi ligada à psicologia dos ambientes e sabe como apelar para tudo na hora certa. Aproveita até, por exemplo, o sentido do olfato. Compreende os efeitos produzidos pela música nos animais e nos seres humanos. Pode mesmo...

— Ora bolas! — protestou Fenner. — Não está achando que o padre andava pelos corredores com um órgão nas costas...

— Nem precisava — respondeu, rindo, o professor. — Ele sabe como concentrar a essência de todos esses sons em imagens espirituais, até os cheiros, em toda uma arte ou escola de maneiras. Ele consegue concentrar nossas mentes no sobrenatural, apenas graças a sua presença, de modo que as coisas naturais nos escapam, não vemos o que fica à direita ou à esquerda. Agora compreendem — prosseguiu ele retomando os assuntos práticos — por que quanto mais estudamos essa matéria mais estranhos nos parecem todos os testemunhos humanos. Não se encontra uma criatura em vinte capaz de observar as coisas como elas são. E não existe uma em cem capaz de observar com precisão e depois descrever exatamente o que viu. Repetidas experiências científicas revelam que certas pessoas em estado de tensão imaginaram que uma porta estava aberta quando de fato estava fechada. E vice-versa. O testemunho de outras não coincidia quanto ao número de portas ou de janelas existentes numa parede que tinham diante dos olhos. Sofriam de ilusões de ótica em pleno dia. Isso tem acontecido mesmo sem o efeito hipnótico da personalidade, mas nós aqui temos uma personalidade muito forte e persuasiva, empenhada em fixar uma imagem apenas nas mentes: a imagem de um rebelde irlandês ameaçando o céu com uma pistola e dando aquele tiro falso, cujo eco representava o trovão celeste.

— Professor — exclamou Fenner —, posso jurar por tudo que aquela porta nunca se abriu!

— Experiências mais recentes — prosseguiu muito calmo o professor — sugerem que o nosso estado consciente não é contínuo, mas antes uma sucessão de impressões rápidas, como no cinema. É possível que alguém ou alguma coisa possa escapar, por assim dizer, entre essas cenas. A consciência só age quando o pano está baixado. É possível que o palavreado desses mágicos e toda a sua habilidade de manipulação dependa do que podemos chamar de pontos escuros de cegueira entre os lampejos de visão. Ora, esse padre, pregador de ideias transcendentais, transmitiu-lhes uma fantasia ou imagem transcendente: a imagem do celta, qual Titã, abalando a torre com sua maldição. Provavelmente, acompanhou isso com um gesto leve, mas persuasivo, dirigindo seus olhos e suas mentes para o atacante desconhecido lá embaixo. Ou talvez tenha acontecido alguma outra coisa, ou alguém passando que os distraísse...

— Foi Wilson, o criado — resmungou Alboin. — Atravessou o corredor para sentar no banco, esperando, mas acho que não reparamos muito nele.

— Nunca se sabe — replicou Vair. — Pode ter sido isso, ou seu olhar que seguiu um gesto do padre enquanto ele contava sua história da carochinha. Foi durante um desses intervalos de escuridão que Warren Wynd escapou para ir ao encontro da morte. É esta a explicação mais provável. E vem ilustrar a nova descoberta. Nossa mente não segue uma linha contínua, mas uma linha pontiaguda.

— Cheia de pontos! O senhor é que me saiu um bom ponto! — exclamou Fenner.

— Você imagina — inquiriu Vair — que seu patrão ficou fechado na sala como se fosse dentro de uma caixa?

— Prefiro isso a me imaginar numa cela acolchoada. — respondeu Fenner. — É isso que eu censuro na sua sugestão, professor. Prefiro considerar um padre que acredita em milagres a duvidar de que um homem possa estar seguro de um fato. O padre afirma que qualquer um pode apelar a um deus que eu desconheço para que o defenda, segundo leis que para mim são igualmente desconhecidas. Nada tenho a dizer senão que nada sei disso. Mas se ao menos o pedido e a pistola do pobre Paddy puderam ser ouvidos lá nesse mundo superior, esse mundo pode agir de uma forma que a nós nos parece estranho. Mas o senhor quer de mim é que não acredite nos fatos deste mundo, que presenciei com meus cinco sentidos. Na sua opinião, era possível que passasse por nós um cortejo de irlandeses armados de arcabuzes enquanto estávamos conversando, desde que tivessem o cuidado de caminhar pelos tais pontos negros das nossas mentes. Aqueles outros milagres ridículos, como fazer surgir do nada um crocodilo, ou pendurar o manto num raio de sol, parecem fatos comuns comparados a suas teorias.

— Muito bem — replicou o professor secamente —, se você está decidido a acreditar no tal padre e no seu miraculoso irlandês, nada mais me resta a dizer. Imagino que nunca teve oportunidade de estudar psicologia...

— Não — respondeu Fenner com azedume —, mas tive ocasião de estudar alguns psicólogos.

Com um cumprimento cerimonioso, levou o grupo para fora da sala e só falou quando chegou à rua. Então, explodiu:

— Cambada de malucos! — exclamou com fúria. — O que seria de nós se ninguém mais conseguisse saber se de fato tinha visto ou não alguma coisa? Só queria arrebentar aquela cabeça oca com um tiro de pólvora seca e depois me desculpar dizendo que fiz aquilo num dos espaços negros. O milagre do padre Brown pode ou não ser verdade, mas o certo é que ele disse que aquilo ia acontecer, e aconteceu mesmo. Escutem, acho que temos obrigação com o padre de confirmar a demonstração dele. Somos todos mentalmente sãos, homens positivos que nunca acreditaram em nada dessas coisas. Não estávamos bêbados. Não somos devotos. Simplesmente confirmamos que aconteceu como ele havia previsto.

— Concordo plenamente — declarou o milionário. — Isso pode vir a ser o início de coisas muito importantes no campo espiritual. De qualquer modo, o homem que se situa nesse campo, o próprio padre Brown, deve ter arriscado muito neste caso.



Poucos dias depois, padre Brown recebeu um cartão muito amável, assinado por Silas T. Vandam, pedindo para comparecer a uma certa hora no apartamento que tinha sido o teatro do desaparecimento de Wynd, no intuito de serem tomadas medidas para a confirmação de tão extraordinária ocorrência. A dita ocorrência começara já a fazer sensação nos jornais e a ser aproveitada pelos entusiastas do ocultismo. Ao passar pelas arcadas de Moon Crescent, em direção aos degraus que conduziam ao elevador, o padre Brown teve ensejo de ver os cartazes que anunciavam em letras berrantes: “DESAPARECE UM SUICIDA”, e ainda: *A maldição que enforcou o filantropo*. Foi encontrar o mesmo grupo que lá deixara: Vandam, Alboin e o secretário. Agora, porém, havia uma atitude de respeito e até de reverência no tom com que se dirigiam a ele. Ficaram em pé, junto à mesa de Wynd, sobre a qual se via uma grande folha de papel e uma caneta.

— Padre Brown — começou o porta-voz do grupo, ou seja, o ancião do Oeste, muito compenetrado de sua responsabilidade. — Pedimos para vir aqui, em primeiro lugar, para lhe apresentar nossas desculpas e nossos agradecimentos. Reconhecemos que foi o senhor quem, logo de início, detectou a natureza espiritual deste caso. Éramos todos céticos inveterados;

mas descobrimos agora que o homem deve quebrar a carapaça da descrença para atingir o que há de importante além deste mundo. O senhor representa essas coisas importantes, representa a sua explicação sobrenatural. Temos de aceitar isso. Em segundo lugar, sentimos que este documento ficaria incompleto sem sua assinatura. Estamos relatando os fatos exatos para fornecê-los à Associação de Investigações Psicológicas, pois verificamos que esses fatos relatados pelos jornais não primam pela exatidão. Descrevemos como a maldição foi proferida na rua; contamos que o homem estava aqui encerrado neste quarto como que dentro de uma caixa; que a maldição o fez evaporar no ar, para fazê-lo reaparecer depois enforcado num galho. Isso é tudo o que podemos afirmar sobre o assunto, e sabemos porque vimos com nossos próprios olhos. E como o senhor foi o primeiro a acreditar no milagre, entendemos que deve ser o primeiro a assinar.

— Oh, não — disse o padre Brown muito atrapalhado. — Não creio que me agrade fazer isso.

— Diz que não quer ser o primeiro a assinar?

— Digo que não assino coisa nenhuma — respondeu modestamente o padre Brown. — Os senhores compreendem, não é próprio de uma pessoa da minha condição brincar com os milagres.

— Mas o senhor disse que era um milagre! — exclamou Alboin, espantado.

— Desculpe — disse o padre Brown —, deve haver aqui algum equívoco. Eu nunca disse que era um milagre. Tudo o que eu disse é que aquilo podia vir a acontecer. Vocês é que afirmaram que só poderia acontecer por milagre. Mas aconteceu. Então, vocês decretaram que era um milagre. Mas eu nunca pronunciei a palavra “milagre” nem falei em magias ou coisas semelhantes.

— Mas eu achava que o senhor acreditava em milagres — interrompeu o secretário.

— Sim — declarou o padre Brown —, acredito em milagres. Acredito que há tigres que comem homens, mas eles não andam por aí. Se quero falar de milagres sei bem onde posso ir buscá-los.

— Não compreendo sua atitude, padre Brown — disse vivamente Vandam. — Sua atitude parece estúpida e o senhor não me parece ter nada de estúpido, embora seja padre. Então não vê que um milagre como este pode jogar por terra todos os pontos de vista materialistas? Vai revelar a todo mundo, em letras garrafais, que o poder do espírito é capaz de agir, e

age mesmo. O senhor vai servir a religião como nenhum padre até hoje, estou certo.

O padre endireitou o corpo e, apesar da figura atarracada, dava a impressão de estar revestido de uma dignidade involuntária e inconsciente:

— Então, acho que os senhores não pretendem que eu sirva a religião através do que eu considero uma mentira. Não sei ao certo o que entendem por essa palavra, mas, para ser sincero, acho que não a entendem mesmo. A mentira pode servir a religião, mas estou certo de que não serve a Deus. E uma vez que insistem tanto em saber quais as coisas em que eu creio, acho melhor explicar.

— Não estou entendendo nada — murmurou o milionário, intrigado.

— Vocês dizem que este caso ocorreu por forças espirituais? Não imaginam, certamente, que os anjos do céu pegaram o homem e foram pendurá-lo numa árvore... E, quanto aos outros, os anjos maus, também não foram eles. Os homens que fizeram isso cometeram uma maldade, mas nada mais que isso; não eram suficientemente malvados para usar poderes espirituais. Para mal dos meus pecados, sei algumas coisas sobre satanismo, fui obrigado a estudar isso. Sei no que consiste, no que consiste quase sempre. O demônio é orgulhoso e malvado. Quer se mostrar superior, gosta de aterrorizar inocentes com coisas que eles mal podem entender e pregam sustos nas crianças. É por isso que essa gente gosta tanto de mistérios, iniciações, sociedades secretas e que tais. Têm os olhos voltados para dentro, e, por muito graves e sérios que pareçam, ocultam sempre um sorriso manhoso. — O padre estremeceu, como se recebesse uma corrente de ar. — Não se preocupem com eles, nada têm a ver com este caso, podem crer. Imaginam, por acaso, que aquele pobre diabo do irlandês que vinha correndo rua abaixo e desfiou metade da história quando me reconheceu, mas se pôs a fugir depois, com medo de contar o resto... acham que Satanás poderia confiar algum segredo a ele? Admito que ele devia fazer parte da conspiração, com dois companheiros piores que ele; mas o certo é que estava possesso de uma fúria louca quando descia a rua, ao mesmo tempo em que proferia a maldição e disparava a pistola.

— Mas o que significa tudo isso? — inquiriu Vandam. — Um tiro de pólvora seca e uma maldição que não vale nada são coisas que nunca poderiam ter produzido o resultado que se viu, a não ser por milagre. Nada disso podia ter feito desaparecer Wynd como que por encanto. Nem reaparecer dali a pouco com uma corda enrolada no pescoço.

— Isso não — respondeu prontamente o padre. — Mas qual o resultado que podia provocar?

— Continuo sem entender — disse com ar grave o milionário.

— Repito, que resultado isso produziria? — insistiu o padre, mostrando pela primeira vez uma animação que se aproximava do enfado. — Vocês continuam a afirmar que um tiro de pólvora seca de pistola não poderia causar isso ou aquilo, que se houvesse apenas isso não teria ocorrido o crime nem o milagre. Nunca lhes ocorreu perguntar o que pode ter acontecido. O que fariam se um desvairado desse um tiro de pistola embaixo da sua janela? Qual a primeira coisa que fariam?

Vandam se concentrou e respondeu:

— Acho que chegaria à janela para ver.

— Exatamente — aprovou o padre Brown —, chegaria à janela para ver. É esse o ponto importante da história. Uma história triste, mas que tem circunstâncias atenuantes.

— Mas que mal podia acontecer ao homem por chegar à janela? — quis saber Alboin. — Ele não caiu dela, pois teria sido encontrado no chão...

— Não — explicou o padre Brown em voz baixa. — Ele não caiu para baixo. Foi para cima...

Algo na voz dele soava como um gemido, um dobre de finados, mas logo prosseguiu em outro tom:

— Subiu, não voou. Não foi levado pelas asas de nenhum anjo, bom ou mau. Subiu pendurado numa corda, como vocês o viram lá embaixo, no jardim. Mal pôs a cabeça para fora da janela, seu pescoço foi apanhado por um laço. Estão vendo Wilson, aquele criado gigantesco, ao passo que Wynd era um peso-pena? Lembrem-se de que Wilson foi ao andar de cima buscar uma pasta que estava num depósito cheio de pacotes amarrados com cordas, com rolos de corda nos cantos? Alguém voltou a ver Wilson desde esse momento? Acho que não.

— Quer dizer que Wilson o pescou de sua própria janela, como se ele fosse uma truta na ponta da linha?

— Isso mesmo — respondeu o padre. — E depois o fez descer pela janela do outro lado, a que dá para o parque. Aí o outro cúmplice o pendurou numa árvore. Lembrem-se de que essa ruela estava sempre deserta e a parede em frente não tinha janelas... nem portas. E lembrem-se de que tudo aconteceu nos cinco minutos que se seguiram ao sinal dado

pelo tiro de pistola. Eram três sujeitos envolvidos na conspiração, claro. Só quero saber se adivinham quem são.

Todos fitavam a parede nua em frente à janela e ninguém respondeu.

— A propósito, não os censuro — prosseguiu padre Brown — por terem tirado conclusões de natureza sobrenatural em relação a este caso. A razão disso é, na verdade, muito simples. Todos vocês afirmaram que eram materialistas convictos, quando na verdade estavam prontos a acreditar em qualquer coisa. Hoje em dia, há milhares de pessoas como vocês, mas essa é uma posição muito incômoda. Não se descansa enquanto não se encontra algo em que acreditar. É por isso que Mr. Vandam esquadrinhou todas as religiões, Mr. Alboin cita as Sagradas Escrituras para apoiar sua seita de exercícios respiratórios e Mr. Fenner se queixa do próprio Deus que renega. É aí que vocês quebram... então é fácil acreditar no sobrenatural. Não é natural acreditar apenas em coisas naturais. Mas embora bastasse apenas um pequeno toque para aceitarem essas coisas como sobrenaturais, elas eram apenas pura e simplesmente naturais. E não só isso, eram quase sobrenaturalmente simples. Acho até que nunca houve uma história tão simples quanto esta.

Fenner riu, mas parecia intrigado:

— Há uma coisa que eu não entendo — disse. — Se o autor do crime foi Wilson, como Wind podia ter a seu serviço um homem dessa espécie e em um posto de tanta proximidade? Como pode acabar morto por um sujeito com quem convivia diariamente há tanto tempo? Ele tinha fama de ser um bom juiz da natureza humana.

Padre Brown bateu com o guarda-chuva no chão com uma autoridade que raramente revelava.

— Sim — disse impetuosamente —, por isso mesmo é que acabou morto. Foi precisamente por essa razão. Morreu por se arvorar em juiz dos homens.

Os outros olharam para ele com espanto, mas o padre prosseguiu como se eles não estivessem ali:

— Quem somos nós para julgar os outros? — perguntou. — Esses homens eram os mesmos três que um dia se apresentaram e foram rapidamente colocados aqui e ali, como se não existisse o manto da cortesia ou algum grau de intimidade, nenhum desejo de intimidade, mesmo. E vinte anos depois não conseguiram extinguir a indignação nascida naquele

incrível insulto no momento em que ele teve o atrevimento de pretender conhecê-los à primeira vista.

— Sim — murmurou o secretário —, compreendo... e compreendo também como o senhor consegue compreender todo tipo de coisas.

— Bem, diabos me levem se compreendo! — exclamou o impetuoso homem do Oeste, com ar agressivo. — Nosso Wilson e o seu irlandês, pelo visto, eram assassinos comuns que mataram seu benfeitor. No meu conceito de moral, seja ou não de natureza religiosa, não se admite um criminoso dessa espécie.

— Ele era um assassino da pior espécie, não há dúvida — declarou calmamente Fenner. — Não o estou defendendo, mas acho que o ofício do padre Brown é rezar por todos os homens, até mesmo por sujeitos como...

— Sim — confirmou o padre Brown —, meu ofício é rezar por todos, mesmo por homens como Warren Wynd.



V

A maldição da cruz de ouro

Havia seis pessoas sentadas em volta de uma pequena mesa redonda, todas diferentes e estranhas umas às outras, como se houvessem naufragado, uma de cada vez, na mesma ilha deserta. De fato, estavam rodeadas pelo mar, pois aquela pequena ilha ficava em outra ilha mais vasta, uma ilha flutuante, como a ilha de Laputa¹. Aquela pequena mesa era uma das muitas que enchiam o salão do enorme navio, o *Moravia*, que sulcava a noite e a imensidão deserta do Atlântico. Os componentes daquele pequeno grupo nada tinham em comum a não ser o fato de viajarem todos da América para a Inglaterra. Pelo menos dois deles podiam ser considerados célebres, os demais, personagens obscuras, e um ou outro caso até de natureza duvidosa.

O primeiro era o famoso professor Smaill, autoridade em certos estudos arqueológicos relativos ao último império bizantino. Suas palestras, proferidas numa universidade americana, eram matéria indiscutível até mesmo nos centros mais cultos da Europa. Seus textos literários estavam de tal modo embebidos de suave e imaginativa simpatia pelo passado europeu que, muitas vezes, quem o não conhecesse ficava admirado de ouvi-lo falar com sotaque americano. Tinha uma cabeleira loura e comprida, puxada para trás, mostrando a testa quadrada acima de feições vincadas e uma expressão que era um misto de preocupação e vivacidade latente, como a de um leão que prepara distraidamente o próximo salto.

No grupo havia apenas uma senhora e era, como costumavam dizer os jornalistas, uma anfitriã por excelência, uma vez que estava habituada a desempenhar esse papel, para não dizer o de imperatriz, em qualquer mesa que presidisse. Era *lady* Diana Wales, a célebre exploradora de regiões tropicais, e não só. Nada havia, contudo, de rude ou masculino em seu aspecto na hora do jantar. Era uma mulher bonita, em seu ar semitropical, uma vasta cabeleira ruiva, vestida no estilo que a imprensa apelidava de ousado. O rosto era inteligente e os olhos tinham aquele brilho peculiar das

mulheres que costumam fazer perguntas nas assembleias políticas. As outras quatro personagens pareciam à primeira vista meras sombras em face das presenças brilhantes das primeiras. Vistas de perto, no entanto, apresentavam diferenças. Uma delas era um rapaz registrado no livro de bordo sob o nome de Paul T. Tarrant. O americano que poderíamos chamar de antitipo. Todas as nações têm, provavelmente, um antitipo, uma espécie de exceção extrema, que só vem provar a regra nacional. Os americanos sentem tanto respeito pelo trabalho quanto os europeus pela guerra. Veem nele uma aura de heroísmo e consideram quem foge do trabalho um inferior. O antitipo torna-se notado por ser extremamente raro. É um *dandy*, ou janota, um esbanjador, muitas vezes representado como o vilão nos romances americanos. Paul Tarrant parecia não ter nada mais a fazer do que mudar de roupa, o que acontecia umas seis vezes por dia, variando as tonalidades cinzentas das roupas desde o mais pálido ao mais escuro, como as nuvens do crepúsculo. Ao contrário da maioria do compatriotas, usava barba curta bem cuidada e crespa. E, em oposição às personagens de seu tipo, mostrava-se mais macambúzio do que expansivo. Havia talvez algo de byroniano em seu silêncio e em sua melancolia.

Os dois outros viajantes pertenciam obviamente à mesma classe, pela simples razão de que eram ambos ingleses e professores, regressando de uma excursão aos Estados Unidos. Um deles, Leonard Smyth, poeta obscuro, gozava de certa importância como jornalista. Tinha a cabeça oblonga, os cabelos claros, vestia-se de maneira impecável e parecia capaz de cuidar de si mesmo. O outro formava com ele um contraste verdadeiramente ridículo, pois era baixo, forte, um bigode preto que lembrava o das focas, e tão taciturno quanto o companheiro era tagarela. Mas como havia sido acusado primeiro de roubar e depois acabara louvado por salvar uma princesa de um jaguar pertencente a um zoo ambulante, e tendo por isso figurado na imprensa com destaque, era natural que suas opiniões sobre Deus, progresso, a vida passada e o futuro das relações anglo-americanas se revelassem de um grande interesse para os habitantes de Minneapolis e Omaha. A sexta personagem, e a mais insignificante de todas, era o modesto padre inglês que atendia pelo nome de Brown. Escutava as conversas com atenção respeitosa e naquele momento começava a se dar conta de que tomavam um rumo curioso.

— Acho, professor — dizia Leonard Smyth —, que esses seus estudos bizantinos devem lançar uma certa luz sobre aquela história do túmulo

encontrado na costa sul, perto de Brighton, não é isso? Brighton fica bem longe de Bizâncio, claro. Mas eu li qualquer coisa sobre a maneira como o corpo havia sido enterrado, ou embalsamado, que levava a se supor que era um túmulo bizantino.

— Os estudos bizantinos abrangem uma área muito vasta — replicou secamente o professor. — Fala-se muito em especialistas, mas acho que a coisa mais difícil que há no mundo é adquirir uma especialização. Neste caso, por exemplo: como alguém pode saber seja o que for sobre Bizâncio, antes de saber tudo de Roma, que vem antes, e do Islã, que vem depois? Grande parte das artes árabes são antigas artes bizantinas. Quanto à álgebra...

— Mas eu não quero saber nada de álgebra! — exclamou a dama peremptoriamente. — Nunca quis nem quero. Mas estou altamente interessada em embalsamento. E estava com Gatton, entende, quando ele abriu os túmulos babilônicos. Desde então passei a considerar múmias e corpos embalsamados de um interesse apaixonante. Fale-nos deste caso.

— Gatton era um nome interessante — declarou o professor. — Aquela família era interessante. O irmão, que foi do Parlamento, foi mais que um político comum. Nunca entendi os fascistas senão depois de ouvir aquele discurso dele sobre a Itália.

— Bem, mas não vamos para a Itália nesta viagem — insistiu *lady* Diana —, e acho que o senhor vai direitinho para aquele lugarejo onde descobriram o túmulo. Fica no Sussex, não é isso?

— Sussex é muito vasto, como todos esses condados ingleses. Podemos dar muitas voltas, muito tempo por lá, e é um lugar muito vasto para uma pessoa vaguear. É espantoso como aqueles montes parecem grandes quando nos encontramos lá no alto...

Seguiu-se um silêncio inesperado, até que a senhora declarou:

— Oh, vou até a coberta. — Então se levantou e os homens a imitaram. Só o professor ficou para trás, assim como o padre, o último a sair da mesa, dobrando cuidadosamente o guardanapo. Quando ficaram a sós, o professor perguntou de súbito ao companheiro:

— O que acha dessa conversa? Qual seria a ideia deles?

— Bem — respondeu o padre sorrindo —, já que pergunta, diria que uma coisa me deu vontade de rir. Posso estar enganado, mas me pareceu que nossos companheiros fizeram três tentativas para levá-lo a falar de um corpo embalsamado que teria sido descoberto no Sussex e que o senhor, por

seu lado, preferiu falar primeiro de álgebra, depois dos fascistas e, por último, da paisagem dos Downs...

— Em resumo — replicou o professor —, achou que eu estava disposto a falar de tudo menos do tal assunto. E não se enganou.

Calou-se um momento, fixando a toalha da mesa. Depois se ergueu e falou com um ímpeto que fazia lembrar o salto do leão.

— Escute, padre Brown... eu o considero, talvez, o homem mais puro e mais sensato que já conheci até hoje.

O padre Brown era muito inglês, por isso ficava normalmente atrapalhado, sem saber o que fazer, quando lhe dirigiam assim um cumprimento cara a cara, à boa maneira americana. Limitou-se a responder com um murmúrio ininteligível e o professor prosseguiu no mesmo tom de sinceridade:

— Veja, até certo ponto a coisa é muito simples. Embaixo de uma pequena igreja, em Dulham, na costa do Sussex, foi descoberto um pequeno túmulo medieval, provavelmente de algum bispo. Por coincidência, o vigário de lá se interessa um pouco por arqueologia e já conseguiu descobrir coisas na área que eu ainda ignoro. Falou-se que o corpo foi embalsamado de uma maneira considerada exclusiva dos egípcios e dos gregos, mas que era desconhecida no Ocidente, sobretudo naquela data. Por isso, Mr. Walters, isto é, o vigário, pensou, naturalmente, que houvesse ali influências bizantinas. Mas mencionou igualmente outra coisa que me interessa ainda mais diretamente. — Seu rosto comprido e grave pareceu alongar-se mais ainda e ficar mais sério, sempre fitando a toalha, de testa franzida. Com o dedo ia riscando no tecido alguns traços que lembravam os planos de cidades mortas, com templos e túmulos. — Por isso, vou lhe contar, e a mais ninguém, por que preciso ter cautela e não falar disso diante de muita gente. Assim, quanto mais interessados se mostrarem, mais cautela preciso ter. Parece que, dentro do caixão, havia uma corrente com uma cruz, à primeira vista uma cruz como outra qualquer, mas que ostentava nas costas um certo sinal que só foi encontrado numa certa cruz. Pertencia aos arcanos da igreja primitiva e pensa-se que vem provar que S. Pedro estabeleceu sua sede em Antioquia antes de se instalar em Roma. Dizem que há nela uma maldição, mas nunca fiz caso disso. Exista ou não, o que há sem dúvida é uma conspiração, e provavelmente de um só homem.

— Um só homem? — repetiu maquinalmente o padre.

— Um louco, pelo que sei — informou o professor. — É uma história comprida e, até certo ponto, estúpida.

Calou-se de novo, sempre traçando planos com a unha no tecido da toalha, e depois prosseguiu:

— Será talvez melhor eu começar do início, para o caso de o senhor descobrir na história algum detalhe que eu não tenha compreendido. Tudo começou há muitos, muitos anos, quando eu dirigia certas investigações por minha conta sobre a antiguidade de Creta e das ilhas gregas. Fiz grande parte do trabalho sozinho, às vezes com a ajuda dos habitantes rudes e ineficientes, mas na maior parte do tempo, literalmente só. Foi nestas circunstâncias que descobri um emaranhado de passagens subterrâneas que me levaram a destroços muito valiosos: ornamentos quebrados e pedras preciosas dispersas, que admiti serem os restos de algum altar arruinado, no meio dos quais encontrei essa estranha cruz. Ao virá-la descobri que tinha nas costas o *Ichttus*, ou seja, o peixe, que figurava nos antigos símbolos do cristianismo, mas com um feitio e um desenho bem diferente dos comuns, bem mais realista, como se quem a desenhou não pretendesse apenas traçar um conjunto de auréolas entrelaçadas, mas uma coisa mais parecida com um verdadeiro peixe. Vi que a parte achatada de uma das extremidades não representava só um simples ornato, mas também um rude e selvagem espécime zoológico. Para explicar em poucas palavras por que considero este achado importante, devo mencionar o ponto em que foi feita a escavação. Parecia uma escavação feita sobre outra escavação. Tínhamos descoberto a pista não só de achados arqueológicos, mas também dos arqueólogos da Antiguidade. Havia razões para crer, pelo menos na opinião de alguns, que essas passagens subterrâneas, quase todas do período de Minos, à semelhança daquela outra tão famosa, conhecida como o Labirinto do Minotauro, não tinham ficado abandonadas e esquecidas entre a Era do Minotauro e os modernos exploradores. Nós achamos que essas galerias, quase podemos chamá-las de cidades ou aldeias subterrâneas, já deviam ter sido devassadas por gente que tinha algum motivo. Sobre esse motivo, há diversas teorias: uns dizem que os imperadores tinham mandado fazer escavações motivados apenas pelo interesse científico; outros pensam que o interesse desenfreado nos últimos tempos do Império Romano por tudo que se referisse às fascinantes superstições asiáticas, dera origem a alguma seita anônima de maniqueus que se reuniam nas cavernas em barulhentas orgias, que não podiam ter lugar na superfície. Eu, pelo contrário, pertenço ao

grupo que atribui a essas cavernas o mesmo papel das catacumbas. Isto é, achamos que durante certas perseguições que se alastraram como fogo por todo o Império Romano os cristãos se escondiam nesses antigos labirintos pagãos. Ao encontrar essa cruz e ao descobrir seu desenho, o choque que senti foi como se caísse um raio a meus pés. E maior ainda minha alegria quando, ao regressar à luz do dia, através daquelas galerias sem fim, descobri, gravada na rocha de suas paredes nuas, a repetição da mesma imagem do peixe. Algo no seu aspecto lembrava o fóssil de um peixe ou de qualquer outro organismo rudimentar, fixado para sempre num mar gelado. Eu não podia analisar ali essa semelhança, que de resto nada tinha a ver com um simples desenho gravado na pedra, pois o que meu subconsciente me dizia é que os primeiros cristãos deviam ter tido alguma semelhança com os peixes, mudos e ocultos num mundo de penumbra e silêncio muito abaixo do nível onde caminham os homens, movendo-se na escuridão sem sons. Quem percorre galerias de pedra sabe que temos a impressão de sermos seguidos pelo som dos passos de fantasmas. O eco das passadas ora nos segue ora nos precede, de modo que se torna impossível acreditar, de fato, que se está sozinho. Eu já estava habituado a esses efeitos do eco e nem prestava atenção neles quando descobri as figuras simbólicas gravadas nas paredes. Parei e, no mesmo instante, foi como se o meu coração tivesse parado também. Porque meus passos tinham parado, mas o som do eco continuava. Corri e os passos fantasmas correram também, mas não como a cópia exata que caracteriza essa reverberação do som. Parei mais uma vez e os passos pararam também; no entanto, eu seria capaz de jurar que eles tinham parado uma fração de segundo mais tarde; fiz uma pergunta em voz alta e ouvi a resposta, mas o que me respondeu não era a minha voz. Provinha de uma curva da parede, bem na minha frente, e durante toda esta estranha perseguição reparei que era sempre numa esquina do caminho que ela parava para me falar. O pequeno espaço que a minha pilha elétrica iluminava diante de mim estava sempre completamente deserto. Nessas condições mantive uma conversa não sei com quem, que durou todo o percurso até surgirem os primeiros clarões da luz do dia. E, mesmo então, não consegui descobrir como o desconhecido sumiu. É certo que a entrada do labirinto era cheia de aberturas, fendas e rachas, portanto, seria fácil recuar e desaparecer de novo nas profundezas subterrâneas. Só sei que me encontrei do lado de fora nos degraus desertos de uma enorme montanha que lembrava um terraço de mármore, salpicada daquela vegetação de

aparência tropical, em contraste com a pureza da rocha. Lembrava a invasão de plantas orientais que esporadicamente caem sobre as ruínas da clássica Hélade. Olhei para o imaculado do mar, para o sol que brilhava, intenso, na solidão e no silêncio, nenhuma brisa agitava as plantas, não se avistava a sombra de um ser humano.

“Eu acabava de manter uma conversa terrível, tão íntima e tão particular, e, ao mesmo tempo, tão casual, num certo sentido. Aquela criatura, sem corpo, rosto ou nome, falara comigo nos confins das cavernas onde nos encontrávamos enterrados vivos num tom tão impessoal e desapaixonado como se estivéssemos sentados nos sofás de um clube. Mas também me afirmara que me mataria, sem dúvida, a mim ou a qualquer outro homem que estivesse na posse da cruz com a marca do peixe. Confessou-me francamente que não cometeria a loucura de me atacar ali, dentro do labirinto, pois sabia que eu tinha comigo um revólver carregado e que assim ele correria os mesmos riscos que eu. Mas declarou também com a mesma calma que planejaría a minha morte com a certeza do êxito, estudando todos os detalhes e todos os perigos com a minúcia que um artista chinês ou um especialista em bordados indianos põe nas suas obras. No entanto, tenho certeza de que não era um oriental. Juraria que era um homem branco. Desconfio mesmo que seria um compatriota. A partir daí tenho recebido de tempos em tempos certos sinais e símbolos, estranhas mensagens anônimas, provando que se o sujeito é um louco é do tipo monomaniaco. Está constantemente me lembrando, na sua maneira vaga, de que os preparativos da minha morte e do meu funeral estão indo de maneira satisfatória, e que o único jeito de eu evitar que sejam coroados de êxito é entregar-lhe a relíquia que tenho em meu poder, ou seja a cruz única encontrada na caverna. Não me parece que ele manifeste qualquer fanatismo ou sentimento religioso em relação a ela, parece antes a paixão de um colecionador. Isso me leva a acreditar que ele seja um ocidental, não um oriental. Essa curiosidade deve ficar rodando na cabeça dele.

“E agora surge esta notícia, ainda pouco detalhada, da descoberta de um corpo embalsamado num túmulo no Sussex. Se o homem até então era maníaco, virou demoníaco. Que existisse uma cruz nas mãos de outra pessoa já era ruim, mas duas, e nenhuma lhe pertencendo, é uma tortura insuportável. Suas loucas mensagens começaram a chover como saraivadas de setas venenosas, declarando cada vez com maior certeza que eu morreria inevitavelmente na hora em que estendesse minha mão criminosa para me

apoderar da cruz achada no túmulo. ‘Você nunca saberá quem sou, nunca conhecerá meu nome’, escreveu ele. ‘Nunca verá meu rosto. Vai morrer sem saber quem o matou. Estarei sob alguma forma entre as pessoas que o rodeiam, mas serei aquela para a qual esqueceu de olhar.’ Dessas ameaças deduzo que é muito provável que ele me siga secretamente nesta expedição, para me roubar a relíquia ou me fazer algum mal porque a possuo. Mas como nunca o vi, pode ser qualquer um que eu venha a conhecer. Logicamente, pode ser um desses garçons.”

— Ele pode até ser eu — sugeriu o padre Brown, com um nítido desrespeito pela gramática.

— Pode ser todo mundo — disse Smaill muito sério. — Foi isso mesmo que eu quis dizer. O senhor é o único que eu tenho certeza de não ser o inimigo.

Padre Brown pareceu mais uma vez embaraçado, depois sorriu:

— Pois bem, por estranho que pareça, não sou. Mas temos de considerar todas as maneiras de descobrir se ele está ou não aqui antes que... antes que ele se mostre desagradável.

— Penso que há uma maneira de descobrir — disse sombriamente o professor. — Logo que chegarmos a Southampton, alugo imediatamente um carro que me levará ao longo da costa; gostaria muito que o senhor me acompanhasse. Aparentemente, nosso grupo vai se dispersar. Se, no entanto, um deles aparecer nesse pequeno cemitério do Sussex, já saberemos de quem realmente se trata.



O programa do professor foi rigorosamente cumprido, pelo menos quanto ao carro e ao passageiro, o padre Brown. Seguiram pela estrada litorânea com o mar de um lado e as colinas do Hampshire e do Sussex do outro, sem sinal de um perseguidor. Apenas nas imediações da aldeia de Dulham encontraram um sujeito relacionado ao assunto, um repórter que acabava de visitar a igreja, amavelmente acompanhado pelo pároco até a capela recém-descoberta. Mas as observações que fez eram do mais comum estilo jornalístico. O professor Smaill, sempre desconfiado, não deixou de ver algo de estranho e preocupante nas atitudes do homem, um tipo alto e

magro, nariz de papagaio e olhos encovados, além de bigodes pendentes que lhe conferiam um ar deprimido. Não parecia nada entusiasmado com a excursão, dava antes mostras de querer se afastar a passos largos do local, o mais depressa possível, quando os dois visitantes o pararam com uma pergunta.

— Parece que é uma maldição — explicou ele. — Uma maldição que paira sobre este local, segundo afirma o guia turístico, ou o padre, o mais velho habitante da aldeia, seja lá quem for que represente a autoridade no assunto, e parece que é verdade mesmo. Com maldição ou sem ela, estou contente por ter saído dali.

— Acredita em maldições? — quis saber Smaill, cheio de curiosidade.

— Eu não acredito em nada, sou jornalista — respondeu o melancólico sujeito. — Meu nome é Boon, do *Daily Wire*. Mas naquela cripta há alguma coisa que causa arrepios. E não nego que foi isso o que senti. — E seguiu para a estação de trem, com um passo ainda mais apressado.

— Aquele cara parece um corvo — observou Smaill enquanto se dirigiam para o cemitério. — Não chamam essas aves de agourentas?

Entraram no cemitério, caminhando lentamente. O arqueólogo americano olhava, extasiado, para o velho pórtico e as ramadas negras e insondáveis dos teixos que pareciam desafiar a luz do dia. O caminho subia entre degraus de terra, sobre os quais as lajes fúnebres jaziam em diversos ângulos, como jangada de pedra navegando em águas verdes até a beira da ravina. Além dela, o verdadeiro oceano se estendia qual chapa de ferro, com chispas de luz que brilhavam como aço. Quase aos pés deles, começava um emaranhado de arbustos marinhos, que terminava na faixa de areias escuras e amareladas, e um pouco à frente dos arbustos sobressaía uma figura imóvel que se recortava na cor plúmbea do mar. Se não fosse a cor cinza do terno pareceria uma estátua fúnebre. Padre Brown logo reconheceu aqueles ombros elegantes e o ar um tanto agressivo da barba pontiaguda.

— Caramba! — exclamou o professor de Arqueologia. — Diabos me levem se aquele não é Tarrant! Não disse lá no barco que a resposta a minhas dúvidas não demoraria?

— Eu sempre pensei que teria várias respostas — disse o padre Brown.

— O que quer dizer com isso? — inquiriu o professor, lançando-lhe um olhar de viés.

— Quero dizer — disse o outro suavemente — que parece estar ouvindo vozes atrás das árvores. Acho que Mr. Tarrant não deve estar tão

solitário como quer dar a entender...

Enquanto Tarrant se virava, sempre com seu ar sombrio, veio a confirmação das palavras do padre. Uma voz dura e aguda, mas sem dúvida feminina, exclamava com estudada ironia:

— Mas como eu poderia saber que ele estava aqui?

O professor Smaill percebeu logo que a alegre observação não lhe era dirigida, por isso teve de concluir que havia ali uma terceira pessoa. Quando *lady* Diana surgiu alegre e resoluta, como sempre, da sombra de uma árvore, ele notou que ela trazia outra sombra humana. A figura esbelta e insinuante do homem de letras vinha imediatamente atrás da silhueta extravagante da senhora, todo sorridente, a cabeça um pouco de lado como um cachorrinho.

— Bolas! — exclamou Smaill. — Aqui estão eles todos. Todos, menos o palhaço com os bigodes de foca.



Ouviu padre Brown rir baixinho nas suas costas: de fato, a situação era cômica, como um efeito de teatro. Porque enquanto o professor falava, suas palavras sofriam a mais hilariante contestação. Uma cabeça redonda ornada de bigodes negros e grotescos acabava de aparecer como se surgisse de um buraco do chão. Dali a pouco, ambos perceberam que era de fato um buraco, um buraco enorme, com uma escada de mão que descia para as profundezas: a entrada para o subterrâneo que eles iam visitar. O homem dos bigodes tinha sido o primeiro a descer um ou dois degraus da escada e voltara a pôr a cabeça de fora para dizer algo aos companheiros. Parecia um coveiro estapafúrdio numa representação de *Hamlet*. O que ele disse, através dos espessos bigodes, foi apenas isto:

— É aqui embaixo.

Neste momento, deram-se conta de nunca o tinham ouvido falar, embora a viagem tivesse durado uma semana e ele se sentasse diante de todos nas refeições. Passava-se por professor inglês, e na verdade falava com estranho sotaque estrangeiro.

— Pois é, meu caro professor — exclamou *lady* Diana com vivacidade —, sua múmia bizantina era excitante demais para se perder. Eu precisava

forçosamente vir vê-la; e tenho certeza de que estes senhores pensaram da mesma forma. Tem que nos contar tudo que sabe a seu respeito.

— Não sei tudo a seu respeito — respondeu o professor em tom grave, para não dizer soturno. — Em alguns aspectos posso mesmo dizer que ignoro tudo. Parece sem dúvida estranho que tenhamos nos reencontrado todos tão depressa, mas suponho que, hoje em dia, a sede de informação não conheça limites. E se estamos aqui reunidos para visitar o local, acho bom que o façamos de maneira responsável e, se me permitem, sob uma direção responsável. Temos que falar com quem quer que esteja encarregado das escavações, ao menos teremos de escrever nossos nomes num registro.

Neste momento havia como que um desafio entre a impaciência da dama e as suspeitas do arqueólogo, mas, por fim, estas acabaram por prevalecer. O homem dos bigodes voltou a sair do buraco de má vontade e concordou tacitamente em fazer uma descida menos impetuosa. O vigário apareceu, um cavalheiro bem-parecido e de cabelos grisalhos, com um pescoço curvado que o peso dos óculos duplos acentuava ainda mais. Enquanto ele estabelecia com o arqueólogo amistosas relações de camaradagem, parecia observar aquele heteróclito grupo que o acompanhava com ar apenas divertido.

— Espero que ninguém seja dado a superstições. Para começar, devo dizer que pende todo tipo de maldições e maus presságios sobre as cabeças de quem se interessa por esses assuntos. Acabei justamente de decifrar uma inscrição latina que se encontra acima da entrada da capela e parece que há pelo menos três maldições: uma para quem entra na cela fechada, outra para quem abrir o caixão e uma terceira para quem tocar a relíquia de ouro lá dentro. Nas duas primeiras, já incorri — acrescentou com um sorriso —, mas receio que aconteça o mesmo a vocês se quiserem ver alguma coisa. Segundo a lenda, as maldições ocorrem de tempos em tempos, com largos intervalos. Não sei se isso os consola. — E Mr. Walters sorriu mais uma vez com seu jeito benevolente.

— Lenda? — quis saber o professor Smaill. — Que lenda é essa?

— É uma história longa e, como todas as lendas, tem algumas variantes — explicou o vigário. — Mas remonta, sem dúvida às origens do túmulo, está resumida na inscrição e diz mais ou menos assim: Guy de Gisors, senhor do solar que existia aqui no século XIII, cobiçava um certo cavalo preto pertencente a um embaixador de Gênova, um príncipe de espírito bem

prático, que só o venderia por um alto preço. Cego pela ambição, Guy pilhou o cofre do bispo que morava aqui então e, segundo a lenda, chegou ao ponto de matá-lo. O bispo lançou uma maldição que recairia sobre todo aquele que estivesse de posse da cruz de ouro ou tentasse se apossar dela. O senhor feudal conseguiu o dinheiro necessário para a compra do cavalo, vendendo a cruz a um ourives da cidade. No primeiro dia em que montou o animal, ele empinou e jogou-o ao chão em frente à igreja, quebrando sua espinha. O ourives, até ali rico e próspero, ficou arruinado após uma série de acidentes inexplicáveis e acabou nas garras de um usurário judeu que passara a viver no solar. Reduzido à fome, o infeliz ourives enforcou-se numa macieira. A cruz de ouro, e todos os seus pertences, incluindo a casa, a loja, e as respectivas ferramentas, há muito haviam passado às mãos do usurário. A certa altura, o filho e herdeiro do senhor feudal, impressionado com o castigo que atingira seu sacrílego pai, tornara-se um religioso fanático, naquele sentido primitivo e rude, comum na época. Passou a castigar e perseguir toda forma de heresia entre seus vassalos. O usurário judeu, que havia sido cinicamente tolerado pelo pai, foi queimado pelo filho. Que por sua vez também veio a sofrer, com a posse da relíquia. Após esses três castigos, a cruz regressou ao túmulo do bispo e, desde então, nunca mais foi vista nem tocada por olhos ou mãos humanas até o dia de hoje.

Lady Diana era a mais impressionada com a história, como seria de esperar.

— Isso causa arrepios — disse. — Pensar que somos os primeiros, com exceção do vigário...

O pioneiro dos bigodes e do sotaque estrangeiro acabou por não descer pela escada de madeira, que na verdade servia apenas aos operários da escavação: o vigário conduziu o grupo para uma entrada mais favorável, que ficava a cem metros dali e de onde ele saíra havia pouco. A descida não oferecia outras dificuldades além da escuridão, que era cada vez maior. Não demorou e seguiam todos em fila indiana através de um túnel, onde a escuridão era total. Dali a pouco avistaram um raio de luz. Durante essa marcha silenciosa ouviu-se a certa altura o ruído de alguém que prende a respiração, mas era impossível saber quem. De outra vez, um dos visitantes soltou uma praga, mas num inglês sem sotaque.

Por fim, chegaram a um recinto circular, semelhante a uma nave com um círculo de arcadas em volta. A capela fora construída antes que o arco

pontiagudo de estilo gótico viesse a furar nossa civilização como uma lança. Um clarão esverdeado entre dois pilares marcava o local da outra abertura, que dava para o mundo exterior e produzia a sensação de se estar debaixo do mar, sensação esta a que vinha se acrescentar um ou dois detalhes de certo modo fantásticos: a estrutura tradicional da arquitetura normanda, bem visível com suas saliências em forma de dentes ao redor dos arcos, conferindo-lhes o aspecto de outras tantas bocas escancaradas de enormes tubarões. No centro, o bojo negro do próprio túmulo, com seu alçapão de pedra levantado, lembrava as mandíbulas de algum monstro marinho.

O pároco-arqueólogo escolhera para iluminar o local apenas quatro velas espetadas em quatro altas tocheiras de madeira, ou porque gostava desse tipo de iluminação ou porque lhe faltassem meios técnicos modernos. Quando entraram, apenas uma delas estava acesa e sua luz iluminava escassamente as altas abóbodas que formavam a arquitetura do recinto. Logo que todos ficaram reunidos, o vigário acendeu os outros três castiçais e assim os visitantes puderam observar melhor o sarcófago e seu conteúdo.

Os olhos de todos se fixaram no rosto do cadáver, conservado através dos séculos graças a algum processo secreto do Oriente, segundo parecia, transmitido pela antiguidade pagã, mas desconhecido em nossa ilha. O professor mal conseguiu conter uma exclamação de espanto: aquela face, branca como a cera, mais parecia a de um homem que acabara de adormecer. Era um rosto ascético, talvez mesmo do tipo fanático, os ossos da face salientes. O corpo estava coberto com vestes de cores vivas e envolto numa capa de tecido dourado. Sobre o peito, junto à garganta, brilhava a famosa cruz de ouro, pendente de um cordão curto também de ouro, ou melhor, de um colar. A tampa do sarcófago fora erguida do lado da cabeça, apoiada em dois barrotes enfiados nos cantos superiores do túmulo. Portanto, pouco se podia ver da parte inferior, ou seja, dos pés do corpo, mas a luz incidia em cheio sobre a face, em contraste com o tom lívido da pele. A cruz de ouro cintilava como fogo.

Desde que o vigário contara a história da maldição, na testa vasta do professor Smaill se cavara uma ruga profunda, que revelava preocupação. O sexto sentido feminino, aliado talvez a um toque de histerismo, compreendeu melhor esse sentimento que os homens ali presentes. Assim, no meio do silêncio que reinava na cripta iluminada pelas velas, *lady* Diana gritou subitamente:

— Cuidado, não toque!

O professor, porém, fizera já um dos seus rápidos movimentos leoninos, curvando-se sobre o sarcófago. No mesmo instante, todos os presentes deram um salto, alguns para a frente, outros para trás, mas todos encolhendo a cabeça entre os ombros, como se receassem que o céu lhes caísse em cima.

Mal o professor tocara a cruz de ouro, os dois barrotes que seguravam a tampa do sarcófago, e que se achavam ligeiramente curvados com o peso, pularam para fora e a tampa de pedra caiu do suporte. O espírito e o estômago dos presentes sofreram a sensação de serem jogados num precipício. Smaill ainda tentou tirar a cabeça, tarde demais; estava agora estendido ao lado do velho sarcófago, numa poça de sangue que lhe jorrava da testa. E o sarcófago estava fechado de novo, como se estivera durante séculos — apenas uma ou duas lascas de madeira haviam ficado entaladas nas fendas, lembrando ossos triturados por um ogro. O monstro fechara de novo suas mandíbulas.

Lady Diana contemplava a tragédia com um brilho elétrico nos olhos que tinha algo de loucura. Sua cabeleira ruiva parecia escarlate junto à palidez das faces que a luz esverdeada acentuava. Smyth a fitava, sempre com aquele jeito canino da cabeça, mas sua expressão era mais a de um discípulo que olha o mestre sem compreender bem o sentido da catástrofe que provocou. Tarrant e o estrangeiro tinham reassumido as habituais atitudes sombrias, só que seus rostos estavam agora de uma cor terrosa. O vigário parecia ter desmaiado. Ajoelhado junto do corpo do ferido, padre Brown procurava verificar seu estado. Para grande surpresa de todos, Paul Tarrant, o janota byroniano, aproximou-se para ajudar.

— Seria melhor levá-lo lá para fora — sugeriu ele. — Talvez consiga escapar.

— Não está morto, mas acho que seu estado é muito grave — disse padre Brown em voz baixa. — O senhor, por acaso, não é médico?

— Não, mas já tive de fazer face a muitos casos assim na vida — respondeu o outro. — Isso agora não interessa. Talvez se admire quando souber minha verdadeira profissão.

— Não vou me admirar — replicou o padre com um sorriso. — Descobri qual era no meio da viagem. É um detetive e vigia alguém. Bem, de qualquer modo, a cruz, agora, está ao abrigo dos ladrões.

Enquanto falavam, Tarrant levantara a figura franzina do ferido com espantosa força e habilidade e o levara com todo cuidado em direção à saída. Respondeu por cima do ombro:

— Sim, a cruz, ao menos essa, está a salvo.

— Quer dizer que mais ninguém está — replicou padre Brown. — Também pensa na maldição?



Nas duas horas que se seguiram, padre Brown andou obcecado com um problema que ultrapassava o choque do trágico acidente. Ajudou a transportar a vítima para a pequena estalagem em frente à igreja, conferenciou com o médico, que considerou o ferimento muito grave e perigoso, mas não necessariamente fatal, e ao mesmo tempo ia transmitindo as notícias ao pequeno grupo de viajantes que se juntara em volta da mesa, na sala da estalagem. Mas pairava sempre sobre ele a nuvem da mistificação, que parecia se adensar quanto mais refletia sobre o assunto. O mistério central crescia à medida que os mistérios menores iam se resolvendo em sua cabeça. À medida também que o significado das diversas figuras daquele grupo heterogêneo ia sendo explicado, o caso ficava mais difícil de desvendar. Leonard Smyth viera, sem dúvida, porque *lady* Diana tinha vindo, e *lady* Diana tinha vindo porque quis. Havia entre eles aquela relação de namoro que tantas vezes se verifica em sociedade e que é ridícula por assumir um certo aspecto intelectual. O romantismo da senhora, contudo, não estava isento de um toque de superstição, por isso ficara seriamente abalada com o desfecho terrível da aventura. Paul Tarrant era um detetive particular, possivelmente contratado por um marido ou uma esposa para espionar aqueles amores — era provável, também, que espionasse o professor estrangeiro dos bigodes, que tinha um ar de estranho indesejável. Mas se ele ou qualquer outro tinha a intenção de roubar a joia, o objetivo falhara. E, segundo as aparências, era uma coincidência extraordinária ou então a força da velha maldição.

No meio da rua, entre a estalagem e a igreja, o padre teve um choque de surpresa ao avistar uma figura que lhe era familiar há pouco tempo, mas que não esperava encontrar. Boon, o jornalista, parecia ainda mais

esquelético à luz do sol em seu traje desleixado, que lhe dava o aspecto de espantalho. Seus olhos negros e encovados muito próximos um do outro sobre o nariz adunco irritavam o padre. Ficou observar atentamente para se certificar de que o que via sob o bigode preto era um melancólico sorriso.

— Pensei que tivesse ido embora — observou padre Brown, não sem certa severidade. — Pensei que tinha tomado o trem há duas horas.

— Sim, mas como vê estou aqui.

— Então, por que voltou? — perguntou o padre secamente.

— É que esta terrinha não é propriamente o paraíso rural que o repórter abandona com facilidade — replicou o outro. — As coisas aqui acontecem com muita rapidez para que valha a pena voltar a um lugar chato como Londres. Além disso, agora ninguém pode me deixar fora do caso. Do segundo caso. Fui eu que encontrei o corpo ou, pelo menos, as roupas. Uma atitude suspeita da minha parte, não acha? Talvez pense que eu quisesse vesti-las. Não acha que eu daria um vigário jeitoso?

E o tipo magro e narigudo assumiu subitamente uma posição grotesca no meio da praça; abriu os braços, espalmando as mãos cobertas de luvas pretas, e, num gesto cômico de bênção, declamou:

— Meus caros irmãos, seria meu desejo abraçar-vos a todos...

— O que está dizendo? — exclamou padre Brown, batendo levemente com o guarda-chuva nas pedras da calçada. Sentia-se um pouco menos paciente do que lhe era habitual.

— Oh, se quiser saber de tudo, pergunte ao seu grupo de excursionistas que está aí na estalagem — replicou Boon com ar entediado. — Esse Tarrant parece desconfiar de mim só porque encontrei a roupa. Podia ter sido ele, se chegasse um minuto antes. Mas é um caso cheio de mistérios. O sujeitinho de bigode deve ter mais a dizer do que aparenta. Aliás, até o senhor podia ter matado o homem...

Padre Brown não se mostrou nada aborrecido com a primeira sugestão, mas perturbou-o demais a segunda. E inquiriu com simplicidade:

— Está querendo dizer que eu tentei matar o professor Smaill?

— De modo algum! — reagiu o outro com ar de quem faz uma amável concessão. — Há outros mortos a escolher. Não sabe então que apareceu alguém bem mais morto que o professor Smaill? E não vejo por que não haveria de querer acabar com ele, na surdina. Diferenças de religião, compreende?... A lamentável desunião da cristandade... calculo que seja seu desejo ver as paróquias inglesas voltarem ao redil...

— Vou para a estalagem — declarou calmamente o padre. — Você diz que as pessoas lá sabem o que aconteceu e talvez queiram me explicar.



Na verdade, depois disso, suas dúvidas secretas se dispersaram momentaneamente com a notícia de uma nova calamidade. No momento em que entrou na pequena sala da estalagem, onde se achava reunido o resto do grupo, algum sinal que ele viu naquelas faces pálidas revelou que estavam abalados por algo que se passara depois do acidente do túmulo. Neste preciso instante Leonard ia dizendo:

— Será que isso não vai ter fim?

— Não vai ter fim, garanto, e vai ser o fim de todos nós — repetia *lady* Diana, fitando o vácuo com olhos vítreos. — Vamos ser vítimas da maldição, um a um, talvez leve tempo, segundo dizia o pobre do vigário... mas vai acabar conosco, como acabou com ele.

— Mas o que foi que aconteceu agora? — perguntou padre Brown.

Seguiu-se um silêncio, até que Tarrant murmurou com voz rouca:

— Mr. Walters, o vigário, suicidou-se. Acho que ficou abalado com o choque. Mas não deve haver dúvida, encontramos o chapéu preto dele e a roupa num rochedo saliente da praia. Deve ter se jogado ao mar. Achei que ele tinha ficado meio perturbado e talvez nós devêssemos tê-lo vigiado, mas havia tanta coisa a preocupar-nos...

— Você não podia fazer nada! — interrompeu a senhora. — Não vê que a sentença de morte vai seguindo uma ordem terrível? O professor tocou na cruz e foi o primeiro... o vigário tinha aberto o túmulo e foi o segundo. Nós só entramos na capela e vamos...

— Basta! — ordenou padre Brown numa voz severa que raramente usava. — Temos que acabar com isso!

Continuava a franzir a testa, embora inconscientemente, mas de seus olhos desaparecera a incerteza para dar lugar a um ar de terrível compreensão.

— Que louco eu fui! — murmurou. — Devia ter visto logo. Essa história de maldição explica tudo.

— Quer dizer — interrogou Tarrant — que podemos na verdade ser mortos por algo que aconteceu no século XIII?

Padre Brown sacudiu a cabeça e respondeu devagar e com ênfase:

— Não discuto se podemos ou não ser mortos por algo que aconteceu no século XIII, mas tenho certeza absoluta de que não podemos ser mortos por algo que nunca aconteceu no século XIII, nunca.

— Bem — respondeu Tarrant —, é refrescante encontrar um padre cético do sobrenatural!

— De modo algum — replicou padre Brown. — Não é da parte sobrenatural que duvido, mas da natural. Estou exatamente na posição do homem que diz: “Posso acreditar no impossível, mas não no improvável!”

— E é isso que chamamos de paradoxo, não é? — perguntou o outro.

— Chamo de senso comum, como deve ser entendido — disse padre Brown. — É mais natural acreditarmos numa história sobrenatural relacionada a coisas que não entendemos do que numa história natural que contradiz as coisas que entendemos. Se me disserem que o grande Gladstone, nos seus últimos momentos, era perseguido pelo fantasma de Parnell, ficarei cético. Mas se me disserem que Mr. Gladstone, quando foi apresentado à rainha Vitória, não tirou o chapéu ao entrar no salão, deu uma palmada no traseiro dela e lhe ofereceu um charuto, aí já não sou apenas cético. Não se trata de uma coisa impossível, apenas incrível. E não estou muito mais certo de que isso não aconteceu do que em relação ao fantasma de Parnell, porque esse caso viola as leis do mundo que eu entendo. O mesmo acontece com a história da maldição. Não é a lenda que me faz desconfiar, mas a história.

Lady Diana recompusera-se um pouco do seu transe de Cassandra e a eterna curiosidade pelas coisas novas começou a transparecer nos seus olhos vivos.

— O senhor é um homem muito esquisito! Por que não quer acreditar na história?

— Não acredito na história porque não é história — respondeu o padre Brown. — Para quem conhece alguma coisa da Idade Média, parece tão provável quanto a hipótese de Gladstone oferecer um charuto à rainha Vitória. Mas será que alguém conhece alguma coisa da Idade Média? Alguém sabe o que era uma guilda? Já ouviram falar do *salvo managio suo*? Sabem que espécie de gente eram os *Servi Regis*?

— Não, não sei — respondeu ela, um tanto agastada. — O que tem aí de latinório...

— Pois é, não sabe — reagiu padre Brown. — Se fosse Tutankamon e um monte de múmias africanas, conservadas sabe-se lá por que processo no outro extremo do mundo, da Babilônia, da China ou de alguma raça remota como o Homem da Lua, os jornais tratariam de revelar tudo a respeito, até a mais recente descoberta de uma escova de dentes ou de um botão de colarinho. Mas quanto aos homens que construíram nossas igrejas, deram nome às nossas cidades e ofícios e às ruas por onde caminhamos, desses ninguém se lembra de investigar nada. Quanto a mim, não preciso saber muito, mas sei o bastante para ver que essa história é uma besteira do início ao fim. Era ilegal um usurário se apoderar da oficina e das ferramentas de um operário. É altamente improvável que a Guilda não o tivesse salvado de tamanha desgraça, especialmente se esta fosse causada por um judeu usurário. As pessoas daquele tempo tinham seus vícios e suas tragédias, às vezes chegavam a torturar e a queimar gente. Mas a ideia de ter havido um homem que se arrastasse na miséria e acabasse morto de fome porque ninguém se importava com ele não é coisa da Idade Média. Um judeu nunca seria vassalo de um senhor feudal. Os judeus desfrutavam normalmente de estatuto especial como servos do rei. E, finalmente, nenhum judeu seria queimado por sua religião.

— Os paradoxos se multiplicam — observou Tarrant. — Mas não vai negar que os judeus eram perseguidos na Idade Média...

— Seria mais exato afirmar — disse o padre Brown — que eram as únicas pessoas que não sofriam perseguições nessa época. Se quisermos censurar o medievalismo podemos dizer que alguns pobres cristãos foram queimados vivos por terem cometido erros em relação ao Homoousion², enquanto um judeu rico era livre de passear pelas ruas falando mal de Jesus Cristo e da mãe de Deus. Ora, a história é isto. A outra nunca foi uma história dos tempos medievais, nem sequer uma lenda. Foi antes inventada por alguém cujos conhecimentos provinham de romances e jornais e, provavelmente, até forjada naquele momento.

Os outros ficaram um pouco confusos com aquela digressão histórica e pareciam estranhar que o padre lhe desse tanta importância e a considerasse parte do enigma. Tarrant, porém, cuja profissão era tomar notas e selecionar detalhes práticos, arrebitara logo a orelha, espetara ainda mais o queixo barbudo, os olhos muito arregalados.

— Ah — exclamou —, então forjada naquele momento.

— Talvez isso seja um pouco de exagero — confessou calmamente o padre Brown. — Direi antes que não foi inventada com tanto cuidado como o resto deste estranho caso. Acho que seu autor nunca pensou que os detalhes da história medieval pudessem ter importância aos olhos de alguém. E, de um modo geral, seu cálculo não deixava de estar certo, como os outros.

— Que cálculos? O que não deixava de estar certo? — inquiriu a dama num assomo de impaciência. — De quem está falando? Já levamos muitos sustos para que venha causar mais calafrios com seus enigmas.

— Refiro-me ao assassino — explicou o padre Brown.

— Que assassino? — perguntou ela, já agitada. — Está dizendo que o pobre do professor foi assassinado?

— Bem — resmungou Tarrant por entre a barba —, não podemos dizer “assassinado” porque não sabemos se ele vai morrer.

— O assassino matou outra pessoa além do professor — declarou gravemente o padre.

— P quê? Quem mais ele poderia ter matado? — quis saber o outro.

— Matou o reverendo John Walters, vigário de Dulham — replicou o padre com precisão. — Só pretendia matar os dois, por estarem de posse de relíquias de um feitio muito raro. O assassino era uma espécie de monomaniaco nesse aspecto.

— Parece tudo muito estranho — murmurou Tarrant. — É certo que não podemos afirmar que o vigário tenha morrido. Ainda não vimos o cadáver.

— Oh, já vimos, sim — disse padre Brown. Seguiu-se um silêncio tão repentino como depois da badalada do gongo, um silêncio durante o qual a revelação produzida pelo subconsciente, tão apurado nas mulheres, quase fez que a dama gritasse.

— Foi isso mesmo o que vocês viram — prosseguiu o padre. — Viram seu cadáver. Nunca o tinham visto antes... o verdadeiro, enquanto vivo. Mas o viram depois de morto. Estiveram olhando para ele, à luz daquelas quatro tochas. Ele não se suicidou se jogando ao mar, foi, sim, exibido em grande pompa, como um príncipe da igreja antes das Cruzadas.

— Em resumo — exclamou Tarrant —, quer nos fazer-nos acreditar que o cadáver embalsamado era, na realidade, o corpo de um homem assassinado.

O padre Brown aguardou um momento e recomeçou como que casualmente:

— A primeira coisa que me saltou à vista foi a cruz. Ou melhor, o cordão em que estava presa. Claro, para vocês era apenas um colar de contas, sem nada de especial, mas isso é mais minha especialidade. Lembram-se de que ficava muito rente ao pescoço, só deixando ver algumas contas, como se fosse curto. Essas contas, porém, estavam arrumadas de modo especial, primeiro uma, depois três e assim por diante. De fato, vi logo que era um rosário com uma cruz na ponta. Mas um rosário tem, pelo menos, cinco fileiras de contas e mais algumas, e logo me perguntei onde estariam as outras. Seriam suficientes para dar mais de duas voltas no pescoço do sujeito. No momento não percebi e só depois é que adivinhei onde estavam. Tinham sido enroladas no pé da trave que segurava a tampa de pedra, que estava enfiada no canto do sarcófago. Assim, quando o pobre Smaill puxou a cruz, a trave saltou do seu lugar e foi bater na cabeça dele como uma pedrada.

— Com os diabos! Começo a entender o que há de verdade no que diz. Se for exata, é uma história muito estranha.

— Quando descobri isso — prosseguiu o padre —, consegui adivinhar mais ou menos o resto. Em primeiro lugar lembrem-se de que nunca apareceu nenhuma autoridade em matéria de arqueologia, a não ser sobre a investigação. O pobre Walters era apenas um curioso de antiguidades. Estava empenhado em abrir o túmulo para descobrir se havia algo de verdade na lenda dos corpos embalsamados. O resto não passava de boato, como tantas vezes acontece, que exageram ou alteram as descobertas. Na realidade, o que ele descobriu é que o corpo não tinha sido embalsamado e há muito estava desfeito em pó. Só que, enquanto ele trabalhava sozinho ali na cripta, à luz da vela, esta projetou outra sombra que não era a dele...

— Ah! — exclamou *lady* Diana num grito sufocado. — Agora entendo. Está dizendo que estivemos com o assassino, conversamos com ele, ouvimos a história romântica que nos impingiu e o deixamos ir embora...

— Para que ele pudesse largar seu disfarce de padre em cima de um rochedo — terminou padre Brown. — Foi tudo horivelmente simples. O sujeito conseguiu chegar primeiro que o professor na corrida para o cemitério, talvez enquanto ele falava com aquele sinistro jornalista. Encontrou o velho vigário perto do túmulo vazio e o matou. Depois o vestiu com as roupas negras do defunto, embrulhou-o numa capa descoberta nas

escavações e o meteu no sarcófago. Prendeu o rosário na trave como descrevi, deixando a armadilha preparada para a segunda vítima. Veio ao nosso encontro e nos acolheu com a amável delicadeza própria de um padre de província.

— Corria um risco tremendo — observou Tarrant —, no caso de alguém conhecer Walters de vista.

— Admito que ele fosse meio louco — concordou padre Brown. — E acho que compreendem que valia a pena correr esse risco, pois conseguiu escapar.

— O que eu acho é que ele teve muita sorte! — resmungou Tarrant. — Mas afinal quem era ele?

— Disse muito bem, ele teve muita sorte — disse padre Brown —, sobretudo nesse aspecto. Porque aí está uma coisa que nunca conseguiremos saber — baixou os olhos para a mesa um momento e prosseguiu: — Esse sujeito perseguiu e ameaçou durante anos, mas a única coisa que ele tinha o cuidado de nunca revelar era sua identidade. E conseguiu manter esse segredo. No entanto, se o pobre Smaill conseguir escapar desta, estou certo de que ele volta a dar sinal de vida.

— E o que acha que o professor Smaill vai fazer? — perguntou *lady* Diana.

— Acho que a primeira coisa que ele vai fazer é contratar detetives para descobrir esse demônio assassino. Eu bem que gostaria de ajustar contas com ele — declarou Tarrant.

— Bem — observou padre Brown, sorrindo pela primeira vez depois de longa cogitação —, eu creio que sei o que ele deveria fazer antes que tudo.

— E qual é essa coisa? — quis saber *lady* Diana num tom de amável curiosidade.

— Devia pedir desculpas a todos vocês — respondeu o padre.



Mas não foi sobre esse assunto que o padre Brown veio a dissertar com o professor Smaill, junto a sua cama, durante a lenta convalescença do eminente arqueólogo. Nem sequer foi o padre Brown quem mais falou, porque embora o paciente não tivesse licença para falar muito tempo,

reservava-o quase todo para as entrevistas com o amigo eclesiástico. Padre Brown tinha um talento especial para escutar, o que animava Smaill a discorrer sobre muitas coisas estranhas das quais nem sempre é fácil falar, como as fases mórbidas da sua recuperação e os sonhos assustadores que acompanham o delírio. Às vezes é difícil recuperar o equilíbrio depois de uma pancada violenta na cabeça, e quando essa cabeça é tão interessante quanto a do professor Smaill, até suas perturbações e distorções conseguem ser originais e curiosas.

Os sonhos dele eram como que vastos e ousados esquemas de um desenho, semelhantes aos que vemos nas artes primitivas que ele estudava, povoados de estranhos mantos, resplendores quadrados e triangulares, coroas douradas em cima dos rostos negros e chatos, águias orientais, homens barbudos com esquisitos penteados femininos. Só que, confessou ele ao amigo, havia um detalhe muito mais simples e compreensível que todos os outros que sua memória imaginativa lhes apresentava constantemente. Todos esses desenhos bizantinos desapareciam como ouro derretido pelo fogo para darem lugar a uma parede de rocha negra sobre a qual se via desenhada a figura de um peixe, como se fosse traçado com um dedo molhado na fosforescência dos mares. Era o sinal que ele contemplara no momento em que fizera a curva na galeria escura em que ouvira pela primeira vez a voz do inimigo.

— Até que enfim — confessou — creio ter descoberto o significado do desenho e da voz, coisa que até agora não tinha percebido. Por que me preocupar só porque um louco, entre um milhão de homens mentalmente sãos, me insulta e persegue, e pretende me matar? Quem desenhou na catacumba o símbolo de Cristo foi perseguido de maneira diferente. Nessa época, *ele* era o louco solitário, e toda a sociedade composta por homens mentalmente sãos estava ligada não para salvá-lo, mas para lhe dar a morte. Muitas vezes quebrei a cabeça para saber se meu perseguidor seria este ou aquele... podia ser Tarrant, podia ser Smyth, podia ser qualquer um. E se fossem todos eles? Se fosse todo mundo no barco, todos os que viajavam no trem, todos da aldeia? Suponhamos que, em relação a mim, fossem todos assassinos. Eu achava que tinha o direito de me sentir assustado por rastejar nas entranhas da terra, no escuro, e havia um homem que queria dar cabo de mim. E o que eu sentiria se ele estivesse aqui fora, possuísse toda a terra e fosse senhor das multidões? Como seri, se ele tivesse o poder de parar a terra, de me extrair do meu buraco, de me liquidar logo que eu pusesse o

nariz de fora? Qual seria a sensação de encarar o assassino a essa escala? O mundo esqueceu todas essas coisas, como até há pouco havia esquecido a guerra.

— Sim — murmurou o padre Brown. — Mas a guerra veio. O peixe pode ser obrigado a se ocultar de novo debaixo da terra, mas voltará à superfície. E, como diz com espírito Santo Antônio de Pádua: “Só os peixes sobrevivem ao Dilúvio.”

¹ Laputa, ilha flutuante habitada por sábios e filósofos na obra de Swift, *As Viagens de Gulliver*. (N. da T.)

² Teoria teológica. (N. da T.)



VI

O punhal alado

Durante um certo período da sua vida, o padre Brown não conseguia pendurar o chapéu num cabide sem sentir um pequeno calafrio. Esta reação era fruto de um detalhe inserido em acontecimentos muito complicados, mas foi talvez esse pequeno detalhe que sua memória reteve para lhe recordar todo o caso em meio a sua vida tão ocupada. Sua remota origem pode ser atribuída aos fatos que levaram o Dr. Boyne, médico da polícia, a recorrer ao padre numa fria manhã de dezembro.

O Dr. Boyne era um irlandês alto e moreno, daqueles que se encontram em toda parte percorrendo grandes palavreados, exibindo suas teorias científicas, caóticas, cínicas e materialistas, mas nada relacionado aos ritos da religião, isso nunca, a não ser os da religião tradicional praticada em seu próprio país. É difícil dizer se essa crença não passa de um verniz superficial ou se, pelo contrário, representa um substrato fundamental; deve ser as duas coisas, com uma grande dose de materialismo pelo meio. De qualquer modo, quando nosso doutor achava que podia estar em causa algum desses dois aspectos apelava ao padre Brown, muito embora fingisse que não era isso o que o interessava especialmente.

— Não tenho certeza de precisar de sua ajuda, entende — foi o que disse à guisa de saudação. — Não tenho ainda certeza de nada. Juro que não sei se é um caso para um médico, um policial ou um padre.

— Bem — disse o padre, sorrindo —, você é médico e é policial. Eu, pelo visto, estou em minoria.

— Concordo em que seja o que os políticos chamariam de *Uma minoria especializada* — replicou o doutor. — Sei que tem trabalhado tanto no seu campo quanto no nosso. Mas é extremamente difícil distinguir se este caso pertence ao nosso foro, ao seu, ou simplesmente aos Comissários da Loucura. Acabamos de receber um recado de um sujeito que mora aqui perto, naquela casa branca lá em cima do monte, pedindo proteção contra uma ameaça de assassinato. Procuramos nos inteirar dos fatos. Bem, é

melhor que eu lhe conte a história desde o início, como parece ter acontecido. Um cara chamado Aylmer, rico proprietário no oeste, casou-se já tarde e teve três filhos: Philip, Stephen e Arnold. Enquanto solteiro, e pensando que nunca viria a ter herdeiros, adotou um rapaz que considerava muito inteligente e cheio de qualidades, John Strake. Suas origens eram obscuras. Uns dizem que fora enjeitado, outros, que era filho de ciganos. Acho que esta última sugestão provinha do fato de Aylmer, no fim da vida, ter se metido nas ciências ocultas, incluindo quiromancia e astrologia, e os três filhos afirmavam que Strake o incitava a isso. Dizem ainda muitas coisas mais. Que Strake era um autêntico patife e sobretudo um notável mentiroso, genial para inventar mentiras de última hora e apresentá-las de maneira que enganavam o melhor detetive. Mas isso pode muito bem ser um preconceito explicável em face do que aconteceu. O velho morreu, deixou praticamente tudo para o filho adotivo e os outros impugnaram o testamento. Disseram que ele aterrorizava o pai para que o fizesse e o levara à loucura. Afirmavam que Strake tinha os processos mais maquiavélicos para conseguir seus fins. Apesar das enfermeiras e da família em volta, conseguira assustá-lo no próprio leito de morte. Devem ter conseguido provar alguma coisa quanto ao estado mental do falecido, uma vez que o tribunal anulou o testamento e os filhos herdaram. Diz-se que Strake ficou furioso e jurou que mataria os três e que nenhum conseguiria escapar à sua vingança. É o terceiro e último dos irmãos que agora vem pedir proteção à polícia.

— O terceiro e último... — repetiu gravemente o padre.

— Sim — confirmou Boyne —, os outros dois já morreram. —

Guardou silêncio antes de prosseguir: — É aqui que começam as dúvidas. Não há nenhuma prova de que tenham sido assassinados, mas podem ter sido. O mais velho, que herdou o título de *squire*, dizem que se suicidou no jardim. O segundo, que era industrial, foi apanhado por uma máquina em sua fábrica, que o atingiu na cabeça... também pode ter dado um passo em falso e caído. Mas se Strake que os matou, foi muito habilidoso para fazer e escapar. Por outro lado, é mais provável que tudo não passe de mania de perseguição, reforçada por uma série de coincidências. Então, o que pretendo é o seguinte: que alguém dotado de bom senso e que não pertença à polícia vá falar com esse tal Arnold Aylmer e conte depois suas impressões. O senhor conhece quando um homem está mentindo e quando

fala verdade. Quero que seja guarda avançada antes de tomarmos conta do caso.

— Parece-me estranho — observou o padre Brown — que não tenham já tomado conta dele. Se existe algo estranho no caso, acontece há muito tempo. Há alguma razão particular para o sujeito vir só agora pedir ajuda, e não mais cedo?

— Também já pensei nisso, como pode imaginar — respondeu o Dr. Boyne. — Ele dá uma explicação, mas confesso que é uma das coisas que me fazem pensar se não será mania de um velho pateta. Ele declarou que todos os empregados fizeram greve subitamente e o abandonaram, por isso se viu obrigado a recorrer à polícia para guardar a casa. Investiguei e verifiquei que, de fato, houve uma debandada geral dos empregados e, é evidente, a cidade está cheia de boatos tendenciosos, confesso. O que eles contam é que o patrão se tornou impossível, com exigências, manias e receios. Queria que lhe vigiassem a casa como se fossem sentinelas, ou passassem a noite em pé como enfermeiras do hospital, que nunca podiam deixá-lo sozinho sem dar explicação. Por isso, todos o declararam louco e foram embora. Claro que nada disso prova que o sujeito seja maluco, mas também é esquisito que hoje em dia alguém pretenda que empregados banquem os guarda-costas.

— E então — disse o padre sorrindo — ele quer que a polícia faça o papel dos empregados, uma vez que os empregados não querem fazer o papel de polícia.

— Também achei estranho — concordou o doutor —, mas não posso me arriscar a uma recusa peremptória sem tentar um compromisso. E o compromisso é o senhor.

— Muito bem — respondeu o padre Brown com simplicidade —, vou visitá-lo imediatamente, se é isso que quer.



Toda a acidentada região que rodeava a cidade estava coberta de geada, o céu claro e frio como aço, exceto a noroeste, onde as nuvens com seus luminosos contornos começavam a se erguer. Neste pano de fundo, de cores mais escuras e sinistras, a casa do monte se recortava com sua fileira de

colunas brancas formando uma arcada clássica. A estrada sinuosa se embrenhava numa espessa mata de arbustos, onde o ar parecia cada vez mais frio, como se estivéssemos nos aproximando do Polo Norte. Padre Brown, porém, era uma pessoa mais prática e encarava as fantasias como tal. Limitou-se a olhar de esguelha para a nuvem lívida que cobria a casa, declarando vivamente:

— Vai nevar!

Transpôs uma cancela de ferro forjado ao gosto italiano e entrou num jardim que apresentava aquele aspecto desolador próprio das coisas abandonadas, que antes eram bem cuidadas. Os amplos maciços verdes estavam cobertos da poeira cinza da geada, o mato crescido ocultava o desenho dos canteiros com uma franja irregular e a casa mergulhava num matagal de silvas e arbustos. A vegetação, sobretudo de plantas resistentes, era nórdica demais para se considerar luxuriante, como uma selva ártica. De certo modo estava de acordo com a própria casa: as colunas da fachada ficariam bem no Mediterrâneo, mas aqui eram fustigadas pelo vento do mar do Norte. Ornamentos de estilo clássico acentuavam o contraste: cariátides e máscaras de comédia ou tragédia olhavam do alto da construção o emaranhado de veredas do jardim, mas essas faces pareciam congeladas. Até as curvas dos capitéis podiam muito bem estar enroladas por ação do frio.

Padre Brown subiu os degraus musgosos até uma varanda quadrada que ladeava duas grossas colunas e bateu na porta. Quatro minutos depois, bateu de novo. Depois, esperou pacientemente, de costas para a porta, olhando a paisagem que escurecia pouco a pouco, graças àquela grande massa de nuvens que descia do norte. Ao olhar por baixo das colunas da varanda, que lhe parecia negra e enorme naquela penumbra, podia ver o bojo opalescente da nuvem gigantesca que pairava sobre o telhado como um dossel. Suas bordas levemente coloridas pareciam descer sobre o jardim, até que o céu, ainda há pouco de um azul pálido de inverno, ficava reduzido a farrapos negros e prateados de um crepúsculo doentio. Padre Brown continuava esperando e lá de dentro não vinha o menor som.

Então, tomou a súbita iniciativa de descer os degraus e dar a volta na casa em busca de outra entrada. Acabou por encontrá-la, uma porta lateral, na qual voltou a bater, depois esperou. Tentou a maçaneta e descobriu que a porta estava trancada com ferrolho. Começou a rodear a casa, pensando se o excêntrico Mr. Aylmer teria se barricado de tal forma que não conseguia

ouvir chamado algum, ou talvez pressentisse que qualquer chamado só podia vir da parte do malvado Strake. Era provável que ao sair os empregados tivessem deixado apenas uma porta destrancada e o patrão tivesse vindo fechá-la depois. Mesmo assim, era muito possível que, na pressa de partir, tivessem esquecido alguma entrada sem defesa.

O padre prosseguiu na ronda: a casa não era excessivamente grande, embora talvez um pouco pretensiosa. Em breve verificou que já dera a volta completa. Logo descobriu o que desejava. A varanda de uma das salas, ornada de reposteiros e ensombrada por trepadeiras, estava entreaberta, provavelmente devido a um esquecimento, e assim penetrou num compartimento confortável, forrado com papel antigo. De um dos lados partia uma escada, do outro via-se uma porta. Na parede fronteira abria-se outra porta com painéis de vidro vermelho, de um gosto faustoso demais para os tempos modernos. À direita, sobre uma mesinha redonda, via-se um aquário, no qual boiavam peixes numa água esverdeada. Do outro lado, erguia-se uma espécie de palmeira com folhas largas e verdes. Tudo tinha um tom tão poeirento e vitoriano que o telefone instalado na alcova revestida de cortinados causava uma certa surpresa.

— Quem está aí? — inquiriu uma voz em tom severo, atrás da porta de vidro.

— Desejo falar com Mr. Aylmer — respondeu o padre amavelmente.

A porta abriu e apareceu um sujeito de olhar desconfiado em um roupão verde vivo. Os cabelos estavam emaranhados, como se acabasse de sair da cama ou vivesse em completo desmazelo. O olhar, porém, não só era vivo e desperto, mas até assustado. Padre Brown sabia que este ar contraditório era próprio de quem se esgotara de susto. De perfil, seu rosto era de um belo desenho aquilino mas, de frente, a primeira impressão era de desleixo em virtude da barba crescida e rústica.

— Sou Mr. Aylmer, mas há muito que não espero visitas — respondeu.

Algo na atitude do sujeito fez que o padre Brown achasse melhor ir direto ao ponto. Se os temores do sujeito fossem produto de uma monomania, ele só poderia achar isso natural.

— Não sei se será exato o que diz de não esperar visitas...

— Tem razão — replicou prontamente o dono da casa. — Estou sempre esperando uma, que deve ser a última.

— Oxalá que não — tornou o padre Brown. — Em todo caso, folgo em verificar que em nada me pareço com ela.

Aylmer sacudiu-se numa espécie de gargalhada selvagem:

— De modo algum! — disse.

— Mr. Aylmer — começou o padre Brown num tom convincente —, peço desculpas por ter tomado esta liberdade, mas amigos me contaram seu problema e vim saber se posso ajudar em alguma coisa. A verdade é que tenho uma certa experiência em casos como este.

— Não há outros casos como este — afirmou Aylmer.

— Quer dizer que as tragédias que ocorreram na sua família não foram fruto de mortes naturais?

— Quero dizer que nem sequer foram assassinatos normais — tornou o outro. — O homem que nos persegue como um cão raivoso é o diabo em figura de gente com poderes diabólicos.

— Todos os poderes maléficos têm a mesma origem — respondeu gravemente o padre. — Mas como sabe que não são assassinatos comuns?

Aylmer ofereceu uma cadeira ao visitante. Sentou-se também, muito devagar, testa franzida, mãos nos joelhos. Mas quando ergueu os olhos sua expressão estava mais suave e pensativa e o tom da sua voz era calmo e cordial.

— Escute — começou ele —, não quero que imagine que eu seja uma pessoa desequilibrada. Cheguei a essa conclusão pelo raciocínio, porque, infelizmente, foi ele que me levou a ela. Tenho lido muito sobre o assunto, porque fui o único que herdei os conhecimentos do meu pai em matérias de certo modo obscuras, assim como herdei toda a sua biblioteca. Mas o que digo se baseia no que vi, e não no que li.

Padre Brown fez que sim com a cabeça e o outro prosseguiu, como quem escolhe as palavras:

— No caso do meu irmão mais velho, no início não tive bem certeza. Não havia pegadas no lugar onde ele foi encontrado morto com um tiro e a pistola estava ao lado dele. No entanto, ele recebera pouco antes uma carta de ameaça, por certo do nosso inimigo, uma vez que vinha assinada com um desenho parecido com um punhal alado, que é um daqueles malditos sinais cabalísticos. E uma das empregadas disse que tinha visto alguma coisa passando pelo muro do jardim ao cair da noite, algo grande demais para ser um gato. Não digo mais nada, só que, se era o assassino, não deixou vestígios. Mas quando morreu meu irmão Stephen foi diferente, e a partir daí eu soube. Havia uma máquina sob uma cobertura ao lado da torre da fábrica. Subi na plataforma um momento depois de ele ter caído sob o

peso do martelo de ferro e nada vi que pudesse tê-lo atingido, mas havia uma enorme coluna de fumaça entre mim e a torre. Mas no meio de uma lufada de vento distingui lá no alto uma negra figura humana embrulhada numa coisa que parecia um manto escuro. Depois a fumaça sulfurosa voltou a nos envolver e, quando se dissipou, olhei de novo para a chaminé e já não havia ninguém. Sou um homem racional e pergunto a todos os homens racionais que me expliquem como essa figura chegou àquela torre inacessível e como saiu de lá.

O homem fitou o padre com ar de desafio. Após um silêncio, exclamou subitamente:

— Os miolos do meu irmão saltaram por todos os lados, mas o corpo nem ficou muito danificado. Num dos bolsos encontramos uma das tais mensagens, datada da véspera e assinada com a marca do punhal alado. Tenho certeza — prosseguiu ele gravemente — de que o símbolo do punhal alado não é apenas arbitrário ou acidental. Nada é acidental naquele homem abominável. Ele só tem um desígnio, um desígnio obscuro e complicado. O cérebro dele é uma teia feita não apenas de esquemas tortuosos como também de linguagens secretas e sinais, sinais mudos, imagens enigmáticas que representam coisas sem nome. Ele é o pior de todos os homens que há no mundo: o místico perverso. Ora, não pretendo desvendar tudo que esse símbolo representa, mas parece mais que certo estar relacionado com tudo o que há de estranho e mesmo de incrível, uma vez que andou sempre por perto da minha desgraçada família. Será que não existe relação entre a ideia de uma arma com asas e o mistério da morte de Philip, em seu jardim, sem que tivessem aparecido pegadas na grama ou no saibro? Não haverá relação entre um punhal alado que voa como uma seta e a figura no alto da chaminé, envolta numa capa negra, que lembrava asas fechadas?

— O que quer dizer — observou padre Brown, pensativo — é que ele se encontra em perpétuo estado de levitação?

— Simon Magus conseguiu — replicou Aylmer. — E uma das profecias mais conhecidas da Idade Média diz que o Anticristo seria capaz de voar. Seja como for, a marca do punhal alado estava no documento. E quer ele voe ou não, o certo é que mata.

— Reparou em que tipo de papel veio a mensagem? — perguntou o padre Brown. — Papel comum?

O rosto enigmático de Aylmer se abriu num riso áspero:

— Pode ver com seus próprios olhos — respondeu, já sério —, porque esta manhã recebi outra.

Estava agora esticado na cadeira, as pernas compridas saindo do roupão verde curto demais para ele, o queixo barbudo espetado no peito. Sem mudar de posição, enfiou a mão no bolso e, com o braço rígido, estendeu ao padre um pedaço de papel que tremia. A atitude do homem sugeria uma espécie de paralisia, entre a rigidez e o colapso. No entanto, a observação que o padre Brown fez a seguir teve o curioso efeito de espreitá-lo.

O padre pôs-se a observar com seu jeito de míope o papel que lhe era apresentado: um tipo estranho de papel, grosso sem ser ordinário, como se fosse arrancado do álbum de esboços de um artista, e nele se via claramente desenhado um punhal enfeitado de asas semelhantes à da vara de Hermes, acompanhado das seguintes palavras:

A morte virá no dia seguinte a este, assim como veio para teus irmãos.

Padre Brown jogou o papel no chão e se sentou muito ereto na cadeira, dizendo severamente:

— Não deve permitir que esses disparates o perturbem! Esses patifes tentam sempre nos enfraquecer para nos tirar o ânimo.

Para sua grande surpresa, foi como se uma onda agitasse a figura prostrada. O homem saltou da cadeira como quem acorda de um sonho.

— Tem razão! Tem razão! — exclamou Aylmer com despropositada animação. — Esses malandros têm de se convencer de que, afinal de contas, não estou assim tão desanimado. Talvez eu disponha de mais esperança e proteção do que o senhor imagina.

Ergueu-se, com as mãos nos bolsos, fitando o padre, de modo que ele, durante o minuto que se seguiu, perguntou a si mesmo se o sujeito, em vista do perigo que há tanto tempo corria, não teria o cérebro afetado. Mas quando ele falou, parecia estar em seu juízo:

— Acho que meus infelizes irmãos falharam porque usaram as armas erradas. Philip carregava um revólver, e assim sua morte pode ser considerada suicídio. Stephen era protegido pela polícia, mas também tinha noção de que tudo isso podia fazê-lo cair no ridículo, como deixar que um

policial subisse atrás dele uma escada de mão até um andaime onde pretendia ficar poucos minutos. Eram ambos muito gozadores e encaravam com ceticismo as ideias místicas que nosso pai adotou no fim da vida. Mas eu sempre achei que ele sabia mais do que meus irmãos pensavam. É certo que, através desses estudos, ele acabou por ficar sob o domínio da magia negra, a magia desse malvado Strake. Mas meus irmãos não souberam escolher o antídoto. O antídoto contra a magia negra não é o materialismo grosseiro nem a sabedoria mundana. O antídoto contra a magia negra é a magia branca.

— Depende — observou o padre Brown — do que o senhor entende por magia branca.

— Refiro-me à magia de prata — explicou o outro em voz baixa, como quem revela um segredo. Após um silêncio, acrescentou: — Sabe o que eu entendo por magia de prata? Dê-me licença por um momento.

Virou-se para abrir a porta dos vidros vermelhos, e seguiu pelo corredor. A casa era menor do que o padre Brown supusera; em lugar de quartos interiores, o corredor acabava em outra porta que abria para o jardim.

No corredor ficava sem dúvida o quarto de dormir do dono da casa, segundo deduzira o padre Brown quando o vira sair de lá de roupão. Desse lado não havia nada além de um cabideiro, coberto, como de costume, de chapéus velhos e casacos; do outro lado, porém, algo mais interessante: um armário muito velho, de carvalho escuro, carregado de objetos de prata antigos e encimado por um troféu ou panóplia de armas. Foi ali que Arnold Aylmer se deteve olhando para uma pistola muito velha com cano em forma de sino.

A porta no fundo do corredor achava-se entreaberta e dali vinha uma réstia de luz exterior. O padre tinha instinto apurado no que se referia à natureza, e algo no brilho incomum dessa réstia de luz o informou do que aconteceu lá fora. Era precisamente o que ele previra ao se aproximar da casa. Passou quase correndo pelo dono da casa e abriu a porta, deparando-se com um espetáculo de deslumbrante brancura. O que ele vislumbrara não tinha sido a cor negativa da luz diurna, mas a brancura positiva da neve. Tudo em redor estava coberto por aquela palidez cintilante que tem ao mesmo tempo um ar vetusto e de inocência.

— Ora, aqui temos a magia branca! — declarou padre Brown na sua voz animada. Depois, virando-se, acrescentou: — E também a magia da prata, imagino. — A luz lá de fora revestia a prata de esplendor e fazia

cintilar, aqui e ali, o aço das armas antigas. A cabeça eriçada de Aylmer se revestia também de uma espécie de auréola de prata cintilante no momento em que se virou contra a luz, empunhando a estranha pistola.

— Sabe por que escolhi esta espécie de bacamarte? — inquiriu. — Porque posso carregar com esta espécie de bala.

Tirou do aparador uma pequena colher de prata lavrada e quebrou violentamente a pequena figura que ornava o cabo. — Vamos para a outra sala — acrescentou. — Já leu algo sobre a morte de Dundee? — inquiriu, quando se encontraram de novo sentados. Perdera o ar aborrecido que assumira ao ver o padre se mexendo de um lado para o outro. — Graham de Daverhouse perseguia os Covenanters e possuía um cavalo preto capaz de subir qualquer precipício escarpado. Sabia que ele só podia dar tiros com balas de prata, por ter vendido a alma ao diabo? Para mim, o senhor tem uma vantagem: ao menos sei que acredita no diabo.

— Oh, sim — disse o padre Brown. — Acredito no diabo, no Dundee é que não acredito. Refiro-me ao Dundee das lendas de Covenanting, nem no seu cavalo fantasma. John Graham era apenas um soldado mercenário do século XVII, talvez mais valente que os outros. Se venceu a todos é porque era um bom soldado de cavalaria, mas não um mágico. Minha experiência me ensinou que não são esses espadachins fanfarrões que vendem a alma ao diabo. Os adoradores de Satanás que eu conheci são muito diferentes. Para não revelar nomes, o que poderia causar complicações sociais, mencionarei apenas um homem da época de Dundee. Já ouviu falar de Dalrymple of Stair?

— Não — replicou o outro num tom casmurro.

— Mas conhece os feitos dele — tornou o padre —, piores que todos que Dundee possa ter cometido. No entanto, caiu no esquecimento. Foi responsável pelo massacre de Glencoe. Era um homem culto, advogado esclarecido, homem de Estado com ideias largas e concretas sobre a maneira de governar, um homem muito calmo, possuidor de um rosto fino e intelectual. É esse o tipo de homem capaz de vender a alma ao diabo.

Aylmer soergueu-se da cadeira num movimento de entusiasmo e concordância:

— Tem toda razão, caramba! — exclamou. — Um rosto fino de intelectual! É esse o rosto de John Strake. — Depois ficou em pé, olhando o padre com expressão concentrada. — Se puder aguardar aqui um minuto — murmurou —, queria mostrar-lhe uma coisa.

Voltou a sair pela porta do centro, fechando-a atrás de si. Dirigiu-se talvez ao velho armário, ou ao seu quarto, pensou padre Brown, que ficou sentado, olhando distraidamente para uma mancha avermelhada no tapete, reflexo do vidro da porta, que ora brilhava como um rubi, ora escurecia conforme o sol lá fora aparecia ou se ocultava atrás das nuvens naquele dia tempestuoso. Nada ali se movia, com exceção dos seres aquáticos dentro da taça de vidro esverdeado. O padre Brown refletia profundamente.

Dali a um ou dois minutos dirigiu-se silenciosamente ao cubículo do telefone, de onde ligou para seu amigo, o Dr. Boyne.

— Quero lhe falar de Aylmer e seus problemas — murmurou em voz baixa. — É uma história muito estranha, mas acho que tem lances de verdade. No seu lugar mandaria já para cá alguns guardas, uns quatro ou cinco, talvez, para rodearem a casa. Se acontecer alguma coisa deve ser uma fuga espetacular.

Em seguida, o padre voltou a se sentar e a fitar o tapete sobre o qual continuava a brilhar a mancha vermelha do reflexo. A luz que se infiltrava na sala fez, de certo modo, derivar seus pensamentos até a primeira aurora luminosa antes do aparecimento das cores, todo esse mistério que alternadamente se esconde e se revia através dos símbolos das janelas e das portas.

Nisso, um grito desumano fez-se ouvir além das portas fechadas e, quase ao mesmo tempo, soou um tiro. Antes que o eco se desvanecesse a porta se abriu violentamente e o dono da casa entrou na sala, vacilante, o roupão meio rasgado no ombro e a pistola ainda fumegante nas mãos. Parecia tremer dos pés à cabeça. No entanto, o que o sacudia em parte era um ataque de riso meio forçado.

— Bendita seja a magia branca! Bendita a bala de prata!... — exclamou. — Aquele cão dos infernos foi longe demais, mas agora meus irmãos estão vingados, enfim!

Sentou-se pesadamente numa cadeira e a pistola caiu de sua mão. Padre Brown passou na frente dele para o corredor. Chegou a pôr a mão na maçaneta da porta do quarto, como se quisesse entrar, depois curvou-se um momento, fazendo menção de examinar alguma coisa. Em seguida, correu para a porta exterior e a abriu.

Na superfície da neve deserta, jazia uma figura negra que, à primeira vista, lembrava um enorme morcego. Reparando bem, no entanto, via-se que era uma figura humana, caída de bruços, com a cabeça coberta por um

largo chapéu, estilo sul-americano. A semelhança das asas negras era dada pelas duas mangas soltas de um casaco preto muito largo, que se estendiam em todo o seu comprimento, dos dois lados do corpo. As mãos estavam ambas escondidas, embora o padre Brown adivinhasse a posição de uma delas e vislumbresse, sob o casaco, o brilho metálico de uma arma. No entanto o aspecto geral dava a ideia de uma fantasia heráldica, uma águia negra sobre fundo branco. Depois de andar em volta do corpo e espreitar por baixo do chapéu, o padre conseguiu ver o rosto do morto, que era, de fato, como o dono da casa havia dito, um fino e intelectual, até mesmo cético e austero: o rosto de John Strake.

— Caramba! — murmurou padre Brown. — Parece realmente um vampiro que veio pousar aqui como um pássaro!

— E de que outra maneira podia ter chegado? — perguntou uma voz da soleira da porta.

Padre Brown ergueu os olhos e viu mais uma vez Aylmer ali parado.

— Não teria vindo a pé? — perguntou evasivamente o padre.

Aylmer esticou o braço num gesto que envolvia a paisagem branca:

— Olhe para a neve — disse numa voz profunda, um pouco arrastada.

— Olhe para a neve, pura e intacta, como a magia branca a que o senhor aludiu. Não vê que está lisa numa extensão de milhas, com exceção dessa mancha preta que caiu aí? Não se veem pegadas, a não ser as suas e as minhas, nenhuma outra se aproximando da casa por nenhum lado.

Depois fitou o padre com expressão concentrada e curiosa e acrescentou:

— E ainda lhe digo uma coisa: aquele casacão com que ele voa é grande demais para ele, que não é um homem alto. Deve arrastar pelo chão como um manto real. Se quiser estique-o e verifique.

— O que houve entre vocês dois? — perguntou abruptamente o padre.

— Foi rápido demais para que eu possa descrever — disse Aylmer. — Já tinha olhado lá para fora e estava voltando para dentro quando ouvi perto de mim uma espécie de rabanada de vento, como se fosse produzida por uma roda girando. Dei meia volta e atirei às cegas. Depois não vi mais nada senão o que o senhor está vendo agora. Mas tenho certeza absoluta de que o senhor nunca veria isso se eu não tivesse uma bala de prata na minha pistola. Aquele corpo que ali jaz na neve seria outro...

— A propósito — replicou apressadamente o padre Brown —, vamos deixá-lo ali, ou levamos para seu quarto? Suponho que seja seu quarto que

fica ali no corredor?

— Não, não — apressou-se a responder Aylmer —, fica ali até a polícia chegar. Além disso, já passei hoje por muitas emoções e não aguento mais. Seja o que for que está para acontecer, tenho que beber alguma coisa primeiro. Depois disso... me enforcem, se quiserem!



Na sala do centro entre a palmeira e o aquário, Aylmer deixou-se cair numa cadeira. Ao entrar tinha quase jogado a taça de vidro no chão, mas acabou por conseguir encontrar a garrafa de brandy depois de procurar às cegas, Tateando em vários armários e prateleiras. Não dava a impressão de ser uma pessoa metódica... no entanto, naquele momento devia se sentir muito abalado. Tomou um longo trago e depois começou a falar febrilmente, como que para preencher o silêncio:

— Verifico que ainda duvida, se bem que tenha presenciado tudo com seus próprios olhos. Pode crer que havia algo mais além da contenda entre o espírito de Strake e o espírito da casa Aylmer. E o senhor não tem o direito de ser descrente. Deveria defender tudo que as pessoas estúpidas consideram superstição. Ora, confesse: não acha que existe alguma coisa de verdade nas histórias populares que falam de sinas, encantamentos etc., incluindo balas de prata? Como católico, o que tem a dizer sobre isso?

— Direi que sou agnóstico — respondeu padre Brown, sorrindo.

— Que disparate! — exclamou o outro com impaciência. — O senhor teria obrigação de acreditar nestas coisas.

— É claro que acredito em algumas coisas — concedeu o padre Brown. — Portanto, é claro, não acredito em outras.

Aylmer estava todo inclinado para a frente, fitando-o com estranha intensidade, quase como um hipnotizador.

— O senhor acredita... — dizia ele —, o senhor acredita em tudo. Nós acreditamos, mesmo quando estamos negando tudo. Os que negam acreditam. Os descrentes creem. Lá no íntimo, o senhor acredita que essas contradições, na realidade, não se contradizem porque há um cosmo que as abarca. As almas giram numa roda de estrelas, por isso, todas as coisas se repetem... é possível que eu e Strake tenhamos lutado sob várias formas,

forma animal, de pássaro, e, talvez, continuemos a lutar para sempre. Mas uma vez que procuramos nos encontrar, até mesmo esse ódio eterno corresponde a um amor eterno. O bem e o mal giram no mesmo círculo e são uma só coisa. O senhor acredita, por certo, além de tudo aquilo em que crê, que só existe uma realidade, da qual nós somos as sombras, e que todas as coisas são apenas outros tantos aspectos de uma só coisa, um centro no que todos os homens se fundem e este homem em Deus?

— Não, não acredito — respondeu o padre Brown.



Lá fora começava a cair o crepúsculo numa daquelas tardes pesadas de neve, em que a terra se mostra mais luminosa que o céu. Na varanda principal, visível através das cortinas da janela, padre Brown distinguia vagamente uma figura corpulenta. Olhou disfarçadamente para a porta envidraçada por onde entrara e na qual se recortavam duas silhuetas imóveis. Avistava também, no chão, duas sombras esguias, alongadas pela luz da tarde, mas que deixavam adivinhar duas figuras de homem.

O Dr. Boyne atendera seu recado. A casa estava cercada.

— De que adianta negar? — insistia o dono da casa, sempre com o mesmo olhar fixo. — Acaba de ver com seus próprios olhos uma parte deste drama eterno. Viu como John Strake ameaçava assassinar Arnold Aylmer por artes de magia negra. E viu como Arnold Aylmer matou John Strake por artes de magia branca. Está vendo na sua frente Arnold Aylmer, bem vivo, que neste momento está lhe falando. E nem mesmo assim acredita!?

— Não, não acredito — disse o padre Brown. E levantou-se da cadeira como quem dá por terminada a visita.

— Mas por quê? — insistiu o outro.

O padre mal levantou a voz, mas ela ressoou em todos os cantos da sala como um sino.

— Porque você não é Arnold Aylmer — respondeu. — Eu sei quem você é. Seu nome é John Strake e foi você que assassinou o último de seus irmãos, que jaz lá fora, na neve.

O outro arregalou os olhos que quase lhe saltavam das órbitas, a ponto de deixar ver um círculo branco em torno da íris, como se tentasse um último esforço para hipnotizar o companheiro. Depois fez um movimento súbito para se virar de lado, mas nesse instante a porta atrás dele se abriu para dar passagem a um enorme detetive à paisana, que lhe pôs a mão no ombro. A outra mão pendia, segurando um revólver. O sujeito olhou em volta, aterrorizado, e viu policiais à paisana nos quatro cantos da sala, agora silenciosa.



Nessa noite, padre Brown teve outra longa conversa com o Dr. Boyne acerca da tragédia da família Aylmer. Nessa altura ninguém duvidava mais do caso, pois John Strake confessara sua identidade e os próprios crimes. Seria mais exato dizer que ele se gabara de suas vitórias. Comparado ao fato de ter consumado a tarefa de sua vida com a morte do último Aylmer, todo o resto, incluindo a própria existência, parecia indiferente.

— O sujeito é uma espécie de monomaníaco — explicou padre Brown. — Nada mais lhe interessava, nem sequer cometer outro crime. Devo-lhe esse favor, e esse pensamento é que me serviu de conforto várias vezes esta tarde. Como você pode calcular, em vez de urdir todo aquele complicado romance sobre vampiros com asas e balas de prata, o homem podia muito bem ter me metido no corpo uma simples bala de chumbo e fugido da casa. Garanto que receei isso diversas vezes.

— Não entendo por que ele não o fez — observou o Dr. Boyne —, e não entendo muitas coisas mais. Como diabos descobriu tudo, e, para ser mais concreto, o que descobriu?

— Oh, foi você quem me forneceu informações muito importantes — replicou modestamente o padre Brown —, especialmente uma, que foi fundamental. Refiro-me àquela afirmação de que Strake era um grande mentiroso, muito imaginativo, com grande presença de espírito para contar suas invenções. Ele precisou dela esta tarde, mas esteve à altura. Seu único erro, talvez, foi escolher uma história sobrenatural. Estava convencido de que eu, por ser sacerdote, acreditaria em tudo. Muita gente tem noção errada a esse respeito.

— Mas tudo isso não tem pé nem cabeça — tornou o doutor. — De fato, Precisa começar do início.

— O início de tudo foi o roupão — começou com simplicidade padre Brown. — Foi para mim o melhor disfarce. Quando encontramos um homem de roupão, partimos do princípio de que ele está em sua própria casa. Foi o que pensei. Mas depois começaram a surgir pequenas coisas. Quando ele pegou a pistola apertou o gatilho, segurando-a com o braço esticado, como é costume para ver se a arma está ou não carregada. Ora, ele devia saber se as pistolas que tinha estavam carregadas. Achei estranha a maneira como ele procurou o *brandy* e também o fato de quase jogar o aquário no chão. Quando temos em casa um ornamento assim frágil, habituamo-nos a evitá-lo maquinalmente. Mas tudo isso podia ser impressão minha. O ponto principal foi este: ele saiu do corredor entre duas portas, aí só havia outra porta que dava para um quarto e presumi que seria o de dormir... e ele saía de lá. Tentei abrir, mas estava fechada à chave. Achei isso estranho e espreeitei pela fechadura. O quarto estava totalmente vazio, sem cama nem nada. Portanto, o sujeito não viera dali, mas lá de fora. E quando verifiquei isso entendi tudo. O pobre Arnold Aylmer dormia, e, provavelmente, fazia toda a sua vida no andar de cima. Desceu de roupão e passou pela porta dos vidros vermelhos. No fundo do corredor, avistou a silhueta do inimigo, em contraluz. Viu um homem alto e barbudo, de chapéu de abas largas e uma capa comprida e negra. Pouco mais lhe foi dado ver porque Strake saltou em cima dele, estrangulando-o ou o apunhalando, isso saberemos depois da autópsia. Nessa altura, Strake contemplava seu triunfo sobre o último inimigo e ouviu algo que não esperava: o som de passos na sala ao lado. Era eu que vinha entrando pela porta envidraçada. Seu disfarce foi um milagre de rapidez. Imaginou não só o disfarce, mas também o romance improvisado. Tirou a capa e o chapéu, e envergou o roupão do defunto. Depois fez uma coisa espantosa, pelo menos é o que me espanta mais do que todo o resto. Pendurou o cadáver como se fosse um casaco num dos pregos do cabideiro. Cobriu-o com a capa que lhe chegava abaixo dos calcanhares e tapou sua cabeça com o chapéu de abas largas. Era a única maneira de escondê-lo no estreito corredor, que só tinha uma porta fechada à chave, mas era, de fato, uma maneira muito engenhosa. Eu mesmo passei uma vez junto ao cabideiro sem suspeitar que haveria ali outra coisa. Acho que vou lembrar sempre com um arrepio dessa minha distração. A coisa podia ter ficado por aí, mas havia a possibilidade de eu

vir a descobrir o corpo de um momento para o outro. E, nesse caso, tinha que haver uma explicação para o cadáver. Ele optou pela hipótese ousada de ser ele a descobri-lo e a explicar sua presença. Foi então que seu espírito extremamente fértil e engenhoso concebeu a história da substituição: a inversão de papéis. Ele já assumira o papel de Arnold Aylmer. Por que não atribuir ao morto o papel de John Strake? Essa estranha confusão deve ter seduzido aquela mente confusa. Era como um sinistro baile de máscaras em que dois inimigos mortais trocam de trajes. Só que esse baile seria uma dança de morte, uma vez que um deles já estava liquidado. Estou vendo o sujeito imaginando tudo isso e sorrindo lá por dentro.

Padre Brown olhava o vazio com seus grandes olhos cinzentos, os traços mais notáveis de seu rosto quando não estavam ocultos pelo frequente piscar. E prosseguiu muito sério, com toda a simplicidade:

— Todas as coisas nos vêm de Deus, sobretudo a razão e a imaginação que representam dois dos nossos dons mais preciosos. São bons em si, e mesmo quando pervertidos, não devemos esquecer sua origem. Ora, este homem possuía um dom muito nobre que perverteu, o dom de contar histórias. Seria um grande romancista, só que usou esse dom para fins práticos e perversos, para enganar o velho Aylmer com desculpas inventadas e engenhosas mentiras. Isso podia não ter passado, no início, de histórias mirabolantes, como as da criança que tanto pode afirmar que viu a rainha da Inglaterra como a rainha das fadas. Esse dom cresceu com ele a par do vício que perpetua todos os vícios, ou seja, a vaidade. Sentia-se cada vez mais orgulhoso por ser capaz de inventar histórias originais e de desenvolvê-las com sutileza. A isso referiam os jovens Aylmer quando afirmavam que ele exercia um fascínio sobre o pai, e era verdade. O mesmo encantamento que a narradora de *As Mil e Uma Noites* exercia sobre o tirano. E assim ele ia vivendo com o orgulho do poeta e a falsa e impenetrável coragem do mentiroso nato. Sempre que corria perigo poderia inventar mais histórias das *Mil e Uma Noites*. E hoje ele corria perigo de verdade.

“Mas, como disse, estou certo de que ele gozava a situação ao mesmo tempo em que a utilizava como defesa. Resolveu contar a história verdadeira, mas ao contrário, colocando o vivo no lugar do morto, e vice-versa. Envergara já o roupão de Aylmer, bastava agora assumir seu corpo e sua alma. Olhava o cadáver na neve como se fosse o seu próprio cadáver. Estendeu-o daquele modo para sugerir a queda de uma enorme ave de

rapina, e não se limitou a cobri-lo com suas negras vestes, como o envolveu também numa história sinistra, fazendo-o passar por uma ave agourenta, que só poderia ser derrubada com uma bala de prata. Não sei se seria a prata que cintilava sobre o aparador, se o brilho da neve lá fora, que sugeriu ao seu temperamento extremamente artístico o tema da magia branca e da prata usada contra os feiticeiros. Mas fosse qual fosse a inspiração, ele soube usá-la como um poeta, e o fez com toda a rapidez de um homem prático. Completou a troca e a inversão dos papéis estatelando o corpo na neve como se fosse o cadáver de Strake. Fez o possível para criar uma imagem dele como algo de arrepiante que paira no ar, uma ave agourenta dotada de asas e garras mortíferas, a fim de explicar a falta de pegadas e outros vestígios. Como autor de uma farsa no maior descaramento artístico, confesso minha admiração por ele. Consegui transformar as contradições que o caso apresentava em argumentos a seu favor. Declarou que o fato de a capa ser comprida demais provava que o outro nunca caminhara na terra como os simples mortais. Ao dizer isso, fitava-me intensamente, e, então, algo me disse que ele estava tentando uma tremenda impostura.

O Dr. Boyne inquiriu, pensativo:

— E foi nessa hora que descobriu a verdade? Há algo de estranho e excitante em tudo que se relaciona com a identidade, acho. Não sei o que seria mais fantástico, neste caso, se adivinhar de repente ou lentamente o que estava acontecendo. Refiro-me ao momento em que o senhor desconfiou e teve certeza.

— Acho que desconfiei realmente quando lhe telefonei — replicou o padre. — E foi nem mais nem menos por causa daquele reflexo de luz vermelha que ora brilhava ora escurecia sobre o carpete. Lembrava uma poça de sangue clamando por vingança quando ficava mais viva. Qual o motivo daquela mudança de cor? Não podia ser o sol, que eu sabia não estar descoberto. Só podia ser a porta do jardim sendo aberta e fechada. Mas se o homem tivesse ido lá fora e avistado o inimigo, teria logo dado o alarme. Mas só dali a pouco se ouviu o barulho do tiro. Pressenti que ele tinha ido lá fora fazer alguma coisa... preparar fosse o que fosse... mas daí a ter certeza ia uma distância. Percebi, no fim, que ele estava tentando me hipnotizar. Dominar-me com a magia negra dos olhos como talismãs e da voz como encantação. Era isso que ele fazia, sem dúvida, com o velho Aylmer. Não era só o que fazia, mas também o que dizia. Era toda uma religião e uma filosofia.

— Sou um homem prático — resmungou o doutor, casmurro —, e não quero saber de religião nem de filosofia!

— Enquanto pensar assim nunca será um homem prático, meu caro doutor — disse o padre Brown. — Ora, me conhece muito bem. Sabe perfeitamente que não sou tacaño. Sabe que não ignoro o fato de que existem boas pessoas nas religiões más, e más pessoas nas religiões boas. Mas há um pequeno fato que eu aprendi simplesmente por experiência, como as manchas de um animal ou a marca de um bom vinho: raramente encontrei um criminoso que não discorresse sobre orientalismo, de reencarnação, de rodas do destino e serpentes mordendo a própria cauda etc. Descobri, na prática, que existe uma maldição sobre os súditos dessa serpente; eles rastejarão sobre o ventre e comerão o pó. Nunca se viu um malandro ou um patife nato que não fosse capaz de falar desse tipo de espiritualidade. Na sua origem verdadeira, as coisas devem ser diferentes, mas aqui, no nosso mundo do trabalho, é esta a religião dos patifes, e eu percebi logo que era um patife que falava comigo.

— Ora — interveio Boyne —, eu estava convencido de que os patifes escolhiam a religião que muito bem quisessem.

— Sim — concordou o padre —, ele podia ter escolhido qualquer outra religião, isto é, fingir que a professava. Se se tratasse apenas de uma simples hipocrisia, não há dúvida de que podia ser levada a cabo por um simples hipócrita. Qualquer espécie de máscara pode ser colocada em qualquer espécie de rosto. Seja quem for, é capaz de decorar determinadas frases e afirmar verbalmente que professa certos pontos de vista. Eu também posso ir para a rua anunciar que sou cristão metodista ou de outra seita qualquer, embora receie não fazê-lo de modo muito convincente. Mas estamos falando de um artista. E, para gozo do artista, sua máscara deve ser de certo modo moldada sobre seu próprio rosto. O que ele mostra para o exterior tem de corresponder a alguma coisa lá dentro. Ele apenas tira efeitos dos materiais que compõem sua alma. Suponhamos que ele afirmasse que era metodista... nunca conseguiria ser um metodista tão eloquente como era um místico fatalista. Falo da espécie de ideal que professam os que na verdade tentam ser idealistas. Todo o empenho dele era me convencer de que era o mais idealista possível... e sempre que um sujeito dessa espécie pretende isso, vê-se logo que é deste ideal que se trata. Pode estar escorrendo sangue, mas ainda é capaz de nos afirmar sinceramente que o budismo é melhor que o cristianismo. Mais ainda, que o

budismo é mais cristão que o cristianismo. Basta isso para esclarecer de maneira chocante a ideia que eles fazem do cristianismo!

— Diabos me levem — exclamou o doutor rindo — se entendo. Está acusando ou defendendo o homem?

— Afirmar que um sujeito é um gênio não significa defendê-lo! — respondeu padre Brown. — Muito longe disso. É uma questão psicológica um artista se trair pela sinceridade. Leonardo da Vinci seria incapaz de fingir que não sabia desenhar. Mesmo que tentasse, seria sempre uma péssima imitação. Este homem seria um desastre se tentasse fingir que era metodista.

Quando o padre saiu para casa, o frio se tornara mais intenso, mas, de certo modo, inebriante. As árvores lembravam candelabros de prata numa estranha candelária de purificação. Era um frio penetrante, como aquela espada de prata pura que trespassou um dia o coração da Pureza. E, contudo, não era um frio mortal, exceto no sentido em que parecia destruir todas as obstruções mortais à nossa imortal e incomensurável vitalidade. O verde pálido do céu crepuscular, com uma estrela que recordava a de Belém, lembrava, por estranha contradição, uma caverna de claridade. Era como uma fornalha esverdeada e fria que despertasse para o calor todas as coisas, e quanto mais profundamente elas mergulhassem nessa fria tonalidade cristalina, mais leves se tornavam, quais criaturas aladas, transparentes como o vidro. Tinham ao contato com a verdade e separavam a verdade do erro com uma lâmina transparente como o gelo. E tudo o que restava ficava mais vivo do que nunca. Era como se toda a alegria fosse uma joia no coração de um iceberg. O padre não conseguia entender bem seus sentimentos, avançando cada vez mais naquela verde luminosidade, aspirando a pureza virginal do ar. Tudo o que era mórbido e confuso ficara para trás, a neve apagara com a sua brancura as pegadas do homem sanguíneo. Enquanto prosseguia em sua caminhada para casa, padre Brown ia murmurando para si mesmo: “E, contudo, ele tinha razão quando falava de uma magia branca, só que não soube onde procurá-la...”



VII

A maldição dos Darnaways

Os dois pintores contemplavam a mesma paisagem, uma paisagem marinha, e ambos se sentiam estranhamente impressionados, muito embora suas impressões não fossem precisamente as mesmas. Para um deles, um artista londrino em ascensão, era uma novidade, embora estranha. Para o outro, um artista local, se bem que sua fama tivesse ido além de seu país, a paisagem era conhecida, embora talvez a achasse mais estranha ainda pelo que sabia a seu respeito.

Em termos de formas e cores, como os dois a viam, era apenas uma extensão de praias de areia ao pôr do sol, em gradações de tons sombrios, verdes secos, bronzes e marrons, tons esfumados que não eram propriamente monótonos, pareciam mais misteriosos que o ouro. O que vinha quebrar todas essas linhas horizontais era um edifício comprido que partia dos campos e se prolongava até a praia, onde o mato seco e os caniços vinham se juntar às algas marinhas. O que havia nele de mais singular era a parte superior, com aspecto de ruína, perfurada por tantas janelas e fendas que mais parecia um esqueleto à luz da tarde que morria. Na parte inferior quase não havia janelas, a maioria inutilizada e tapada com tijolos, de modo que seus contornos mal se distinguiam no crepúsculo. No entanto, restava ainda uma janela, e, coisa estranha, iluminada.

— Quem diabos deve morar naquele antro? — exclamou o pintor londrino, um jovem alto de aspecto boêmio e uma barba ruiva que o fazia parecer mais velho. Em Chelsea era conhecido como Harry Payne.

— Algum fantasma, talvez — replicou o amigo, Martin Wood. — As pessoas que moram ali são, mais ou menos, todas fantasmas.

Pode parecer um paradoxo o fato de o artista londrino se revelar de humor quase bucólico ao manifestar-se maravilhado com o que via, ao passo que o pintor local, mais observador e experiente, olhava o outro com ironia amigável: ele era, de fato, um sujeito calmo e mais convencional,

vestia roupas mais escuras e seu rosto bem barbeado era quadrado e impassível.

— Claro que isso não passa de um sinal dos tempos — prosseguiu ele —, ou o que o tempo faz com as famílias antigas. O último dos grandes Darnaways habita aquela casa, e há poucos pobres tão pobres como ele. Nem sequer têm meios para tornar o andar de cima habitável, são obrigados a viver na parte de baixo, em ruínas, como as corujas e os morcegos. Mas os retratos dos antepassados remontam à Guerra das Rosas e aos primeiros pintores retratistas da Inglaterra, alguns deles muito bons. Por acaso eu os conheço, uma vez me pediram opinião sobre eles, como avaliador. Especialmente um dos primeiros, é tão bom que impressiona a ponto de causar arrepios.

— Toda aquela casa deve ser arrepiante, calculo pela aparência — replicou Payne.

— Tem razão — concordou o amigo. — É isso mesmo.

O silêncio que se seguiu foi quebrado por um leve roçar entre os arbustos junto ao fosso, e não é de estranhar que ambos experimentassem um ligeiro sobressalto ao verem uma silhueta escura passar ao longo da margem, movendo-se rapidamente como um pássaro assustado. Era apenas um homem que caminhava apressado, um saco preto na mão: um homem de rosto magro e alongado e olhos vivos, que observavam o pintor estrangeiro de modo um tanto hostil e desconfiado.

— É o Dr. Barnet — explicou Wood com uma espécie de alívio. — Boa tarde, doutor. Vai para aquela casa? Espero que ninguém esteja doente.

— Num lugar como aquele tem sempre alguém doente — resmungou o médico —, só que às vezes estão todos tão mal que nem percebem. O próprio ar ali é uma moléstia e uma pestilência. Por mim, não queria estar na pele daquele moço da Austrália.

— E quem vem a ser esse moço da Austrália? — inquiriu Payne em tom distraído.

— Ah — rosnou o médico —, então seu amigo não contou? Na verdade, acho que ele só chegou hoje. Aquilo é mesmo um romance dramático à moda antiga: o herdeiro que regressa das colônias a seu castelo arruinado. Nem sequer falta o velho contrato de família que o obriga a se casar com a dama lá do alto de seu torreão coberto de hera. Coisas de outros tempos, não é? Às vezes ainda acontecem. Parece até que ele traz algum dinheiro, e isso é a única coisa agradável da história.

— E que acha disso a própria *Miss Darnaway*, lá no alto de sua torre?
— perguntou secamente Martin Wood.

— O mesmo que acha do resto, e há muito tempo — replicou o médico.
— Naquele antro de superstições ninguém pensa, apenas sonham e divagam. Acho que ela aceita o compromisso daquele marido colonial como parte da maldição que pesa sobre os Darnaway. Estou mesmo convencido de que se o noivo fosse um corcunda negro, zarolho e maníaco homicida ela acharia o fim normal de toda aquela tragédia e se integraria naquele escuro cenário.

— O retrato dos vizinhos que apresenta a meu amigo não é lá muito animador! — exclamou, rindo, Martin Wood. — E eu pretendia levá-lo lá para uma visita... nenhum artista deve perder a chance de ver aqueles retratos dos Darnaways. Mas talvez seja melhor adiar a visita, já que estão em plena invasão australiana.

— Oh, não deixe de visitá-los por isso — exclamou entusiasticamente o médico. — Tudo o que possa animar a vida deles tornará mais fácil minha tarefa. Mas acho que, para animá-los, seriam necessários muito mais primos australianos e mais alegres do que este. Vamos, venham comigo!



A mansão era isolada como uma ilha no meio de um fosso de água viscosa, que eles atravessaram por uma ponte. Do outro lado, vasto terraço ou cais de pedra era coberto de rachaduras, das quais brotavam, aqui e ali, tufo de mato seco e cardos espinhosos. A plataforma parecia grande e nua à luz do crepúsculo e Payne nunca imaginou que um lugar assim pudesse representar tão bem a própria alma da solidão. Subia-se de um lado, qual gigantesco degrau e, mais adiante, via-se uma porta, com arcada estilo Tudor, aberta de par em par, mas escura como uma gruta.

Quando o animado doutor os convidou, sem cerimônia, a entrar por ali, Payne sentiu outro choque. Esperava subir por uma estreita escada em caracol para a torre em ruínas; mas os primeiros degraus no interior da casa eram de descida, um curto lance que dava para compartimentos sombrios, que poderiam muito bem ser as masmorras embaixo do fosso do castelo se não fossem as prateleiras poeirentas carregadas de livros e as filas de

retratos escuros nas paredes. Aqui e ali, uma vela espetada num castiçal antigo iluminava um ou outro detalhe de uma elegância morta. O que mais impressionava ou deprimia o visitante, contudo, não era tanto a luz artificial, mas o reflexo de luz natural. Quem atravessasse aquela comprida sala se deparava com a única janela que se abria na parede, uma estranha e baixa janela oval estilo fins do século XVII. O que nela havia de anormal é que não se abria para o céu, mas para um reflexo dele, uma pálida nesga espelhada na água do fosso, à sombra da margem. Payne recordou-se da Dama de Shalot, de Tennyson, que nunca na vida vira o mundo exterior senão no espelho. A dama de Shalot neste caso não só via o mundo através de um espelho como, de certo modo, virado ao contrário.

— É como se a casa dos Darnaways estivesse caindo não só metaforicamente, mas também literalmente — murmurou Wood em voz baixa. — É como se ela se enterrasse pouco a pouco num pântano ou em areia movediça, até que o mar acabe por cobri-la como um teto verde...

Até mesmo o Dr. Barnet estremeceu com a chegada silenciosa da figura que veio recebê-los. De fato, a sala continuava tão silenciosa que todos se admiraram ao ver que não estava deserta. Havia ali três pessoas, três figuras imóveis e obscuras na sala obscura, todas vestidas de negro, e lembravam sombras negras. A que mais próxima se acercou da janela, revelando um rosto que parecia tão cinza quanto a cabeleira. Era o velho Vine, o mordomo, que há muito se achava *in loco parentis*, desde a morte do excêntrico patriarca, o último Lord Darnaway. Vine poderia se considerar um belo homem se não tivesse nenhum dente. Mas acontece que tinha um, que mostrava de vez em quando e lhe conferia um ar sinistro. Recebeu o médico e os companheiros com amável cortesia e conduziu-os até as outras duas personagens vestidas de negro. Uma delas, cogitou Payne, emprestava ao ambiente vetusto do castelo mais um toque de antiguidade: era um padre católico que podia muito bem ter acabado de sair de um esconderijo do tempo das perseguições. Payne imaginava-o murmurando orações ou fazendo o rosário, tocando os sinos ou alguma outra coisa vaga e melancólica naquele melancólico ambiente. No momento, imaginou que estava ali ministrando à senhora o conforto da religião. No entanto, não parecia que esse consolo fosse muito eficaz, ou, de qualquer modo, animador. A figura do padre era insignificante, feições comuns e inexpressivas. Quanto à dama, o caso era outro. O rosto dela estava longe de ser feio ou insignificante. Destacava-se do negrume da roupa, do cabelo

e do cenário com uma palidez tremenda, mas de uma beleza viva e quase terrível. Payne a contemplou o mais longamente que pôde e a contemplaria ainda durante muito mais tempo... até morrer...

Wood limitou-se a trocar com os amigos apenas as frases de boa educação necessárias para seu objetivo de voltar a examinar os retratos. Pediu desculpas por aparecer num dia em que festejavam a chegada de um parente, mas logo verificou que a família parecia vagamente aliviada por ter visitas para distraí-los e quebrar o gelo. Não hesitou em conduzir Payne através da sala central até a biblioteca, onde se encontrava o retrato, pois a verdade é que havia um que ele estava sobretudo empenhado em mostrar, não só como quadro, mas como enigma. O padre os acompanhou: pelo visto, sabia tanto de pintura antiga como de antigas rezas.

— Sinto-me muito orgulhoso por ter feito esta descoberta — declarou Wood. — Julgo tratar-se de um Holbein. Se não é, existia nesse tempo um pintor tão genial como Holbein.

O retrato era no estilo vigoroso, vivo e sincero da época, e representava um homem de trajes negros debruados de ouro e peles. Tinha um rosto pálido e cheio e olhos penetrantes.

— Pena que a arte não tenha parado precisamente neste período de transição — murmurou Wood — e nunca mais avançasse! Não acha que a figura tem a realidade necessária para parecer verdadeira? Este rosto parece que fala, sobretudo porque se destaca num fundo de coisas menos importantes. E os olhos, se é possível, são ainda mais reais que o resto. Juro que me parecem reais demais! Tenho a impressão de que estes olhos vivos e matreiros espreitam de dentro de uma enorme e pálida máscara!

— Acho que a rigidez do rosto se estende um pouco até a figura — observou Payne. — Nos fins da Idade Média, os pintores ainda não dominavam bem a anatomia. Pelo menos no norte. Aquela perna esquerda não me parece lá muito bem desenhada.

— Eu não diria isso — disse Wood calmamente. — Os sujeitos que pintavam quando o realismo teve início, e antes de ele ser ultrapassado, eram às vezes muito mais realistas do que podemos imaginar. Reproduziam certos detalhes que hoje julgamos meramente convencionais. Você pode pensar que as sobrancelhas e as órbitas deste sujeito estão um pouco tortas, mas eu aposto que, se o conhecêssemos, verificaríamos que ele tinha uma sobrancelha mais alta que a outra. E não me admiraria que fosse manco e que aquela perna estivesse torta de propósito.

— É estranho, o diabo do homem! — exclamou de súbito Payne. — Desculpe minha linguagem!

— Está desculpado. Mas eu acredito no diabo — disse o padre com expressão impenetrável. — E, curioso, há uma lenda que diz que o diabo é manco.

— Ora, vamos — protestou Payne. — Não está querendo me dizer que esse cara era o diabo. Mas quem diabos era ele?

— Lord Darnaway, nos tempos de Henrique VII e Henrique VIII — explicou o companheiro. — Também há lendas curiosas a seu respeito. Uma delas vem mencionada na inscrição que rodeia a moldura e se encontra mais desenvolvida em algumas notas escritas num livro que encontrei aqui. Ambas são muito curiosas. — Payne torceu o pescoço para ler as frases arcaicas que rodeavam a pintura. Em escrita e caligrafia antigas, dizia mais ou menos este verso:

*Renascerei no sétimo herdeiro,
Na sétima hora partirei,
Nessa hora ninguém me tomará a mão,
Desgraçada aquela que possuir meu coração.*

— É de dar calafrios — comentou Payne —, mas talvez seja porque eu não entenda o que quer dizer.

— Mesmo que entendesse, é de dar calafrios — respondeu Wood em voz baixa. — A descrição que li no livro diz que, mais tarde, este belo sujeito resolveu se suicidar, e a mulher veio a ser executada pelo assassinato dele. Outra nota refere-se a uma tragédia mais recente, na época dos Georges: conta como um Darnaway se suicidou, tendo antes o cuidado de envenenar o copo de vinho da esposa. Diz-se que estes suicídios ocorreram às sete da noite. Acho que a lenda diz que o sujeito volta no corpo de cada sétimo herdeiro e faz a desgraça de qualquer dama que tenha a triste ideia de se casar com ele.

— Nesse caso — observou Payne —, a lenda torna as coisas muito difíceis para o próximo sétimo herdeiro.

Wood baixou ainda mais a voz para dizer:

— O próximo herdeiro é o sétimo.

Harry Payne sacudiu subitamente os largos ombros como quem se livra de um fardo, exclamando:

— Mas que tolices estamos dizendo? Somos todos homens cultos e acho que pertencemos a uma geração esclarecida. Antes de me encontrar nesta maldita e úmida atmosfera, nunca pensei que pudesse falar de coisas assim, a não ser para rir delas.

— Tem toda razão — confirmou Wood. — Mas se você se demorasse algum tempo neste palácio subterrâneo, tenho certeza de que pensaria de outra forma. Comecei a sentir de maneira diferente em relação a este quadro depois de mexer nele muitas vezes. Chego a pensar que este rosto está mais vivo do que as pessoas que vivem aqui, que ele tem uma espécie de talismã ou magneto, que ele comanda os elementos e influencia o destino dos homens e das coisas. Claro que vocês acham tudo uma grande fantasia...

— Que barulho é esse? — exclamou subitamente Payne.

Todos se puseram a escutar. Parecia não haver nenhum ruído além do marulhar distante do mar. Depois começaram a perceber alguma outra coisa, como que uma voz chamando acima do barulho das ondas, distante a princípio, mas se aproximando cada vez mais. Logo tiveram certeza: alguém estava chamando, lá fora, no escuro.

Payne se virou para a janela baixa e se curvou para olhar lá fora. Dali nada mais se via além da água do fosso e o reflexo da margem e do céu. Mas a imagem não era a mesma de pouco antes. Refletiam-se agora na água duas sombras esguias, pés e pernas recortadas no pálido reflexo do crepúsculo na água. Mas talvez pelo fato de a cabeça se achar invisível, como que oculta nas nuvens, o som que se seguiu parecia ainda mais sinistro: era a voz de um homem gritando algo que eles não entendiam. Payne, que espreitava pela janela com expressão alterada, comentou com uma voz que também não era normal:

— Que modo estranho ele tem de ficar em pé!

— Não é nada disso! — explicou Wood num murmúrio, como que a tranquilizá-lo. — As coisas parecem muitas vezes alteradas no reflexo. É o movimento da água que causa essa impressão.

— Que impressão? — inquiriu o padre secamente.

— De que ele tem a perna esquerda torta — explicou Wood.

Payne considerara a janela oval uma espécie de espelho mágico: parecia-lhe que via nela outras imagens de pesadelo. Havia algo além da figura que ele não conseguia decifrar. Na claridade do crepúsculo

sobressaíam três pernas mais finas, como se o estrangeiro tivesse junto dele uma aranha monstruosa com três patas, ou uma ave. Depois ocorreu-lhe a ideia menos trágica de um tripé, como o dos oráculos pagão. Mas tudo em breve desapareceu e até as pernas do homem sumiram.

Quando Payne se virou, deparou-se com o rosto do velho Vine, o mordomo, de boca aberta, o único dente à mostra, ansioso por falar:

— Ele já chegou! — exclamou. — O navio da Austrália chegou esta manhã!



Ao passarem da biblioteca para o salão central ouviram os passos do recém-chegado que descia os degraus da entrada, arrastando atrás de si os diversos volumes da reduzida bagagem. Ao ver um deles, Payne riu com um certo alívio. As três pernas eram apenas o tripé de uma máquina fotográfica portátil e desmontável, e o homem que a transportava era, pelo visto, um ser igualmente normal e sólido. Envergava terno escuro, despretenso e informal com camisa de flanela cinza e suas botas ressoavam com um barulho inconfundível nas salas silenciosas. Ao se aproximar para cumprimentar sua nova família mal se percebia que era manco. No entanto, Payne e os companheiros não conseguiam desviar os olhos ao contemplar seu rosto.

O hóspede não demorou a notar que havia algo de estranho e desagradável na recepção que lhe davam, mas não havia dúvida de que ele ignorava totalmente o motivo. A dama, que diziam ser sua noiva, era bonita o suficiente para interessá-lo, mas ao mesmo tempo era evidente que o assustava. O velho mordomo acolheu-o com uma espécie de respeito feudal, mas o tratava como se fosse o fantasma da família. O padre continuava a olhá-lo com sua expressão indecifrável, que acabava sendo enervante. Uma nova espécie de ironia, mais semelhante à ironia grega, começou a aflorar à mente de Payne. Imaginara o estrangeiro como um demônio, mas parecia ainda mais trágico o fato de ser um agente inconsciente do destino, rumando para o crime com a monstruosa inconsciência de Édipo. Acercara-se da mansão familiar com o espírito tão alegre e descontraído que montara a máquina fotográfica para retratar suas

primeiras impressões, e até mesmo seu tripé assumira a aparência de uma pitonisa de tragédia.

Ao se despedir, Payne ficou surpreso ao ver que, afinal, o australiano não estava tão inconsciente como parecia do que se passava em volta, porque lhe disse em voz baixa:

— Não vá embora já... ou, pelo menos, volte em breve. Você parece um ser humano. Este lugar me causa, positivamente, arrepios...



Quando Payne emergiu dos subterrâneos para o ar fresco da noite, que cheirava a mar, parecia ter saído de um submundo de sonho, onde os acontecimentos se sucediam de modo assustador e irreal. A chegada do parente desconhecido não correra nada bem. A semelhança do recém-chegado com o retrato impressionara-o como se fosse um monstro de duas cabeças. E, contudo, não era um pesadelo, nem era o rosto dele que via com mais clareza.

— O que disse? — perguntou ele ao médico enquanto caminhavam pela areia, junto ao mar que escurecia.

— Disse que o rapaz é noivo de *Miss Darnaway* em virtude de um pacto de família ou coisa que o valha... Até parece um romance.

— Mas é um romance histórico — replicou o médico. — Os Darnaways desapareceram todos há séculos, quando as coisas aconteciam de um modo que hoje só lemos nos romances. Sim, acho que havia uma tradição na família, segundo a qual os segundos ou terceiros primos se casavam quando havia uma certa relação de idade, a fim de unir a propriedade. Uma tradição bem estúpida, digo eu, e, uma vez que se casaram muitas vezes desta maneira, isso explica, segundo as leis da hereditariedade, que tenham acabado um tanto avariados...

— Eu não diria que são todos avariados — comentou Payne com uma certa aspereza.

— Bem — tornou o médico —, o rapaz não me parece avariado, embora seja manco.

— O rapaz! — exclamou Payne, com súbita e inexplicável irritação. — Se acha que a senhora também parece avariada, seu gosto é que deve estar

avariado!

O rosto do médico ficou ainda mais severo e respondeu secamente:

— A esse respeito sei mais do que você.

Terminaram a caminhada em silêncio, sentindo ambos que tinham sido irracionalmente mal educados. Payne ficou sozinho, cogitando sobre o caso, uma vez que o amigo Wood ficara para trás, ocupado com algum assunto relacionado aos quadros.



Payne aceitou de braços abertos o convite do primo da Austrália, que queria alguém perto para animá-lo. Nas semanas que se seguiram, passou grande parte do tempo no interior escuro da mansão dos Darnaway, embora não se possa afirmar que dedicasse todo o tempo fazendo companhia ao primo. A depressão da senhora devia ser mais antiga e necessitava de maior apoio. De qualquer modo, mostrou a maior boa vontade em ajudar, mas se sentia mal disposto e inseguro. As semanas se sucediam e ninguém conseguia descobrir, pelo comportamento do jovem Darnaway, se ele se considerava ou não sujeito ao velho compromisso. Vagueava pelas galerias escuras contemplando vagamente o retrato sinistro. As sombras daquele castelo-prisão começavam certamente a exercer seu efeito sobre ele e agora pouco restava da antiga pose que ostentava na chegada. Contudo, Payne considerava que nada disso lhe dizia respeito. Tentou uma vez fazer confidências ao amigo Martin Wood, que andava sempre ocupado em suas atividades artísticas, mas não tirou disso grande satisfação.

— Acho que você não deve se intrometer — aconselhou — por conta desse tal compromisso.

— Claro que não vou me intrometer se houver um compromisso — replicou o amigo. — Mas há? Ainda não disse nada. Pelo que percebi, creio que ela acha que não há, mesmo que considere que pudesse haver. Ele não fala nisso, nada dá a entender. Por mim, acho que as evasivas são prejudiciais para todos.

— Sobretudo para você — disse Wood com certa aspereza. — Mas, se quer saber, acho que o sujeito está com medo.

— Medo de ser rejeitado? — inquireu Payne.

— Não, medo de ser aceito — respondeu o outro. — Espere, não me morda. Não estou dizendo que ele tem medo da garota. Digo que ele tem medo do retrato.

— Do retrato? — repetiu Payne.

— Quero dizer, da maldição — explicou Wood. — Não se lembra do verso que fala da maldição que vai cair sobre ele e ela?

— Sim, mas olhe aqui — exclamou Payne —, a maldição dos Darnaway não pode funcionar nos dois sentidos. Diz primeiro que eu não tenho chance por causa do compromisso e depois afirma que o compromisso está prejudicado pela maldição. Mas se a maldição pode destruir o compromisso, por que ela ficaria ligada ao compromisso? Se eles receiam se casar, por que diabos não se casam com outras pessoas? Assim, acaba, ficam livres de tudo. Por que serei eu a vítima de um compromisso que eles não vão respeitar? Sua opinião parece muito irracional.

— Tudo isso é uma grande trapalhada, claro — respondeu Wood, de mau humor.

E continuou a martelar a moldura de uma tela.



De repente, numa bela manhã, o novo herdeiro quebrou o silêncio. E de uma forma curiosa, um pouco rude, como era sua maneira de ser, mas com um desejo evidente de fazer as coisas corretamente. Pediu conselho, com toda a franqueza, não a um indivíduo em separado, como fizera Payne, mas, coletivamente, ao grupo. Quando falou dirigiu-se a todos, como um estadista a seu povo. Chamou de “pôr as cartas na mesa”. Felizmente, a dama não fazia parte da assistência e Payne estremeceu ao pensar no que ela teria sentido se estivesse ali. Mas o australiano era na verdade um sujeito honesto, e considerava que a coisa mais natural era pedir ajuda e esclarecimento, reunindo o conselho da família, perante o qual colocava suas cartas na mesa. Melhor dizer que as jogava na mesa... E o fazia com um ar desesperado, como quem tivesse passado dias e noites de preocupação, às voltas com o problema. Durante esse curto espaço de tempo, as sombras daquela casa de janelas fundas e assoalhos arruinados haviam operado nele uma mudança que em todos avivou recordações.

Os cinco homens, incluindo o médico, estavam sentados em volta de uma mesa redonda e Payne refletia vagamente que seu traje claro e o cabelo ruivo eram as únicas notas coloridas naquela sala, uma vez que o padre e o mordomo vestiam preto e Wood e Darnaway, cinza escuro, quase negro. Talvez fosse esta exceção que tivesse levado o outro a considerá-lo um ser humano. Nesse preciso instante o rapaz se virou na cadeira e começou a falar. E logo o pintor, aturdido, percebeu que ele estava se referindo à coisa mais terrível que se possa imaginar.

— Será que há alguma verdade nisso? — perguntava. — É o que venho me perguntando, tem me enlouquecido. Nunca pensei que poderia vir a me preocupar com estas coisas, mas acho que o retrato, os versos e as coincidências, ou como queiram chamar, dão calafrios quando penso nelas. Haverá alguma verdade nisso? Existirá, de fato, a Maldição dos Darnaways? Terei o direito de me casar, ou vou atrair sobre mim e sobre outra pessoa algo de horrível, que vem não se sabe de onde e que eu ignoro o que seja?!

Olhava em redor com os olhos arregalados e acabou por fixá-los no padre, a quem parecia agora se dirigir. O espírito prático de Payne se insurgiu contra o fato de se pôr o problema da superstição perante aquele juiz por natureza supersticioso. Estava sentado junto a Darnaway e se adiantou antes de o padre ter tempo de responder.

— Bem, eu concordo que as coincidências são curiosas — começou, com um esforço para falar despreocupadamente —, mas não há dúvida... — calou-se, como se lhe caísse um raio em cima. Darnaway virara a cabeça ao ouvir a interrupção e, ao mesmo tempo, a sobancelha esquerda se erguera muito acima da outra. Assim, por breves instantes, a cara do retrato fitou-o com exagerada semelhança. Os presentes haviam observado a mesma coisa e todos tinham o ar de quem foi ofuscado por um clarão. O velho mordomo soltou um gemido rouco e murmurou:

— Não há nada a fazer. Estamos perante alguma coisa horrível!

— Sim — confirmou em voz baixa o padre. — Estamos perante uma coisa horrível. A coisa mais horrível que eu conheço e seu nome é tolice.

— O que diz? — inquiriu Darnaway, olhando para ele.

— Disse “tolice” — repetiu o padre. — Se não falei até agora foi porque não era da minha conta, exercia meu ministério na região, e *Miss* Darnaway quis que eu viesse. Mas já que pergunta minha opinião, é fácil para mim dar uma resposta. Claro que não existe nenhuma maldição sobre

os Darnaway que o proíba de se casar com quem quer que seja, se forem boas as suas intenções. Nenhum homem foi fadado a cometer o mais leve pecado venial, quanto mais crimes tão graves como suicídio e assassinato! Ninguém pode cometer atos perversos contra a própria vontade, só porque seu nome é Darnaway, como o meu é Brown. A maldição dos Browns talvez até soasse melhor.

— E é então o senhor, entre todos — exclamou, admirado, o australiano —, quem me diz para encarar assim as coisas?

— E digo mais — replicou vivamente o padre. — O que há com a moderna arte da fotografia? O que é feito da sua máquina fotográfica? Aqui embaixo é muito escuro, eu sei, mas aquelas arcadas lá em cima podiam muito bem ser transformadas num estúdio fotográfico de primeira ordem. Meia dúzia de operários colocariam ali num instante um teto de vidro.

— Com franqueza! — protestou Martin Wood. — Nunca pensei que o senhor fosse capaz de querer adulterar aquelas maravilhosas arcadas góticas, a melhor herança que a sua religião deixou ao mundo. Sempre imaginei que tivesse um pouco de sensibilidade em relação a essas coisas da arte; o que não entendo é que se interesse tanto assim por fotografia.

— Interesse-me principalmente pela luz clara — disse o padre Brown —, sobretudo neste negócio tão escuro, porque a fotografia tem a virtude de estar dependente da luz. E se não entende que eu seja capaz de reduzir a pó todos os arcos góticos que há no mundo para salvar a sanidade mental de um único ser humano é porque não entende nada da minha religião.

O jovem australiano ficara subitamente em pé como um homem que rejuvenesce:

— Caramba! Isso é que é falar! — exclamou. — Nunca esperei ouvir essa opinião de sua boca. E vou lhe contar uma coisa, meu caro reverendo. O que vou fazer vai demonstrar que afinal não perdi a coragem!

O velho mordomo continuava a olhá-lo com certa desconfiança, como se receasse que o desafio do jovem escondesse alguma finalidade.

— Oh! — exclamou ele. — O que vai fazer agora?

— Vou fotografar o retrato — replicou Darnaway.



Foi dali a uma semana que a catástrofe desabou, como se caísse do céu, escurecendo o sol da sanidade mental, para a qual o padre apelara em vão, e mergulhando de novo o castelo no pesadelo da Maldição dos Darnaways.

Tinha sido bem fácil adaptar o novo estúdio. Visto de dentro, era como outro estúdio qualquer, cheio de uma luminosidade ofuscante. Quem viesse das salas escuras do andar inferior tinha a impressão de se achar de súbito na atmosfera clara e deslumbrante do futuro. Por sugestão de Wood, que conhecia bem o castelo e já se recompusera das objeções de natureza estética, tinham transformado um pequeno cubículo no andar de cima em câmara escura, dentro da qual Darnaway se refugiava da luz ofuscante para trabalhar sob os raios de uma lâmpada vermelha. Wood costumava dizer, brincando, que a lâmpada vermelha o reconciliara com o vandalismo, e que aquela escuridão trespassada de raios vermelhos era tão romântica quanto a caverna de um alquimista.

Darnaway se levantara de madrugada no dia em que tencionava fotografar o retrato misterioso e o levava da biblioteca lá para cima, através da escadinha em caracol que ligava os dois andares. Aí, instalara-o em plena luz sobre um cavalete, e armara na sua frente o tripé fotográfico. Afirmava estar ansioso por enviar aquela reprodução a um conhecido antiquário a quem escrevera, falando-lhe das antiguidades existentes na casa. Mas os outros sabiam que além deste motivo havia outros mais profundos, quando não de um duelo espiritual entre Darnaway e o retrato demoníaco, pelo menos de um duelo entre ele, Darnaway e as suas próprias dúvidas. Ele queria colocar lado a lado a iluminação da foto e da escura obra-prima e verificar se a luz crua daquela nova arte seria capaz de afastar as sombras da arte velha.

Talvez fosse por isso que ele preferia fazer o trabalho todo, sozinho, embora alguns detalhes levassem mais tempo para executar do que se imaginava. De qualquer modo, ele desencorajara os raros curiosos que procuraram visitar o estúdio no dia da experiência, e que o encontraram todo entregue à tarefa, numa atitude de isolamento impenetrável. O mordomo preparara-lhe uma refeição leve, visto ele ter se recusado a descer. O velhote foi encontrar os pratos mais ou menos vazios. Quando foi buscar a bandeja só recebeu como agradecimento um vago grunhido. Payne subira uma vez ao estúdio para ver como iam as coisas, mas ao encontrar o fotógrafo nada disposto a conversar, voltara para baixo. Sorrateiramente, padre Brown tinha subido para entregar a Darnaway uma carta do

especialista ao qual mandaria a foto. Pousara a carta numa bandeja e fosse o que fosse que achara daquela sala envidraçada, cheia de luz e devoção a um passatempo, um mundo que ele mesmo de certa maneira criara, guardou-o para si e voltou a descer. Logo lembraria que tinha sido ele o último a descer a escadinha solitária que unia os dois andares, deixando atrás de si um homem sozinho numa sala vazia. Os outros estavam reunidos no salão contíguo à biblioteca, bem embaixo do enorme relógio que lembrava um gigantesco caixão.

— Como estava Darnaway da última vez que o senhor foi lá? — perguntou Payne um pouco mais tarde.

O padre passara a mão pela testa, declarando com um sorriso triste:

— Não me diga que estou tendo maus pressentimentos. Acho que fiquei ofuscado com tanta luz e não vi bem as coisas. Para lhe dizer a verdade, achei que algo não estava certo na figura de Darnaway, parado em frente ao retrato.

— Era a perna dele — respondeu prontamente Barnet. — Todos sabemos disso.

— Olhem — murmurou de súbito Payne, baixando a voz. — Acho que nenhum de nós sabe nada disso. O que tem a perna dele? E o que tinha a perna do antepassado?

— Há qualquer coisa sobre isso nos arquivos da família que estive lendo lá dentro — declarou Wood. — Posso ir buscá-lo. — E dirigiu-se à biblioteca.

— Acho — murmurou calmamente o padre Brown — que Mr. Payne deve ter alguma razão especial para fazer esta pergunta.

— O melhor é pôr tudo em pratos limpos de uma vez — declarou Payne em voz ainda mais baixa. — Afinal, pode haver uma explicação muito simples. O sujeito pode ter fingido se parecer com o retrato. O que sabemos deste Darnaway? O procedimento dele parece agora muito esquisito...

Os outros olharam para ele espantados, mas o padre parecia aceitar com calma a sugestão.

— Acho que o quadro nunca tinha sido fotografado — observou —, por isso ele quis fazê-lo. Acho que isso não tem nada de esquisito.

— De fato, é a coisa mais comum deste mundo — observou Wood com um sorriso, entrando com um livro na mão. No momento em que ele falava ouviu-se um estalido no mecanismo do relógio atrás dele e a sala se encheu com o som de sete badaladas. Juntamente com a última veio um estrondo

do andar superior que abalou a casa toda. Padre Brown já corria para a escada.

— Meu Deus! — exclamou involuntariamente Payne. — Ele está lá em cima sozinho!

— Sim — disse padre Brown sem se virar, já desaparecendo na curva da escada —, vamos encontrá-lo sozinho.

Quando os outros voltaram a si do susto e correram, atropelando-se escada acima até o estúdio, é certo que o encontraram sozinho. Estava junto à máquina fotográfica toda quebrada, os pés cada um para um lado. Caíra por cima dela e a perna torta formava um ângulo com os destroços do tripé. Parecia que ele lutara com uma aranha enorme. Bastou vê-lo e tocá-lo para se perceber que estava morto. Apenas o retrato estava intacto sobre o cavalete, e os olhos brilhantes pareciam sorrir.



Dali a uma hora, padre Brown, que tentava acalmar a confusão na casa, aproximou-se do velho mordomo, cujos lábios repetiam certas frases com a mesma cadência com que há pouco o relógio batera a hora. Antes de ouvir as palavras, padre Brown já sabia o que ele estava murmurando:

Na sétima hora voltarei! Na sétima hora partirei!

O padre ia lhe dizer alguma coisa, mas o outro pareceu acordar num desespero súbito e seu murmúrio transformou-se num grito de raiva:

— Foi o senhor! O senhor e a sua luz! Veja se ainda pode afirmar que não existe nenhuma maldição sobre os Darnaways!

— Ainda penso da mesma maneira — disse suavemente o padre Brown. E, depois de uma pausa, acrescentou: — Espero que vocês cumpram o último desejo do pobre Darnaway e enviem a foto.

— A foto? — exclamou o médico irritado. — Mas para quê? De fato, é estranho, mas a verdade é que não há nenhuma foto. Parece que ele não chegou a tirá-la, depois de ter estado às voltas com o retrato o dia inteiro.

O padre Brown se virou vivamente para ele:

— Nesse caso, tirem vocês. É extremamente importante que se tire essa fotografia.

Como os outros visitantes, o padre, o médico e os dois artistas saíram uns atrás dos outros num triste cortejo através do areal. A princípio conservaram-se mais ou menos calados, como que aturdidos. Realmente, aquela velha superstição, no momento em que quase a haviam já esquecido, foi uma espécie de trovão no meio de um dia claro, precisamente quando o médico e o padre acabavam de encher as cabeças dos outros de ideias racionalistas, e o fotógrafo de encher o seu estúdio de sol. Por muito racionalista que eles se professassem, o certo é que, em pleno dia, o sétimo herdeiro aparecera e, também em pleno dia e na sétima hora, ele perecera.

— Creio que todas as pessoas, daqui em diante, vão acreditar na Maldição dos Darnaways — declarou Martin Wood.

— Uma sei eu que não acredita — disse azedamente o médico. — Por que acreditar em superstições quando alguém resolve se suicidar?

— Acha que o pobre Darnaway se suicidou? — inquiriu o padre.

— Tenho certeza de que se suicidou — tornou o médico.

— É possível — replicou o outro.

— Ele estava sozinho e tinha uma quantidade de veneno na câmara escura. Além disso, já é costume dos Darnaways.

— Então acha que sempre existe alguma coisa de verdade na maldição da família?

— Sim, pode haver uma maldição na família, que é a constituição dessa família. Eu já disse que era um caso de hereditariedade. Eles são todos doidos. Quando uma família fica estagnada e procria e se propaga num pântano como este, não admira que acabem degenerados, quer queiram, quer não. Não se pode fugir às leis da hereditariedade nem se podem negar as verdades da ciência. A cabeça dos Darnaways está transtornada, assim como suas vigas e paredes estão caindo aos pedaços, carcomidas pela água salgada. Suicídio? Claro que foi suicídio. Acho que os outros vão acabar se suicidando também. E até seria a melhor coisa a fazer!

Enquanto o homem da ciência falava, veio subitamente à memória de Payne, com toda a clareza, o rosto da filha dos Darnaways, muito pálida, no meio daquela escuridão, mas ainda assim de uma beleza sobrenatural. Abriu a boca para falar, mas não conseguiu.

— Pelo que vejo — disse o padre Brown ao médico —, afinal acredita na maldição!

— O que pretende dizer com isso, que eu acredito na maldição?! Eu acredito no suicídio por uma questão de necessidade científica.

— Não vejo grande diferença — tornou o padre — entre sua superstição científica e a outra. Ambas acabam deixando as pessoas tolhidas, sem conseguirem defender suas vidas nem salvar suas almas. O verso diz que é sina dos Darnaways serem assassinados, e o texto científico afirma que a sina dos Darnaways é o suicídio. Escravos da maldição.

— Ora, achei que o senhor apoiava o ponto de vista científico nesta matéria — observou o Dr. Barnet. — Então, não acredita na hereditariedade?

— Eu disse que acredito na luz do dia — replicou o padre em voz clara —, e não vou optar por um dos dois túneis de superstição, pois ambos terminam no escuro. E a prova é esta: o senhor está absolutamente no escuro sobre o que sucedeu naquela casa.

— Refere-se ao suicídio? — perguntou Payne.

— Refiro-me ao assassinato — corrigiu padre Brown. E a sua voz, apenas num tom um pouco mais alto, parecia ressoar por toda a praia. — Foi um assassinato, mas o crime depende da vontade do homem que Deus criou livre.

Payne nunca chegou a saber o que o outro respondeu. Aquela palavra teve sobre ele um curioso efeito: despertou-o como um toque de trombeta e ao mesmo tempo o fez parar. Ficou imóvel no meio do areal e deixou os outros seguirem em frente. Sentiu o sangue parar nas veias e experimentou aquela sensação que chamam de ficar com os cabelos em pé. Invadia-o uma felicidade estranha. Um processo psicológico rápido e complexo demais para que conseguisse analisar fizera-o chegar a uma conclusão. Depois de alguns momentos imóvel, deu meia volta e regressou lentamente à casa dos Darnaways.

Atravessou o fosso com um passo tão decidido que fez estremecer a ponte, desceu a escada e percorreu as salas no mesmo passo firme e decidido até chegar a Adelaide Darnaway, envolta no clarão da janela oval qual santa esquecida na terra da morte. Ela o olhou com espanto, o que tornava seu rosto ainda mais belo.

— O que é isso? — inquiriu. — Por que voltou?

— Vim buscar a Bela Adormecida — disse, num tom que soava a riso. — Esta casa estava há muito adormecida, como disse o doutor, mas é uma tolice fingir de velha. Venha para fora, para a luz, para ouvir a verdade. Trago uma palavra, uma palavra terrível, mas que vem quebrar o encanto de seu cativeiro!

Ela não entendia patavina do que ele dizia, mas alguma coisa a fez se erguer e permitiu que ele a levasse pelo corredor, escada acima, até chegarem lá fora, sob o céu noturno. As ruínas de um jardim morto estendiam-se até o mar. Uma velha fonte, com a figura de um tritão coberto de musgo, continuava ali, fingindo despejar uma cornucópia vazia num tanque seco. Muitas vezes, Payne contemplara aquela imagem desolada se recortando no céu e sempre lhe parecera que ela representava fortunas arruinadas. Não demoraria, sem dúvida, que aqueles lagos ficassem cheios, mas seria com as águas verdes e salgadas do mar e as flores seriam afogadas pelas algas. Por isso, ele se dizia que seria este o noivado da filha dos Darnaways, um noivado de morte, vítima de uma maldição irrevogável e impiedosa como o mar. Hoje, porém, tocou o tritão de bronze. Era como a mão de um gigante que o sacudisse, como se pretendesse arrancar do jardim aquele ídolo maléfico.

— O que significa isso? — perguntou ela agora. — Que palavra é essa que vem nos libertar?

— A palavra é assassinato — respondeu —, e a liberdade que ela encerra é tão bela como as flores da primavera. Não, eu não matei ninguém. Mas o fato de alguém ter sido assassinado é uma boa notícia depois dos pesadelos que tem vivido. Não entende? E seus sonhos, tudo o que acontecia vinha de dentro. A Maldição dos Darnaways estava enraizada nos Darnaways e continuava a desabrochar como uma flor venenosa. Não havia chance de escapar, era tudo inevitável, tanto nas histórias tolas de Vine como nas de Barnet, com sua famosa hereditariedade. Este homem que morreu não foi vítima de nenhuma maldição nem de uma herança de loucura. Foi assassinado, e, para nós, não passa de um acidente. Sim, paz à sua alma, mas foi um feliz acontecimento. Foi uma espécie de raio de luz, porque veio de fora.

De súbito, ela sorriu:

— Sim, acho que estou entendendo. Parece estar falando como um louco, mas eu entendo. Quem foi que o matou?

— Não sei — respondeu ele calmamente —, mas padre Brown sabe. E, segundo ele diz, o assassinato é fruto da vontade do homem livre como esta brisa do mar.

— Padre Brown é uma pessoa maravilhosa! — disse ela após uma pausa. — A única pessoa que iluminou minha existência até...

— Até o quê? — perguntou Payne. Fez um movimento impetuoso, inclinando-se para ela e repelindo o monstro de bronze, que parecia oscilar em seu pedestal.

— Até você chegar — disse ela, sorrindo de novo.



Assim despertou o Palácio Adormecido e não compete a essa história descrever as várias fases deste despertar, embora algumas delas se tivessem passado antes que aquela tarde sinistra se abatesse sobre a praia.

Quando Harry Payne voltou à casa, através das areias escuras da praia que tantas vezes atravessara nas mais diversas disposições de espírito, sentia-se feliz como nunca. O oceano que marulhava dentro de si atingira a maré mais alta. Não lhe custava imaginar agora aquele jardim todo florido, e o tritão de bronze reluzente e dourado como um deus, despejando na fonte água ou mesmo vinho. Mas todo esse esplendor era fruto de uma palavra apenas: “assassinato”, palavra essa que para ele continuava incompreensível. Aceitara-a como verdadeira, e estava certo, pois era uma daquelas pessoas que sabem reconhecer o som da verdade.

Só um mês mais tarde é que Payne voltou a sua casa de Londres e marcou uma entrevista com padre Brown, acompanhado da célebre fotografia. Seu romance prosperava à sombra de semelhante tragédia, mas essa sombra pesava agora menos. No entanto, era difícil considerá-lo de outro modo que não fosse a fatalidade de uma família. Em muitos aspectos, Payne estivera ocupado. Só quando a casa dos Darnaways retomara a rotina e o retrato voltara a seu lugar na biblioteca, é que ele conseguira fotografá-lo com um flash de magnésio. Antes de enviá-lo ao antiquário, como combinado, levou-o ao padre, a seu pedido insistente.

— Não compreendo sua atitude em tudo isso, padre Brown — disse. — Proceda como se tivesse resolvido todo o problema sozinho.

O padre sacudiu tristemente a cabeça:

— Nem por sombra! — respondeu. — Devo ser muito estúpido, mas estou confuso, confuso sobre o ponto mais importante de tudo. Este caso é muito estranho: tão simples até certa hora e depois... Mas deixe-me ver essa foto, por favor.

Aproximou-a dos seus olhos vivos e míopes e depois perguntou:

— Tem aí uma lupa?

Payne foi buscar uma, e o padre olhou através dela algum tempo, com toda atenção, e depois disse:

— Está vendo o título daquele livro bem rente à estante? É a *História do Papa João*. Eu só queria saber... Caramba! O outro, em cima, trata de algo sobre a Islândia. Meu Deus! Que estranha maneira de descobrir! Que burro, que idiota eu fui por não ter visto isso quando estava lá!

— Mas, afinal, o que descobriu? — perguntou Payne com impaciência.

— O último elo da cadeia — respondeu o padre Brown —, e já não estou confuso — declarou. — Sim, acho que agora sei como essa triste história se passou, do início ao fim.

— Mas por quê?

— Por quê? — respondeu o padre, sorrindo. — Porque a biblioteca dos Darnaways continha livros sobre o papa João e sobre a Islândia, para não mencionar outros que aqui vejo, cujo título começa assim: *História da Religião de Frederico...* e não é difícil de completar. — Depois, ao ver o ar intrigado do outro, seu sorriso desapareceu e falou mais sério: — Para dizer a verdade, este último ponto, embora represente o elo que faltava, não é o principal. Neste caso, há outras coisas muito mais interessantes. Uma delas tem o interesse da evidência. Deixe que eu comece por uma coisa que decerto vai surpreendê-lo. Darnaway não morreu à sete horas daquele dia, já estava morto desde a véspera.

— Surpreender não é bem o termo — respondeu Payne com ar carrancudo —, uma vez que eu e o senhor o vimos depois disso andando pelo estúdio.

— Não vimos, não — replicou suavemente o padre Brown. — Penso que ambos o vimos, ou julgamos ver, regulando sua máquina. Quando você passou ele tinha a cabeça coberta com o pano preto? Quando eu passei era assim que ele estava. E foi isso que me fez sentir que havia algo estranho em relação ao estúdio e à pessoa. Não era a perna torta, mas o fato de a perna não ser torta. O terno dele era igualmente escuro, mas quando vemos uma pessoa tentando imitar a posição de outra, verificamos que sua atitude é forçada.

— Quer dizer que era um desconhecido?

— Era o assassino — respondeu o padre Brown. — Ele já tinha assassinato Darnaway de madrugada e se escondera juntamente com o

cadáver na câmara escura, que era um excelente esconderijo, uma vez que normalmente ninguém entra ali, e, mesmo que entre, não consegue ver nada. Mas o fez cair no chão às sete para que tudo pudesse ser explicado pela maldição.

— Não estou entendendo — observou Payne. — Por que ele não o matou às sete em vez de ficar com um cadáver nas costas durante quatorze horas?

— Deixe que lhe faça outra pergunta: por que não foi tirada nenhuma foto? O assassino teve o cuidado de matá-lo da primeira vez que foi lá em cima, antes de o outro ter tirado a foto. Era essencial para o assassino evitar que a foto chegasse às mãos do antiquário especializado nas relíquias dos Darnaways.

Seguiu-se um silêncio e então o padre prosseguiu em voz mais baixa:

— Está vendo como tudo é simples? Você mesmo viu uma das possibilidades, mas a coisa foi ainda mais simples do que você imaginava. Você disse que um homem podia alterar sua posição para se assemelhar ao quadro. Mas seria ainda mais simples alterar um quadro para que ele se assemelhasse ao homem. Numa palavra: a verdade é que nunca existiu a Maldição dos Darnaways... Nunca existiu nenhum retrato antigo, nem versos. Nunca houve a lenda do homem que provocou a morte da mulher. Houve, sim, um homem muito esperto e malvado que resolveu matar outro para lhe roubar a noiva.

O padre dirigiu a Payne um sorriso triste e explicou:

— Achou que eu desconfio de você, mas não era o único que andava ali naquela casa por motivos sentimentais. Conhece o sujeito, pelo menos acha que conhece, mas, no íntimo do homem que se chama Martin Wood há sentimentos ocultos que nenhum dos colegas de arte seria capaz de adivinhar. Lembre-se que ele foi chamado para classificar e catalogar os quadros. Num meio aristocrático como aquele isso simplesmente significa dizer aos Darnaways que espécie de tesouros artísticos possuíam. Não ficariam nada surpresos se aparecessem por lá objetos de que nunca haviam se dado conta. A coisa tinha que ser muito bem urdida, e foi, de fato. Ele não estava longe da verdade quando disse que se o quadro não era de Holbein era de outro gênio semelhante.

— Estou completamente confuso — confessou Payne. — Porque há uma porção de coisas que eu ainda não entendo. Como ele sabia qual era o

aspecto de Darnaway? E como ele o matou? Neste momento, os médicos ainda não chegaram a uma conclusão.

— Eu vi uma foto que o australiano tinha mandado antecipadamente à moça — informou o padre —, e há uma porção de coisas de que ele poderia ter tomado conhecimento quando foi descoberto o novo herdeiro. Podemos não vir a conhecer nunca os detalhes, mas isso não interessa. Lembre-se de que ele costumava ajudá-lo na câmara escura... lugar ideal para picar o companheiro com uma agulha envenenada, com tantos venenos à mão. Não, a dificuldade não era essa. A dificuldade que me confundia era: como Wood podia ter estado em dois lugares ao mesmo tempo. Como tinha conseguido tirar o cadáver da câmara escura e encostá-lo na máquina fotográfica, de modo que ele caísse dali a segundos, quando foi à biblioteca procurar um livro? E eu fui tão estúpido que nem sequer olhei para os livros da biblioteca. E foi por sorte, uma sorte que eu não merecia, que reparei, ao ver esta foto, que havia um livro ali sobre o papa João.

— Está guardando a melhor charada para o fim — respondeu Payne carrancudo. — Que diabos tem o papa João a ver com isso?

— Não se esqueça do outro livro sobre “alguma coisa” da Islândia — lembrou o padre. — E também *A religião de alguém chamado Frederico*. Falta perguntar que espécie de homem era o falecido Lorde Darnaway.

— Ah, sim? — perguntou Payne ainda mal-humorado.

— Era um homem culto, uma espécie de excêntrico, com senso de humor — prosseguiu o padre Brown. — Se era culto, sabia que nunca existiu nenhum papa João. E tendo senso de humor é fácil imaginar o que pensaria do título *As Cobras da Islândia*, algo que não existe. Atrevo-me a reconstituir o terceiro título, *A Religião de Frederico, O Grande*, que também nunca existiu. Ora, podemos calcular que estes títulos eram próprios para colocar na lombada de livros que não existiam, ou, melhor, numa estante que não era estante...

— Ah! — exclamou Payne. — Já entendo! Havia uma escada secreta...

— Que dava para o quarto que Wood recomendou para a câmara escura — terminou o padre, sacudindo a cabeça. — Desculpe. Não havia nada a fazer. Foi tudo uma coisa muito estúpida, como eu fui muito estúpido em todo este caso tão banal. Mas estávamos todos confusos com uma história romântica de nobreza decadente e de uma velha mansão arruinada. Não podia faltar uma passagem secreta. Tinha sido um esconderijo de padres, e eu bem merecia que me metessem lá dentro!



VIII

O fantasma de Gideon Wise

Padre Brown considerou sempre este caso como o mais estranho exemplo da teoria dos álibis, segundo a qual, em contradição com o pássaro irlandês, ninguém pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Para começar, James Byrne, jornalista irlandês, era, de certo modo, a coisa mais parecida com esse pássaro. Esteve mais perto do que ninguém de se achar em dois pontos opostos do mundo, social e político, no espaço de vinte minutos. O primeiro era o vasto saguão do Grande Hotel da Babilônia, local de encontro de três magnatas do comércio, empenhados em combinar um locaute do carvão, denunciando-o como greve. O segundo era uma estranha taberna sob a fachada de uma mercearia, onde se reunia o mais secreto triunvirato dos que desejariam transformar o locaute em greve e a greve em revolução. O repórter passeava de lá para cá entre os três milionários e os três bolchevistas com a imunidade de um moderno arauto ou de um novo embaixador.

Foi encontrar os três magnatas das minas ocultos no meio de uma floresta de plantas de estufa e de outra floresta de colunas esguias e cobertas de floreados de gesso dourado; no alto das abóbodas revestidas de pinturas estavam suspensas gaiolas também douradas, entre a folhagem das palmeiras; e nelas viam-se pássaros de cores variadas e cantos diferentes. Nenhuma ave das regiões selvagens cantara com tanto entusiasmo antes e nenhuma flor exalara melhor o seu perfume no ar deserto do que aquelas flores de estufa derramavam sobre as cabeças daqueles homens cansados e tensos, quase todos americanos, que ali discutiam e andavam de um lado para o outro. E no meio daquela avalanche de ornamentos rococós, a que ninguém prestava atenção, por entre o chilrear de aves raras e estrangeiras que ninguém escutava numa avalanche de vistosas tapeçarias e num labirinto de arquiteturas luxuosas, aqueles três homens se sentavam discutindo entre si, chegando à conclusão de que o êxito pessoal dependia

de uma vigilância estreita da economia, da frugalidade e do autodomínio de cada um.

É certo que um deles falava menos que os outros; observava-os, porém, com olhos brilhantes e imóveis que pareciam ligados um ao outro pelo *pince-nez*. Seu sorriso constante sob o curto bigode preto assemelhava-se a um esgar. Era o famoso Jacob P. Stein, que só falava quando tinha alguma coisa a dizer. Seu companheiro, porém, o velho Gallup, da Pensilvânia, um tipo gordo e enorme, com uma respeitável cabeleira branca e um rosto de pugilista, falava pelos cotovelos, e ora zombava ora apoiava o terceiro milionário, Gideon Wise, um sujeito seco, duro e anguloso, que os compatriotas comparavam a uma velha árvore. Usava uma barbicha grisalha e pontiaguda e seus trajes e suas maneiras eram as de um velho lavrador das planícies. Entre Wise e Gallup havia uma diferença de opiniões sobre “associação” ou “competição”. O velho Wise conservava, a par das maneiras de antigo colono, parte das opiniões destes como individualistas ferrenhos: pertencia, como diriam os ingleses, à Escola de Manchester, e Gallup passava o tempo tentando convencê-lo a pôr de lado a competição e a fazer parte dos recursos mundiais em conjunto.

— Mais cedo ou mais tarde você terá que aceitar, meu velho — afirmava jovialmente Gallup, no momento em que Byrne vinha entrando. — É a tendência atual e não podemos remar contra a maré. O que temos a fazer é nos unir.

— Se me permitem uma palavra — declarou Stein em seu tom calmo —, diria que existe algo mais urgente do que nos unirmos do ponto de vista comercial. Mas acho que devemos nos apoiar politicamente, por isso pedi a Mr. Byrne para vir aqui. Temos que chegar a um acordo do ponto de vista político, pela simples razão de que nossos inimigos mais perigosos já fizeram um acordo entre eles.

— Oh, quanto a acordo político, concordo plenamente — resmungou Gideon Wise.

— Ouça, Mr. Byrne — disse Stein ao jornalista —, sei que conhece bem esses meios esquisitos e queria que nos prestasse oficiosamente um serviço. Sabe onde esses homens se reúnem. Entre eles há apenas uns dois ou três que contam: John Elias e Jake Halket, que é quem faz todas as discursatas, e, talvez, também o poeta, um tal Horne.

— Mas Horne, antes, era amigo de Gideon! — exclamou, zombeteiro, Gallup. — Parece que andou com ele na escola dominical, ou coisa que o

valha.

— Era cristão nessa época — declarou solenemente o velho Gideon. — Mas quando um homem se mete com os ateus, nunca se sabe. Ainda o encontro de tempos em tempos. Estou do lado dele contra a guerra, o recrutamento militar etc. Mas quanto a esses excomungados bolchevistas...

— Desculpe — interrompeu Stein —, mas o caso é muito urgente, por isso peço desculpas por querer apresentá-lo desde já a Mr. Byrne. Devo informá-lo confidencialmente de que tenho informações, ou antes, provas, que poderiam levar pelo menos dois desses sujeitos à prisão por longo período por conspirações em que tomaram parte na última guerra. Não pretendo fazer uso dessas provas. Só lhe peço que vá vê-los em particular, dizendo que estou disposto a usar essas provas, e o farei amanhã mesmo, caso não mudem de atitude.

— Bem — replicou Byrne —, o que propõe pode ser considerado transigência com a traição ou mesmo tentativa de chantagem. Não acha isso muito perigoso?

— Acho que pode ser perigoso para eles — respondeu secamente Stein —, e peço que lhes diga isso mesmo.

— Está muito bem — disse Byrne, pondo-se em pé com ar um tanto agastado. — Isso faz parte da minha profissão, mas se eu tiver algum problema, já o aviso de que o meto na confusão!

— Experimente, meu rapaz! — disse o velho Gallup com uma gargalhada.



Eis então o que resta, neste país, do velho sonho de Jefferson e do que os homens chamam de democracia. Embora os ricos ainda governem como tiranos e os pobres já não falem como escravos, tanto da parte dos opressores quanto dos oprimidos existe uma certa ingenuidade.

O ponto de reunião dos revolucionários era um compartimento nu, de paredes caiadas, que ostentavam uns dois ou três desenhos toscos em preto e branco, do estilo que se pode chamar de *arte proletária*, da qual nem sequer um proletário em um milhão, no mundo inteiro, entende patavina. O único ponto em comum que existia entre os dois centros de reunião é que

ambos violavam a Constituição americana, pelo consumo de bebidas alcoólicas. Em frente a cada um dos milionários via-se uma coleção de drinques de diversas cores. Quanto a Halket, o mais violento dos bolcheviques, entendia que só se devia beber vodca. Era um cara alto e corpulento, que se curvava para a frente de forma ameaçadora, um perfil agressivo como o focinho de um cão, em que o nariz quase tocava os lábios, encimados por um espesso bigode ruivo, e uns e outros se curvavam para baixo numa expressão desdenhosa. John Elias era moreno e sisudo: usava óculos, tinha barbicha preta e pontiaguda, e nos diversos cafés da Europa que frequentara habituara-se a beber absinto. A primeira impressão do jornalista foi a de que John Elias e Jacob P. Stein eram muito parecidos. Rosto, mentalidade e maneira de ser eram de tal modo idênticas que o milionário bem podia desaparecer por artes mágicas do Hotel Babilônia e reaparecer no antro dos bolchevistas que ninguém estranharia.

O gosto do terceiro homem para bebidas também era estranho e simbólico. O que o poeta Horne tinha na frente era um copo de leite. O certo é que a própria suavidade do líquido parecia representar em si algo de sinistro, e a cor branca e opaca lembrava, naquele lugar, alguma mistura mais nojenta e venenosa que o verde do absinto. E, no entanto, a doçura da bebida condizia com o sujeito. De fato, Henry Horne viera para as fileiras da revolução por caminhos muito diferentes dos de Jake, o orador característico, ou de Elias, o revolucionário cosmopolita que puxa os cordões. Ele teve o que se chama de educação esmerada, frequentara a igreja na infância e se mantivera abstinência ferrenha em matéria de bebidas alcoólicas a vida inteira, mesmo depois de ter abandonado certas práticas tradicionais menos importantes, como o cristianismo e o casamento. Tinha cabelo louro e um belo rosto, que poderia se parecer com Shelley se não enfraquecesse o queixo com uma barbicha. Essa barba lhe dava um aspecto de certo modo feminino, como se ele não conseguisse produzir mais nada que aqueles raros pelos louros...

Quando o jornalista entrou, o célebre Jake discursava, como era seu costume. Horne limitava-se a proferir alguns raros comentários convencionais, tipo “Deus nos defenda!”, ou semelhantes, que haviam provocado da parte de Jake uma torrente de impropérios.

— Deus nos defenda! Nunca fez outra coisa! — exclamava o outro. — Defende que não façamos isso ou aquilo. Não devemos fazer greve, não devemos lutar, não devemos dar um tiro nesses malditos usurários, nessas

sanguessugas. Por que não os proíbe, para variar? Por que esses seus malditos padrecos não se levantam para proclamar a verdade sobre esses brutos? Por que esse seu Deus...?

Nessa altura, Elias deixou escapar um leve suspiro de cansaço e murmurou:

— Os padres, como afirmou Marx, pertencem à fase feudal do desenvolvimento econômico e portanto não fazem mais parte do problema. O papel antes desempenhado pelos padres é hoje representado pelo capitalismo científico e...

— Sim — interrompeu o jornalista com uma careta de imparcialidade irônica —, já é tempo de vocês se convencerem de que alguns deles representam esse papel de forma muito científica.

E, sem desviar a vista dos olhos brilhantes e parados de Elias, contou-lhe o recado de Stein.

— Já esperava deles alguma coisa desse tipo — disse Elias, sorrindo sem se mover. — Posso mesmo afirmar que estava preparado para isso.

— Cachorros! — explodiu Jake. — Se um pobre diabo qualquer dissesse uma coisa dessas ia parar na cadeia. Mas acho que os espera outra coisa pior que a cadeia. Se não forem parar nos infernos, então não sei...

Horne fez um movimento de protesto, não pelo que o outro disse, mas pelo que poderia vir a dizer, e Elias cortou sua palavra com fria exatidão:

— Não temos necessidade — afirmou, olhando Byrne fixamente através dos óculos — de trocar ameaças com a outra parte. Sabemos que as ameaças deles não têm efeito sobre nós. Também temos nossos planos, e esses só aparecerão quando eles tomarem a iniciativa. Pelo que nos diz respeito, uma ruptura imediata e um ensaio de forças estaria de acordo com nossos planos.

À medida que ele falava num tom absolutamente calmo e digno, algo na expressão de seu rosto pálido e no brilho dos óculos grossos causou um arrepio de medo na espinha do jornalista. A face selvagem de Halket parecia rosar, mesmo de perfil; de frente, a raiva contida em seus olhos tinha algo de ansiedade, como se o problema ético e econômico fosse, enfim, complicado demais para sua inteligência. Quanto a Horne, parecia mais que nunca preso na teia das cogitações e da autocrítica. O terceiro sujeito, porém, de óculos grossos, que falava com tanta simplicidade e singeleza, tinha um ar bem estranho: lembrava um homem morto falando ali, sentado à mesa.



Quando Byrne ia saindo, levando sua mensagem de desafio, na viela estreita ao lado da mercearia viu seu caminho barrado por uma figura estranha, mas familiar: um sujeito baixote e gordo, uma figura grotesca quando vista à contraluz, a cabeça redonda e o chapéu de abas largas.

— Padre Brown! — exclamou o jornalista, espantado. — Acho que se enganou no número da porta. Não creio que faça parte desta conspiração!

— Minha conspiração é muito mais antiga — disse o padre Brown, rindo —, mas também é muito mais vasta.

— Bem, mas não imagino que algum deles tenha algo a ver com o senhor.

— Isso é uma coisa sempre difícil de se saber — disse suavemente o padre —, porque, na verdade, lá dentro está uma pessoa muito perto mesmo das minhas preocupações.

Dito isso desapareceu na entrada escura da viela, enquanto o jornalista seguia seu caminho, bem intrigado. Mais intrigado ficou após um pequeno incidente ocorrido quando ia chegando ao hotel para prestar contas aos clientes capitalistas. Subia-se ao saguão repleto de flores e gaiolas, onde os cavalheiros rabugentos se reuniam, por um lance de degraus de mármore ornados de ninfas e tritões. Por essa escada vinha descendo um jovem de ar resoluto, cabelos negros, nariz arrebitado e uma flor no peito, que enfiou o braço no seu, levando-o para um lado e impedindo que subisse a escada.

— Ouça — começou ele —, meu nome é Potter, sou secretário do velho Gideon. Aqui para nós, há tempestade no ar, é verdade ou não?

— Acho — começou Byrne cautelosamente — que Ciclope está forjando alguma coisa em sua bigorna. Mas lembre-se de que Ciclope, apesar de gigante, só tem um olho. Acho que o bolchevismo é...

Enquanto ele falava, o secretário mantinha uma imobilidade quase mongólica, em contraste com a agilidade das pernas e a elegância. Mas quando Byrne pronunciou a palavra “bolchevismo”, o rapaz desviou os olhos e murmurou rapidamente:

— Oh, o que isso tem... ah, sim, uma espécie de raio. É mais fácil dizer “bigorna” quando devíamos dizer “congelador”.

E com isso o jovem desceu a escada e desapareceu, enquanto Byrne voltava a subir, sentindo a cabeça cada vez mais confusa.



Foi encontrar o grupo aumentado com a presença de uma quarta personagem, um sujeito de perfil anguloso, cabelos ralos cor de palha e monóculo, que vinha a ser uma espécie de conselheiro de Gallup, talvez seu advogado, muito embora não o apresentassem como tal. O nome dele era Nares e as perguntas que dirigiu a Byrne visavam sobretudo se informar, não se sabe para que, de quantos homens faziam parte da organização revolucionária. Byrne pouco sabia a esse respeito, mas ainda disse menos, e assim os quatro homens acabaram por se levantar. De todos eles, o que falara menos teve a última palavra:

— Muito obrigado, Mr. Byrne — disse Stein, enquanto guardava as lunetas. — Só nos resta dizer que está tudo pronto. Neste ponto concordo plenamente com Mr. Elias. Amanhã, antes do meio-dia, a polícia terá prendido Mr. Elias em face das provas que vou fornecer, e os outros três estarão também na cadeia antes da noite. Como sabe, tentei evitar que isso acontecesse. Acho que é tudo, senhores.



Mas Mr. Jacob P. Stein não forneceu as informações no dia seguinte pelo mesmo motivo que tantas vezes interrompeu as atividades de cidadãos laboriosos. Ele não o fez porque aconteceu de estar morto. O resto do programa tampouco foi levado a efeito, e Byrne encontrou a explicação em letras enormes nos jornais da manhã:

TRÍPLICE ASSASSINATO
Três milionários mortos na mesma noite

Seguiam-se outras frases exclamativas em letras menores, mesmo assim quatro vezes maiores que o normal. Insistia-se na característica especial do mistério: o fato de os três homens terem sido assassinados não só ao mesmo tempo, mas também em lugares muito distantes uns dos outros, Stein na sua artística e luxuosa casa de campo, a cem milhas de distância, lá para o interior, Wise em frente a seu chalé na costa, onde levava uma vida simples, junto ao mar, e o velho Gallup num bosque, perto dos portões de sua enorme mansão no interior do condado. Nos três casos havia provas evidentes das cenas de violência que teriam precedido as mortes, apesar de o corpo de Gallup só ter sido encontrado no dia seguinte, pendurado entre os galhos, no pequeno bosque, que seu enorme peso quebrara. Wise devia ter sido arremessado ao mar do alto dos rochedos, não sem se debater, como revelavam as marcas profundas de pegadas bem na beira da rocha. Contudo, o primeiro alarme da tragédia foi dado quando alguém viu o seu chapéu de palha flutuando nas ondas. O corpo de Stein ficara oculto até que um leve rastro de sangue conduzira os investigadores até um balneário romano, que ele mandara construir em seu jardim. O milionário sempre revelara um gosto especial pelas coisas antigas.

Por mais que pensasse, Byrne tinha que admitir que não havia, no momento, prova alguma contra quem quer que fosse. O motivo não bastava. Mesmo a disposição moral para o crime não era suficiente. E Byrne não podia imaginar aquele jovem e pálido pacifista, Henry Horne, assassinando um semelhante com violência brutal, embora fosse possível ao homem exaltado que era Jake. Até o judeu desdenhoso ele considerava capaz de tudo. A polícia e o homem que, pelo visto, a estava ajudando (nem mais nem menos que o misterioso sujeito do monóculo que lhe havia sido apresentado como Mr. Nares) entendiam a situação de modo idêntico. Sabiam que os conspiradores bolchevistas não podiam ser presos nem condenados. O resultado seria um fracasso estrondoso se fossem acusados para no fim saírem absolvidos. Nares começou, com estudada ingenuidade, por convocá-los, a pretexto de ouvir sua opinião, para uma reunião particular, insistindo com eles para que dessem seu parecer livremente, no interesse da humanidade. Começara as investigações no local que ficava mais perto da tragédia, o chalé à beira-mar. Byrne obteve licença para assistir a essa cena curiosa, que era simultaneamente uma conferência pacífica de diplomatas e um inquérito velado para investigar os suspeitos.

Com grande surpresa de Byrne, aquele grupo de figuras díspares, sentadas ao redor de uma mesa redonda no chalé à beira-mar, incluía a pessoa atarracada, semelhante a uma coruja, do padre Brown, se bem que a relação dele com o caso só mais tarde viesse a transparecer. A presença do jovem Potter, secretário do falecido, parecia mais natural, mas sua atitude, muito pouco normal. Só ele conhecia bem o local, e por isso seu papel era, de certo modo, o de um anfitrião. Mas pouca ou nenhuma informação conseguiu fornecer. A expressão de seu rosto redondo, de nariz arrebitado, era mais de enfado que de desgosto.

Quem falou mais, como de costume, foi Jake Halket. Um homem de seu tipo não deixaria escapar o fato de que ele e seus amigos eram considerados suspeitos, embora sob este diplomático disfarce. O jovem Horne, com seus modos mais delicados, tentou moderá-lo quando ele começou a insultar os homens que haviam sido assassinados. Jake, porém, parecia tão disposto a descompor os amigos quanto os inimigos. Com uma série de blasfêmias, deu largas à raiva num discurso fúnebre muito fora do normal sobre Gideon Wise. Elias se mantinha mudo e quedo, aparentemente alheio atrás dos óculos que lhe escondiam os olhos.

— Desnecessário dizer — declarou friamente Nares — que considero indecentes suas observações. Talvez o impressione mais se disser que são imprudentes. Praticamente confessou que odiava o falecido.

— E vai me prender por isso, é? — vociferou o demagogo. — Vai precisar de uma cadeia para um milhão de pessoas se for prender todos com motivo para odiar Gideon Wise. E sabe tão bem quanto eu que é a pura verdade.

Nares ficou calado e ninguém mais falou até que Elias observou, com sua pronúncia levemente ciciante:

— Essa discussão parece totalmente estéril, de um lado e de outro — declarou. — O senhor nos convocou para nos pedir informações ou nos interrogar? Se confia em nós, afirmamos que não temos informações. Se não confia, deve nos dizer do que somos acusados, ou então tenha a delicadeza de guardar para si suas desconfianças. Ninguém pode sugerir a mínima prova, em relação a qualquer um de nós, de que somos tão responsáveis por essas tragédias como pela morte de Júlio César. Não se atreve a mandar nos prender e também não confia em nós. Então, o que estamos fazendo aqui?

Levantou-se calmamente, abotoou o casaco e os companheiros o imitaram. Enquanto eles se dirigiam para a porta, o jovem Horne voltou atrás e, fitando os investigadores, declarou, com seu ar fanático:

— Saibam que, durante a guerra, estive encerrado numa prisão horrível só porque me recusei a matar gente.

E saiu, deixando os outros olhando uns para os outros, com ar sombrio.

— Não acho — murmurou o padre Brown — que sejamos vitoriosos, embora eles tenham se retirado.

— Há coisas que eu tolero — exclamou Nares —, mas não suporto ser insultado por esse energúmeno do Halket! Apesar de tudo, Horne é bem-educado. Mas digam o que disserem, estou absolutamente certo de que têm algo a ver com isso. Pelo menos um deles. Lançaram um desafio, ao declarar que não conseguiríamos provar nada. O que acha, padre Brown?

A pessoa em questão ergueu os olhos para Nares com ar desconcertantemente suave e meditativo.

— Estou certo — declarou — de que alguém sabe mais do que nos disse. Por enquanto, acho preferível não adiantar nomes.

O monóculo de Nares caiu da órbita quando ele ergueu subitamente os olhos:

— Por enquanto nada é oficial — lembrou ele. — Mas espero que saiba que sua posição pode ser muito grave se ocultar informações.

— A minha posição é muito simples — disse o padre. — Estou aqui para defender os legítimos interesses do meu amigo Halket. Sendo assim, creio ser de seu interesse anunciar que ele não demora a quebrar sua ligação com esse núcleo político e deixar de ser socialista dessa maneira. Tenho todas as razões para crer que ele, por fim, será católico.

— Halket!? — exclamou o outro, incrédulo. — Passa a vida insultando os padres!

— Acho que não compreende aquele tipo de homem — disse suavemente o padre Brown. — Ele acusa os padres porque na sua opinião falharam na missão de alertar o mundo para as questões da justiça, e por que os acusaria se não os considerasse... o que são, de verdade? Mas não estamos aqui para discutir a psicologia da conversão, só falei nisso porque talvez possa simplificar sua tarefa e restringir o círculo das investigações.

— Se for verdade, restringe, e de que maneira, até ficar reduzido a esse cara de fuinha do Elias. E isso não me espantaria, porque nunca vi sujeito mais manhoso, mais cínico e mais nojento.

Padre Brown suspirou:

— Ele sempre me fez lembrar o pobre Stein — declarou. — Na realidade, acho até que eram parentes.

— Não me diga! — começou Nares.

Seu protesto foi interrompido por uma porta abrindo de repente, deixando passar a figura comprida e o rosto pálido de Horne. Sua palidez, porém, parecia agora sobrenatural.

— Vejam! — exclamou Nares. — Você voltou por quê?

Horne atravessou a sala tremendo, sem uma palavra, e deixou-se cair numa cadeira. Depois disse, como que em transe:

— Separei-me dos outros... me perdi. Achei preferível voltar.

Os restos das bebidas da tarde ainda estavam na mesa. Henry Horne, o eterno abstinente, serviu-se então de um copo de brandy e bebeu de um trago.

— Parece perturbado — observou padre Brown.

Horne levou as mãos à testa e falou como que do fundo de um poço. Era como se se dirigisse apenas ao padre, em voz baixa:

— É melhor contar. Vi um fantasma!

— Um fantasma?! — exclamou Nares, incrédulo. — De quem?

— O fantasma de Gideon Wise, o dono desta casa! — respondeu categoricamente Horne. — Pairava acima do precipício onde caiu.

— Oh, que disparate! Ninguém com juízo acredita em fantasmas.

— Não é bem assim — disse o padre Brown, com um leve sorriso. — Há provas do aparecimento de fantasmas, assim como há provas de crimes.

— Bem, minha profissão é perseguir criminosos, por isso, deixo aos outros a tarefa de fugir dos fantasmas — disse Nares com certa aspereza. — Se alguém a esta hora do dia escolhe ter medo de fantasma o problema é dele.

— Não disse que tenho medo de fantasmas. Só acho que poderia vir a ter — tornou o padre Brown. — Ninguém sabe até experimentar. De qualquer modo, acho que acredito o suficiente para querer ouvir o resto da história. Concretamente, o que viu, Mr. Horne?

— Ele estava na beira daqueles rochedos prestes a desmoronar. Como sabem, há uma espécie de fenda perto do local de onde ele foi jogado. Os outros tinham ido na frente e eu atravessava a duna em direção ao caminho da falésia. Sigo muitas vezes por ali, porque gosto de ver o mar bravio batendo nos penhascos. Hoje só pensava que o mar devia estar bem agitado

nesta noite de luar. Via a crista branca das ondas aparecendo e desaparecendo à medida que enormes vagas lambiam a costa. Avistei por duas vezes um jato de espuma iluminado pelo luar e depois vi outra coisa incrível. O jato de espuma prateada parecia fixado no céu. Não voltou a cair. Esperei, com uma ânsia louca, que ele caísse. Pensei que estava ficando maluco, que a coisa desta vez se prolongava demais. Depois me aproximei e acho que até gritei. Aquela espuma suspensa no ar, como se fossem flocos de neve que não chegam a cair, tomara a forma de uma cara e de um corpo, brilhante como a prata e terrível como um raio fixo.

— E diz que era Gideon Wise?

Horne acenou com a cabeça em silêncio, quebrado por Nares, que se levantou com tanto ímpeto que derrubou a cadeira.

— Tudo isso é uma loucura — declarou —, mas é melhor irmos lá ver!

— Eu não vou — declarou Horne com súbita violência. — Nunca mais passo naquele caminho.

— Acho que todos devemos ir lá esta noite — disse gravemente o padre —, muito embora concorde em que é perigoso para mais de uma pessoa.

— Eu não vou... oh, meu Deus, vocês estão me pressionando! — exclamou Horne, com os olhos esbugalhados. Pusera-se em pé com os outros, mas não saíra do lugar.

— Mr. Horne — exclamou Nares com firmeza —, sou oficial de polícia e, talvez não saiba, mas esta casa está cercada de policiais. Tentei orientar este caso de modo amigável, mas preciso investigar tudo, até mesmo uma coisa tão estúpida quanto um fantasma. Peço que me leve ao local.

Seguiu-se novo silêncio, durante o qual Horne ficou ofegante, preso de um terror indescritível. Depois voltou a sentar e declarou num tom muito diferente e numa voz mais natural:

— Não posso. Melhor contar por quê. Mais cedo ou mais tarde viriam a saber. Fui eu que o matei!



Seguiu-se um silêncio como se a casa fosse sido atingida por um raio e estivesse cheia de cadáveres. Depois, a voz do padre Brown se ergueu, aguda como o chiar de um rato:

— Matou-o de propósito? — inquiriu.

— Como responder a uma pergunta dessas? — disse o sujeito, que permanecia sentado na cadeira roendo uma unha com ar sucumbido. — Acho que eu estava louco. Bem sei que ele era insolente e insuportável. Eu estava em sua propriedade e ele me bateu. Lutamos e ele caiu do rochedo. Quando eu já estava longe da cena do crime voltei a mim e vi que tinha cometido um crime que me bania da sociedade. A marca de Caim estava gravada na minha testa e no meu cérebro. Percebi, pela primeira vez, que tinha, realmente, matado um homem. Sabia que teria de confessar, mais cedo ou mais tarde. — De súbito, sentou-se ereto na cadeira. — Mas não direi nada contra ninguém. Não adianta me interrogar quanto a conspirações ou cúmplices... Não direi mais nada.

— Visto à luz dos outros assassinatos — começou Nares —, é difícil acreditar que a coisa tenha se passado assim, sem premeditação. Sem dúvida, alguém o mandou lá.

— Não direi nada de ninguém que tenha trabalhado comigo — respondeu altivamente Horne. — Sou um assassino, mas não traidor.

Nares passou pela frente do rapaz e, chegando à porta, chamou todos para que saíssem.

— Vamos todos sair, mas esse sujeito vai sob prisão — disse ele em voz baixa ao secretário.

De um modo geral, todo o grupo sentia que, depois da confissão do assassino, era ridículo irem todos para os rochedos dar caça a fantasmas. Nares, porém, apesar de ser o mais cético de todos, achou seu dever não deixar de pesquisar todos os campos, ou, melhor dizendo, todas as campas, porque, afinal, aqueles rochedos constituíam a única pedra tumular do infeliz Gideon Wise. Nares fechou a porta à chave, por ser o último a sair da casa, e seguiu os outros através da duna até os rochedos. Ficou espantado ao ver avançar para eles o jovem Potter, o secretário, quase correndo, o rosto pálido quanto a lua.

— Meu Deus! — exclamou, falando pela primeira vez naquela noite. — Tem alguma coisa ali. Parece... parece mesmo ele...

— Você está maluco! — gaguejou o detetive. — Todo mundo está maluco!

— Acha que eu não saberia reconhecê-lo? — protestou o secretário com singular amargura. — Tenho boas razões para isso.

— Talvez você seja um com boas razões para odiá-lo, como disse Halket — respondeu num tom severo o detetive.

— Talvez — tornou o secretário. — Seja como for, conheço-o bem e garanto que o estou vendo ali, olhando, sob aquela maldita lua.

E apontava a fenda entre os rochedos, onde todos viam algo que podia muito bem ser o clarão do luar, ou uma faixa de espuma, mas que começava a tomar uma forma um pouco mais sólida. Aproximaram-se alguns metros e a coisa continuava ali, imóvel. Mas agora parecia uma estátua de prata.

O próprio Nares empalideceu e parecia hesitante, sem saber o que fazer. Potter estava francamente aterrorizado, como Horne, e até Byrne, que era um repórter calejado, preferia não se aproximar. Não podia deixar de estranhar, portanto, que a única pessoa que não se mostrava assustada era precisamente a que afirmara abertamente ter medo de fantasmas, se visse algum. O padre Brown continuava avançando resolutamente em seu passinho miúdo, como quem vai consultar um placar de notícias.

— Não parece perturbado — observou Byrne —, mas se não me engano, ainda há pouco confessou ser o único que acreditava em fantasmas.

— Já que fala nisso, você foi o único que declarou não acreditar — replicou padre Brown. — Mas acreditar em fantasmas de um modo geral e acreditar em um determinado fantasma são duas coisas muito diferentes.

Byrne se sentiu envergonhado e observou a crista dos rochedos iluminados pela luz fria da lua, que era o ponto em que surgia a visão... ou a ilusão.

— Não acreditava até que o vi — confessou.

— E eu deixei de acreditar quando o vi — disse o padre Brown.

O jornalista ficou admirado. O padre caminhou apressado pelo vasto espaço até a plataforma rochosa, dividida em duas partes por uma fenda. Sob a luz mortíça do luar, o mato do chão lembrava uma cabeleira grisalha, penteada pelo vento só numa direção, como que apontando os laivos brancos de calcário no meio da vegetação pardacenta e onde se erguia a pálida figura ou a sombra prateada que ainda ninguém sabia o que era. Entretanto, essa pálida figura continuava a dominar a paisagem desolada, solitária, a não ser pela silhueta negra e atarracada do padre que avançava na sua direção. Nessa hora, o prisioneiro, conseguindo se libertar dos guardas, soltou um grito penetrante e correu na frente do padre, atirando-se de joelhos diante do espectro.

— Já confessei — bradava ele. — Por que veio dizer que fui eu?

— Eu vim para lhes dizer que não me matou — respondeu o fantasma, que deu um pulo e soltou um grito, mas em outro tom. E todos perceberam que aquela mão era de carne e osso.



Aquele caso de sobrevivência foi um dos mais célebres dos últimos anos, segundo afirmava o experiente detetive e o não menos experiente jornalista. E, no entanto, ao fim e ao cabo, o caso era simples. Pedregulhos e lascas de rocha estavam caindo continuamente naquela fenda, formando uma espécie de plataforma ou degrau no vácuo até o mar escuro, lá embaixo. O sujeito, que era um velho rijo e seco, caíra nessa plataforma interna da rocha e passara vinte e quatro horas de pesadelo tentando subir pelas bordas que se esfarelavam sob seus pés, mas que acabaram por formar uma espécie de escada de salvação. Podia ser a explicação da ilusão de ótica de Horne quando via uma sombra branca que aparecia e desaparecia, acabando por ficar. Mas era Gideon Wise em carne e osso, com sua cabeleira branca, sua roupa de camponês coberta de poeira e seu rosto duro, ou um pouco menos duro que de costume. Talvez fizesse bem a todos os milionários passarem vinte e quatro horas num parapeito rochoso, a dois passos da eternidade! De qualquer modo, ele não só não se mostrou vingativo em relação ao criminoso, como fez também um relato do crime que mudava totalmente o caso. Declarou que Horne nunca o jogara ao mar, o chão é que cedera sob seus pés. O outro fizera até um certo esforço para segurá-lo.

— Naquele degrau providencial — declarou, solenemente —, prometi ao Senhor perdoar meus inimigos. E o Senhor acharia muito mesquinho da minha parte não perdoar um simples acidente como este.

Horne, claro, teve que sair dali ainda sob escolta da polícia, mas o detetive tinha como certo que sua detenção não seria longa e o castigo, se houvesse, muito leve.

— Foi um caso estranho — disse Byrne quando todos regressavam pelo atalho rochoso, em direção à cidade.

— É verdade — confirmou o padre Brown. — Nada disso é conosco, mas gostaria de parar um pouco para discutirmos os fatos.

Seguiu-se um silêncio e então Byrne cedeu, dizendo:

— Creio que já estava pensando em Horne quando afirmou que alguém não estava contando tudo o que sabia.

— Quando disse isso — replicou o padre — eu me referia ao secretário, sempre calado, daquele que já não é o falecido nem o saudoso (digamos) Mr. Gideon Wise.

— Bem, na única vez que Potter falou comigo pensei que era maluco — declarou Byrne, admirado —, mas nunca desconfiei que pudesse ser o criminoso. Ele disse algo sobre um congelador...

— Sim, ele sabia alguma coisa do assunto — murmurou o padre Brown, pensativo. — Eu nunca disse que ele pudesse ter algo a ver com o crime... Acho que Wise teria tido força suficiente para sair do precipício.

— O que está dizendo? — perguntou, admirado, o repórter. — Claro que saiu do precipício. A prova é que está ali vivo e são!

O padre não respondeu, mas dali a pouco perguntou bruscamente:

— O que acha de Horne?

— Bem, não se pode considerá-lo exatamente um criminoso — respondeu Byrne. — Nunca se comportou como os outros criminosos que tenho conhecido, e tenho uma certa experiência nesse capítulo. Claro, Nares tem mais que eu. Acho que nunca o consideramos criminoso.

— Quanto a mim, nunca o considere outra coisa — replicou calmamente o padre. — Você pode saber muito de criminosos. Mas há um tipo de gente que talvez eu conheça melhor que você, ou até mesmo que Nares. Conheço muito bem e como reagem.

— Outro tipo de gente — repetiu Byrne, intrigado. — A que tipo de gente se refere?

— Refiro-me aos arrependidos — explicou o padre Brown.

— Não estou entendendo bem — tornou Byrne. — Então não acredita neste crime?

— Não acredito na confissão dele — declarou o padre Brown. — Tenho ouvido muitas confissões e nunca ouvi uma como esta que fosse sincera. Era romântica, parecia tirada dos livros. Repare como ele falava da marca de Caim. Isso é bem dos livros. Não representa o que uma pessoa sente depois de cometer um ato que considera horrível. Imagine que você é um escriturário ou um caixeiro honesto e se sinta chocado ao verificar que, pela primeira vez, roubou dinheiro. Pensará imediatamente que sua ação é como a de Barrabás? Suponha que matou uma criança num acesso de fúria. Vai

rebuscar a história à procura de um ato semelhante, o caso de um potentado edomita chamado Herodes? Acredite, nossos próprios crimes são por demais horríveis, pessoais e prosaicos para que nosso pensamento vá logo procurar na história atos idênticos, por muitos que existam. E por que começou logo a dizer que não denunciaria os camaradas? Com isso, estava precisamente os denunciando! Ninguém tinha pedido que denunciasse alguém. Não, eu não acredito que ele tenha sido sincero e, por mim, nunca lhe daria a absolvição. Muito bonito, gente sendo absolvida pelo que nunca fez. — E o padre virou a cabeça e ficou olhando o mar.

— Mas eu é que não entendo aonde quer chegar! — exclamou Byrne.
— De que serve agora rodeá-lo de suspeitas, se ele já foi perdoado? Está fora de questão. Está livre.

Padre Brown deu meia volta como um pião e agarrou o casaco do companheiro, num gesto de grande e inesperada excitação:

— É isso mesmo! — exclamou com ênfase. — Livre de todo! Frio, frio! Por isso é a chave de todo o negócio!

— Oh, socorro! — exclamou em voz baixa o jornalista.

— O que eu quero dizer — teimou o padre — é que ele faz parte da conspiração, precisamente por estar fora dela. Eis a explicação de tudo.

— Uma explicação muito explícita, eu diria — replicou Byrne com ironia.

Ficaram ambos olhando o mar durante um tempo, depois padre Brown recomeçou com vivacidade:

— Voltemos ao caso do congelador. Vocês se enganaram onde se engana a maior parte dos jornais e dos homens públicos. Vocês se convenceram de que a única coisa contra a qual se deve lutar no mundo moderno é o bolchevismo. E essa história nada tem a ver com o bolchevismo, a não ser, talvez, como disfarce.

— Continuo a não entender — objetou o jornalista. — Temos três milionários assassinados...

— Não temos não! — interrompeu o padre numa voz aguda. — Aí é que está! Não temos três milionários assassinados, temos dois, o terceiro vivinho da silva pronto a dar o salto! Temos esse terceiro livre, para sempre, da ameaça que os outros lhe colocavam diante dos olhos, em termos verdadeiramente civilizados, nessa conversa lá no hotel que você me relatou. Gallup e Stein ameaçavam esse velho negociante com mania da

independência de que o congelariam se ele não aderisse à combinação deles. Daí a imagem do congelador, claro.

Depois de uma pausa, prosseguiu:

— É evidente que existe no mundo moderno um movimento bolchevista, e não há dúvida de que deve ser combatido, embora eu não acredite muito na sua maneira de combatê-lo. Mas no que ninguém repara é que existe igualmente no mundo moderno outro movimento igualmente moderno e em atividade: o grande movimento em prol dos monopólios, ou seja, tendente a transformar todo o comércio em trustes. Também é uma revolução. Produz o mesmo que todas as revoluções. Os homens matam por isso e contra isso, como no bolchevismo. Tem os ultimatos, as invasões e as execuções. Esses magnatas dos trustes têm cortes como os reis, guarda-costas e capangas, e também seus espiões no campo inimigo. Horne era um espião de Gideon Wise num dos campos do adversário. Aqui, porém, foi usado contra outro inimigo, os rivais que o arruinariam por querer ficar de fora.

— Ainda não estou entendendo de que forma ele foi usado — disse Byrne —, ou qual o proveito disso.

— Então não vê — exclamou vivamente o padre — que cada um deles dava um álibi ao outro?

Byrne continuava a fitar o padre, ainda desconfiado, mas a compreensão começava a se refletir em seu rosto.

— Foi isso o que eu quis dizer quando afirmei que ele fazia parte da combinação por estar fora dela! A maior parte das pessoas julgaria que eles nada tinham a ver com os outros crimes, uma vez que estariam implicados neste. De fato, tomaram parte nos outros dois porque não estavam metidos neste. Porque este nunca ocorreu! Era uma espécie estranha e improvável de álibi. Improvável e, portanto, impenetrável. Quase todo mundo pensaria que um homem que confessa um crime é sincero. Não passa pela cabeça de ninguém que a coisa nunca aconteceu, por isso, um deles nada tem a perdoar e o outro nada a temer. Juntavam-se ali, naquela noite, numa história que era contra eles. Mas acontece que, nessa noite, nunca estiveram ali. Horne estava assassinando Gallup no bosque, enquanto Wise estrangulava o judeu em seu balneário romano. Por isso é que duvidei de que Wise fosse forte para trepar pelos rochedos.

— Foi, de fato, um grande feito — respondeu Byrne, desconsolado. — Ajustava-se bem na paisagem e era mesmo convincente.

— Convincente demais para convencer — tornou o padre Brown, sacudindo a cabeça. — Que belo efeito, aquela espuma saltando e se transformando num fantasma. Tão romântico! Horne é um patife e um cara repelente, mas não se esqueça de que, como tantos outros patifes e sujeitos repelentes da história, também é um poeta!



FIM